

Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique

POR

José Formosinho, O. da Veiga Ferreira
e Abel Viana

Geologia; Escorço topográfico; Estudos anteriores;
Explorações de 1946-47

Muitos são os investigadores que se têm dedicado ao estudo geológico da Serra de Monchique. De entre eles citamos os eminentes geólogos estrangeiros Kraatz Koschlau e Hackman (1), E. Kayser (2) e os portugueses, Professores Pereira de Sousa (3), Medeiros Gouvêa (4) e Tôrre de Assunção (5).

Segundo Pereira de Sousa, nas Caldas de Monchique parece haver concordância entre os sienitos e os xistos: o sienito apresenta-se ali por cima dos xistos, mas para o Norte, porém,

(1) Kraatz Koschlau e Hackman — *Tschermak's Mineral und Petror.*, Mitt. III a IV Heft, pág. 197. 1896.

(2) E. Kayser — *Neues Jahrbuch fur Mineralogie, Geologie und Paläontologie*, xxxix Beilage Band., pág. 225. 1914.

(3) Pereira de Sousa — *Extrait du Bulletin de la Société Géologique de France*, 4.^a série, t. xxvi, págs. 321-350. 1926.

(4) A. de Medeiros Gouvêa — *Algarve — Aspectos fisiográficos*. Lisboa, 1938.

(5) Tôrre de Assunção — *Algumas observações petrológicas nas Caldas de Monchique*, in «Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa», págs. 55-65. Lisboa, 1944.

os xistos aparecem sobre os sienitos. Essa concordância, nas Caldas, é apenas parcial, entre uma apófise de sienito e os xistos. Contrariamente ao admitido por outros autores, este geólogo considera o vale que divide a Serra de Monchique como um vale tectónico, afirmando que a esse facto se deve a origem das águas termais que brotam nas Caldas.

Recentemente, após os trabalhos de escavação levados a efeito para as novas captações de água mineral, identificaram-se falhas importantes, com uma direcção aproximada à do grande vale que divide o maciço da Fóia do da Picota, o que vem corroborar as conclusões daquele distinto geólogo.

Medeiros Gouvêa dá a seguinte definição da Serra: «*Monchique*. É uma excrescência na paisagem geológica e geográfica. Lacólito partido ao meio entre os picos da Fóia e da Picota tem actualmente a direcção O.-L.». Ainda na opinião do Autor, a Serra de Monchique é um bloco lenticular cindido, por acções dinâmicas, em duas secções, entre as quais se desenrola a estrada das Caldas a Sabóia. Reporta-se às análises petrográficas de E. Kayser e de Pereira de Sousa, as quais «revelam que a rocha predominante é a sienite nefelínica, cinzenta — a foiaíte —, seguindo-se pela sua importância a *pulaskite*, com um pouco de nefelina, e a *akerite*, muito parecida com a rocha anterior, mas com algum quartzo e ortose».

Do mesmo estudo de Medeiros Gouvêa reproduzimos ainda os seguintes períodos resultantes das suas observações pessoais, isto é, directas:

— «Até hoje todos os autores têm considerado a orientação do maciço conforme com as linhas estruturais da região, o que confirmava a noção do encurvamento das plicaturas hercinianas a oeste da costa portuguesa, e no sentido O.-L. das dobrás do carbónico no Alentejo e Algarve. As minhas observações não condizem inteiramente com esta maneira de ver, muito embora

se me afigure que a intrusão do lacólito se tivesse dado em concordância estrutural, isto é, orientado de N.O. para S.E., foram, porém, as acções tectónicas posteriores que o partiram e lhe deram a direcção O.-L. que presentemente tem.»

«No seio da sienite encontram-se afloramentos de micro-sienites, de brecha traquítica, de tinguaites porfíricas, de chonquinites e de outras rochas. Numerosos filões de foiaíte, de monchiquite, de micro-chonquinites, de tinguaites, etc., atravessam também os xistos do carbónico que preenchem os espaços inter-digitais da «Serra». É impossível datar a idade do lacólito. Tudo o que se pode dizer é que é post-carbónico.»

O Prof. Tôrre de Assunção fez importantes observações petrológicas nas Caldas, já depois das grandes escavações realizadas para os referidos trabalhos de captação, e chamou a atenção para o caso de se considerarem estas falhas agora postas em franca visibilidade como que condicionadas por predisposições tectónicas, o que mais uma vez parece contribuir para que se considere o vale entre a Fóia e a Picota como originado por acções tectónicas.

*

Feitas estas considerações acerca da geologia da Serra e em particular das Caldas, vejamos qual a constituição dos terrenos em que assentam as estações arqueológicas nos arredores das Caldas de Monchique.

Alcaria. Fica situada nos xistos moscovianos. Pereira de Sousa diz que neste local existem xistos com inclusões de rochas eruptivas. Efectivamente, o contacto com os sienitos faz-se uns metros apenas para Norte desta necrópole, e é natural que tais inclusões existam, visto a irrupção dos sienitos ser muito posterior às formações primárias.

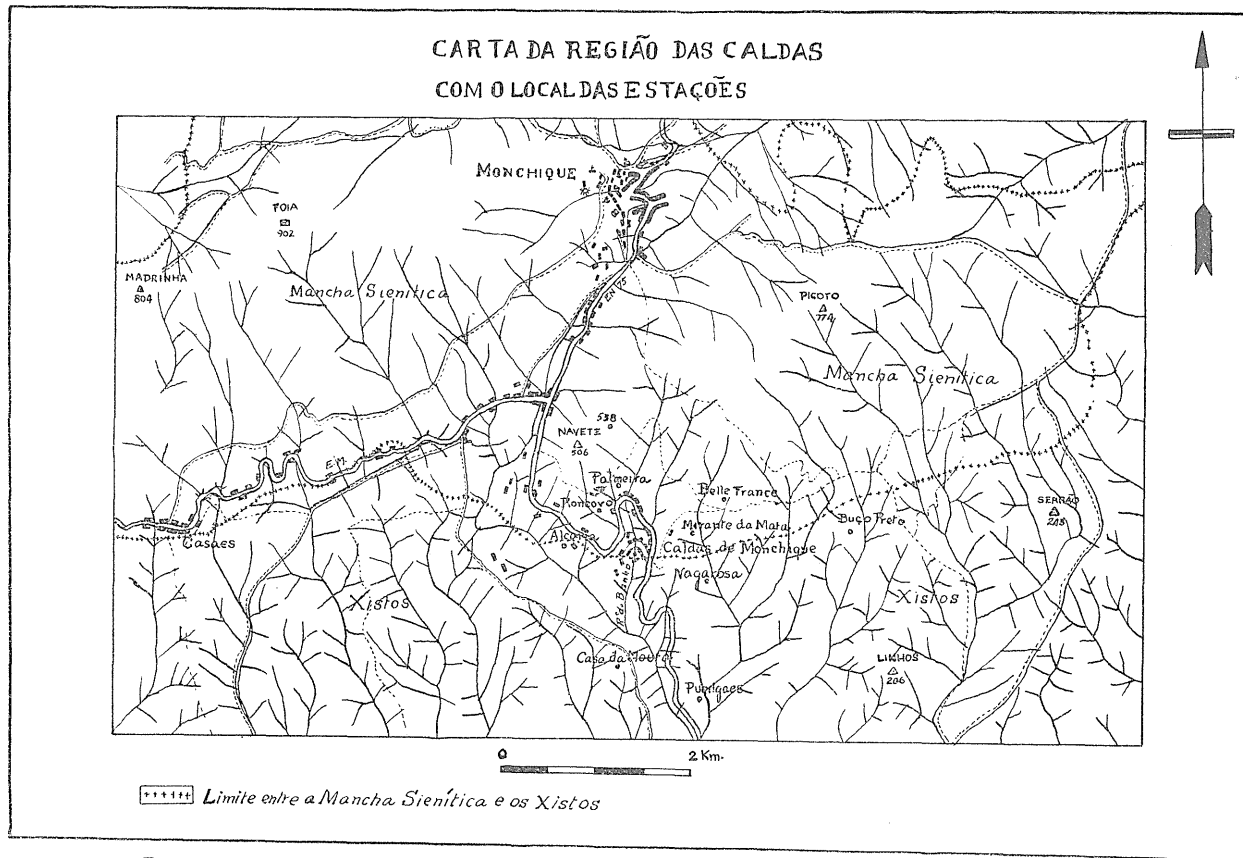


Fig. 1 — Mapa da zona das Caldas de Monchique, com a localização das estações arqueológicas.

Buço Preto. Situa-se também nos xistos do Carbónico. O contacto com o maciço sienítico faz-se, porém, no sopé do cerro onde fica a estação e do lado Norte.

Vagarosa. Está também situada na área abrangida pelos xistos moscovianos e bastante longe do contacto com os sienitos. A linha de contacto atravessa a Ribeira do Banho, junto à nascente termal denominada de Santa Teresa, ou de Santa Teresinha. Na área entre esta nascente e o Miradouro podemos observar: redes de diaclases, filões aplíticos e pegmatíticos, assim como se notam também concentrações pegmatíticas no meio do maciço de sienito nefelínico, algumas faixas gneissóides (estruturas de fluência), etc.

Casinha da Moura e Pocilgais. Compreendidas ainda em terrenos do Carbónico.

Mirante da Mata. Esta estação fica já situada na mancha sienítica que faz parte do maciço da Picota e quase no contacto com os terrenos do Carbónico.

Belle France, Rencovo. (Rincovo ou Roncovo), *Palmeira* e *Navete.* Ficam todas já na mancha sienítica que constitui o grande maciço da Picota. Nesta área podem-se observar bastantes filões de rochas negras (melanocratas) e fenómenos de disjunção esferoidal.

No mapa onde se indica a posição das estações vai marcado o limite da mancha sienítica que aparece no meio dos extensos afloramentos do Carbónico. (Fig. 1).

*

A área da Serra de Monchique abrangida pelas investigações a que respeita o presente relato é muito pequena, proporcionalmente a toda a extensão da Serra e seus contrafortes; limita-se, propriamente, como se vê no simplificado mapa apresentado na Fig. 1, às Caldas e suas imediações, sobretudo a Nascente, Norte e Poente.

Antes, porém, de entrarmos no estudo das estações arqueológicas que motivam estas páginas, lançaremos um rápido olhar retrospectivo ao até agora conhecido acerca da arqueologia desta zona do Algarve.

Deixaremos de lado o Paleolítico, pelo imenso que se distancia das épocas de que vamos tratar e, assim, vamos esboçar o aspecto arqueológico da região, mediante os conhecimentos legados por Estácio da Veiga em suas «Antiguidades Monumentaes do Algarve» (6).

Examinando o mapa da distribuição topográfica dos monumentos e achados pré e proto-históricos, apenso ao vol. 1.º da referida obra, nota-se que, à parte alguns registos de achados soltos — que o eminente investigador não colheu directamente — e das poucas informações que obteve a propósito de vestígios de monumentos — que não conseguiu examinar —, a vasta região de Monchique, em especial o trato das Caldas, ficou, por assim dizer, em branco, embora flanqueada por verdadeiros filões de tesouros arqueológicos, tais como Aljezur, Bensafrim, Odiáxere, arredores de Silves, São Bartolomeu de Messines, nomeadamente o autêntico formigueiro de antiguidades arqueológicas, desde a costa até às abas meridionais da Serra, entre a Ribeira de Odiáxere e o Rio de Silves: Alvor, Montes de Alvor, Sargaçal, Mexilhoeira Grande, culminando, nesta última povoação, com a famosa necrópole de Alcalar. (Vid. Fig. 2).

Ele próprio o diz — que mais de uma vez percorreu grande parte da Serra, mas que não descobriu monumentos megalíticos, nem teve notícia deles, pelos habitantes da vila ou das aldeias (vol. 1.º, pág. 100). Soube, por informação de Joaquim Duarte,

(6) Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga — *Paleoethnologia — Antiguidades Monumentaes do Algarve — Tempos prehistoricos*. Lisboa, Imprensa Nacional. Vol. I, 1886; II, 1887; III, 1889; IV, 1891.

propector mineralógico da antiga Escola Politécnica de Lisboa, então encarregado de desenhar alguns dolmens do Alentejo, que

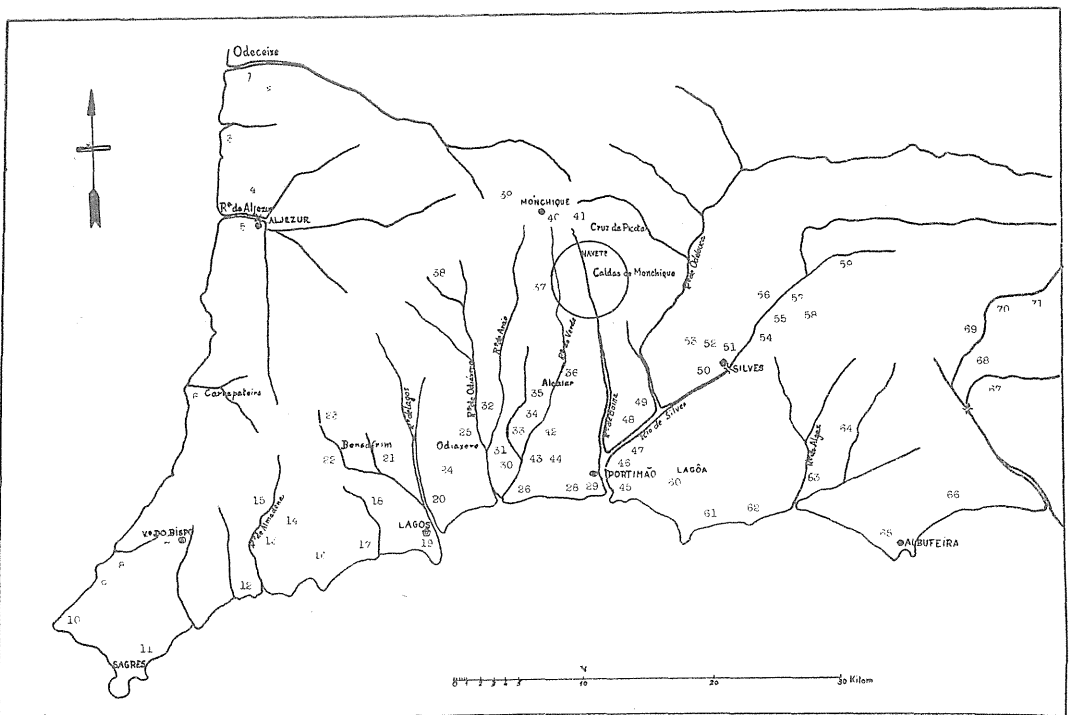


Fig. 2 — Extracto da Carta Arqueológica do Algarve (pré e proto-histórica), de Estácio da Veiga. Principais estações pré-romanas e locais de achados soltos, indicados pelo autor da Carta: 1 — Odeceixe; 2 — Torrejão; 3 — Caverna da Sincera; 4 — Arregata; 5 — Aljezur, Gruta das Gralheiras; 6 — Carrapateira; 7 — Vila do Bispo, Selanitos; 8 — Catalão; 9 — Caverna da Barriga; 10 — Cabo de São Vicente, Gruta dos Ouriços, Furna do Belixe Velho; 11 — Furna de João Vaz; 12 — Cerro das Alfaroibeiras, Boca do Rio; 13 — Budens, Areias; 14 — Capelas, Currais; 15 — Cerro do Haver; 16 — Selão Frio; 17 — Quinta da Luz; 18 — Espiche, Paúl; 19 — Cerro Grande, Ponta de Piedade; 20 — Molião; 21 — Cerro da Cruz; 22 — Bensafirim, Fonte Velha, Vargens; 23 — Monte Amarelo; 24 — Moirato, Chocalhos, Torre; 25 — Odiáxere; 26 — Rocha, Monte da Rocha, Cruzinha e Lameiro; 27 — Alvor; 28 — Grajão; 29 — Portimão, Vale da Freira, Vale do Frade; 30 — Gorga; 31 — Mexilhoeira Grande, Figueiral Velho, Mesquita; 32 — Cerro do Peso, Saragoçal; 33 — Arneiros, Cerca Nova, Palmeirinha; 34 — Santo Idefonso, Cerro do Algarve, Pojo; 35 — Alcalar, Tulha do Casarão da Freira; 36 — Monte Canelas; 37 — Moinho da Rocha; 38 — Marmetele; 39 — Fóia; 40 — Monchique; 41 — Cruz da Picota; 42 — Donaldá; 43 — Montes d'Alvor, Branquinha; 44 — Monte de Cima, Detrás das Vinhas; 45 — Ponta do Altar, Ferragudo; 46 — Estômbar; 47 — Mexilhoeirinha; 48 — Serra d'Arge; 49 — Furna da Zorra; 50 — Silves; 51 — Monte Branco; 52 — Monte de Roma; 53 — Monte da Pedra Branca; 54 — Cortes; 55 — Cumeada, Monte de Boi; 56 — Amorosa; 57 — São Bartolomeu de Messines; 58 — Portela; 59 — Messines, Zambujal; 60 — Lagoa, Bemparece; 61 — Porches Velho; 62 — Crastos; 63 — Alcantarilha Pera; 64 — Algoz, Senhora do Vilar; 65 — Albufeira, Senhora da Orada, Gruta das Gralheiras, Furnas da Praia, Furna da Orada; 66 — Cerros Altos; 67 — Paderne; 68 — Sumidouro dos Lentiscas; 69 — Fonte Santa; 70 — Alte, Sobradinho;

na rampa oriental da Fóia, não muito longe da vila de Monchique, havia restos de uma anta destruída, e que o mesmo perito infor-

mador achara um machado de xisto anfibólico. Por seu turno, de um lavrador de Monchique, Estácio da Veiga obteve por compra dois machados de pedra polida, assim como alguns objectos que atribuiu à Idade do Bronze.

Além destes dois machados, adquiridos no Marmelete, descreve o da Fóia, que Joaquim Duarte levou para a Politécnica de Lisboa, mais quatro da colecção de Júdice dos Santos (três da Fóia e um da Cruz da Picota), e ainda um brunidor e um percutor, do Moinho da Rocha, sítio marginal da Ribeira do Verde, entre Alcalar e as Caldas de Monchique. E mais não dizem as «Antiguidades Monumentaes do Algarve».

Em Maio de 1937, achando-se de passagem nas Caldas um dos signatários (A. Viana), fez ali um breve reconhecimento, durante o qual examinou várias sepulturas conhecidas dos habitantes locais, por terem sido já devassadas e algumas quase completamente destruídas, identificando, todavia, no Buço Preto, um túmulo em condições de ser metódicamente explorado. Com a cooperação de outro dos signatários (J. Formosinho), foram levadas a efeito as investigações relatadas num trabalho depois publicado (7).

Os locais vistoriados, inclusive aqueles de que procediam diversos objectos que então e tempos antes haviam sido oferecidos a A. Viana, foram, além do *Buço Preto*, o *Roncovo*, *Mirante da Mata*, *Vagarosa* e *Ladeira Formosa*.

No *Roncovo* e *Buço Preto*, patenteavam-se túmulos e restos de mamoadas que A. Viana e J. Formosinho consideraram neolíticos; o *Mirante da Mata*, *Vagarosa* e *Ladeira Formosa* (Casinha da Moura) ofereciam certo número de cistas da Idade do Bronze, plena.

Foram, contudo, os túmulos do *Buço Preto* que decidiram Formosinho e Viana às modestas escavações efectuadas naquele

(7) Abel Viana e José Formosinho — *Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique*, in «Ethnos», vol. II, págs. 369-389. Lisboa, 1942.

ano de 1937. Estas incidiram, principalmente, num dos túmulos do Buço Preto, cujo espólio constou de quatro machados de pedra polida, uma goiva, cinco enxós, quatro facas de sílex e mais alguns fragmentos de facas.

Acerca da arquitectura do túmulo (Fig. 23), concluíram deste modo: — «A forma da sepultura e a justeza das lajes levar-nos-iam a supô-la de época posterior, se não fora o seu espólio. Na verdade, todos os monumentos que nesta região exploramos (J. Formosinho) da época neolítica são bem diferentes destes do Buço Preto; assemelham-se todos aos da mesma época, explorados por Estácio da Veiga: os 3 de Aljezur e 2 de Bensafrim eram do sistema dolménico puro (tipo n.º 1 de Alcalar, de Estácio da Veiga); os 8 de Alcalar eram do tipo da *cultura alcalarense* — *dólmens sob tumuli*, com cripta e corredor extenso. Esta, pela ausência de cripta e pelas suas dimensões, leva-nos à suposição de que era a sepultura individual, o que nos parece único até agora descoberto, pelo menos aqui no Algarve, com referência a esta época. Temos encontrado, sim, com esta forma rectangular e dimensões aproximadas, mas da época do ferro (ibérica pré-romana), variando apenas nas cabeceiras, que em muitas delas são formadas por duas lajes em ângulo obtuso. Não tinha já vestígios de mamoa, mas a enorme quantidade de pedra miúda em volta firma-nos a convicção de que a teve. Isto mesmo nos foi confirmado pela outra sepultura (terceira, já referida) que encontramos a uns 200 metros a Sul e que, embora completamente profanada e destruída, mantinha grande parte da mamoa bem visível. Infelizmente, apesar de explorada com o máximo cuidado, nada continha já » (8).

(8) Aproveitamos o ensejo para emendar os lapsos tipográficos com que então saíram estes períodos. Fora outros erros espalhados no texto, há a apontar a inversão da fotogravura n.º 4, que representa a cista do Mirante da Mata.

*

A *campanha de 1945-47*. — Em Dezembro de 1945, estando nas Caldas de Monchique, em serviço de captação de águas do estabelecimento termal, o signatário Octávio da Veiga Ferreira identificou no Buço Preto outro túmulo do mesmo tipo dos explorados em 1937, e com a colaboração de J. Formosinho descobriu e estudou mais dois, publicando o respectivo relato ⁽⁹⁾.

Meses depois (Maio de 1946), por informes que teve do aparecimento de sepulturas no sítio de Alcaria, estudou Veiga Ferreira as onze primeiras cistas desta necrópole, oito das quais haviam já sido destroçadas pelos trabalhadores do campo. Ali tornou Veiga Ferreira em Dezembro do mesmo ano, observando mais oito, cinco das quais procuradas e investigadas sob a sua direcção.

Entretanto, no mês de Agosto anterior, localizara as mamoas do sítio da Palmeira, as quais desde logo, auxiliado pelo encarregado geral do pessoal empregado nas captações, Cláudio da Encarnação, começou a explorar, juntando-se-lhe novamente J. Formosinho. Em Setembro de 1947, finalmente, tomando A. Viana parte nos trabalhos, as investigações prosseguiram com as pesquisas no Navete, Belle France, Palmeira e Alcaria.

A data em que se redige o presente estudo geral das explorações na região das Caldas (Dezembro de 1947), as estações arqueológicas conhecidas nesta parte da Serra de Mon-

⁽⁹⁾ Octávio Ferreira — *Estação Pré-histórica do Buço Preto ou Esgravata-doiro*, in «Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores», n.º 3, págs. 89-95. Lisboa, Março de 1946.

chique, investigadas pelos signatários, formam o seguinte quadro (Figs. 1 e 2):

— *Roncovo*: Um túmulo, provavelmente neolítico, com parte do espólio estudado.

— *Mirante da Mata*: Uma cista já violada, mas de espólio conhecido.

— *Vagarosa*: Duas cistas, violadas.

— *Casinha da Moura*: Uma cista, violada.

— *Olival de José Júdice Samora*: Um túmulo, violado.

— *Buço Preto*: Cinco túmulos, um dos quais revolido pouco antes de Maio de 1937, mas com parte do espólio estudado e recolhido; os quatro restantes metódicamente explorados.

— *Palmeira*: Dezasseis túmulos metódicamente explorados.

— *Belle France*: Três túmulos metódicamente explorados.

— *Navete*: Um túmulo, metódicamente explorado.

— *Pocilgais*: Uma cista, metódicamente explorada.

— *Alcaria*: Vinte e duas cistas, das quais dez foram em parte ou totalmente exploradas.

Como alguns achados de vários destes locais foram já publicados, trataremos com mais minúcia das descobertas realizadas na campanha de 1945-47, embora tenhamos, visto que de um estudo de conjunto se trata, de nos referirmos resumidamente, mais adiante, aos trabalhos anteriores.

Em capítulo à parte, ocupar-nos-emos dos restos das termas romanas, de que alguns estudos parciais se deram à estampa, conforme devidamente anotaremos.

NECRÓPOLE DA PALMEIRA

I — O local

Estende-se esta necrópole por uma área relativamente vasta, desde uns 700 metros a Norte das Caldas de Monchique até 1.100 metros. O extremo S.E. até agora conhecido situa-se em um

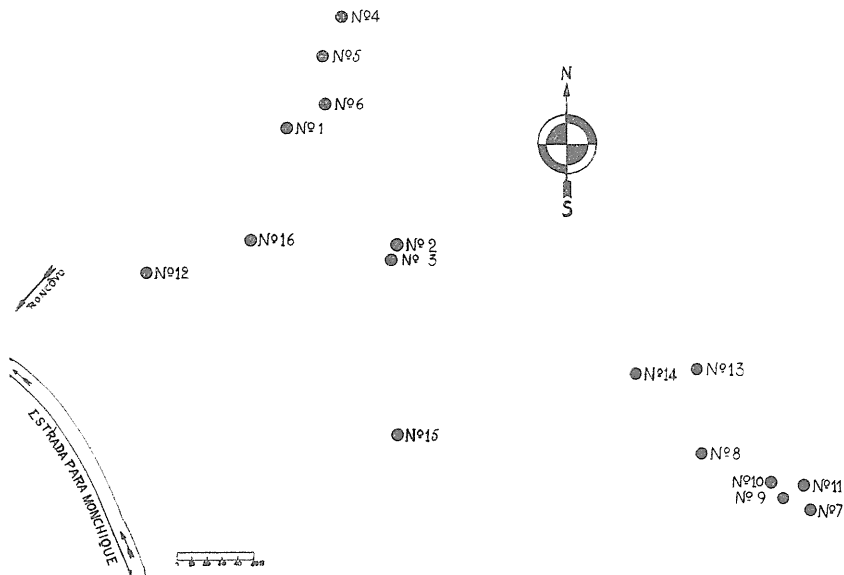


Fig. 3 — Esboço topográfico da necrópole da Palmeira; disposição dos túmulos.

elevado cômodo sobranceiro à estrada para Monchique mais ou menos a 100 metros a Sul do Rancovo, alongando-se a 300 metros para Nordeste e muito mais para Sueste (cerca de 500 metros).

Assenta, como atrás ficou dito, no maciço sienítico da Fóia, a pouca distância, para Sueste, da pirâmide geodésica do Navete. O contacto dos sienitos com o Carbónico verifica-se uma centena

de metros para Sul, pouco mais ou menos junto da trincheira da estrada que vai para Monchique, no sítio do Miradouro.

O solo é extremamente acidentado, entremeando-se as cristas de rochedos com as lajes planas, de pouca inclinação e superfície esfoliada. Nos interstícios preenchidos com terra vegetal e nas fendas da penedia enraizam o pinheiro bravo e o medronheiro, uma ou outra sobreira, alguns eucaliptos, mimosas, assim como o rosmaninho e outras plantas de idêntico porte. A cobertura é, porém, essencialmente de pinhal.

II — Os túmulos

As mamoadas ocupam ora os pontos mais elevados, onde, entre arestas do afloramento rochoso, havia alguma terra onde melhor se pudessem implantar os esteios das galerias, ora nos pequeninos bocados de terreno mais ou menos chão, que para o mesmo fim se prestassem.

Não há, verdadeiramente, uma regra. Tudo é pedregoso. Bem ou mal conservadas, as próprias mamoadas se confundem com o terreno circundante, e só a vista experimentada as pode distinguir do amontoado geral de pedregulho.

Os túmulos, isto é, as sepulturas pròpriamente ditas, são do tipo de galeria coberta, variando nas dimensões, número e grandeza dos esteios, e apresentando a forma rectangular, elipsoidal ou trapezoidal, e a orientação geral N.W.-S.E. Alguns tinham nos ângulos, ou em um dos lados, mais ou menos pronunciados desalinhamentos dos esteios, que nos parecem originários da construção, embora agravados por deformações resultantes da pressão do raizame das árvores e arbustos, exercida através de muitíssimos séculos.

Em nenhuma parte se encontraram sinais bem evidentes das

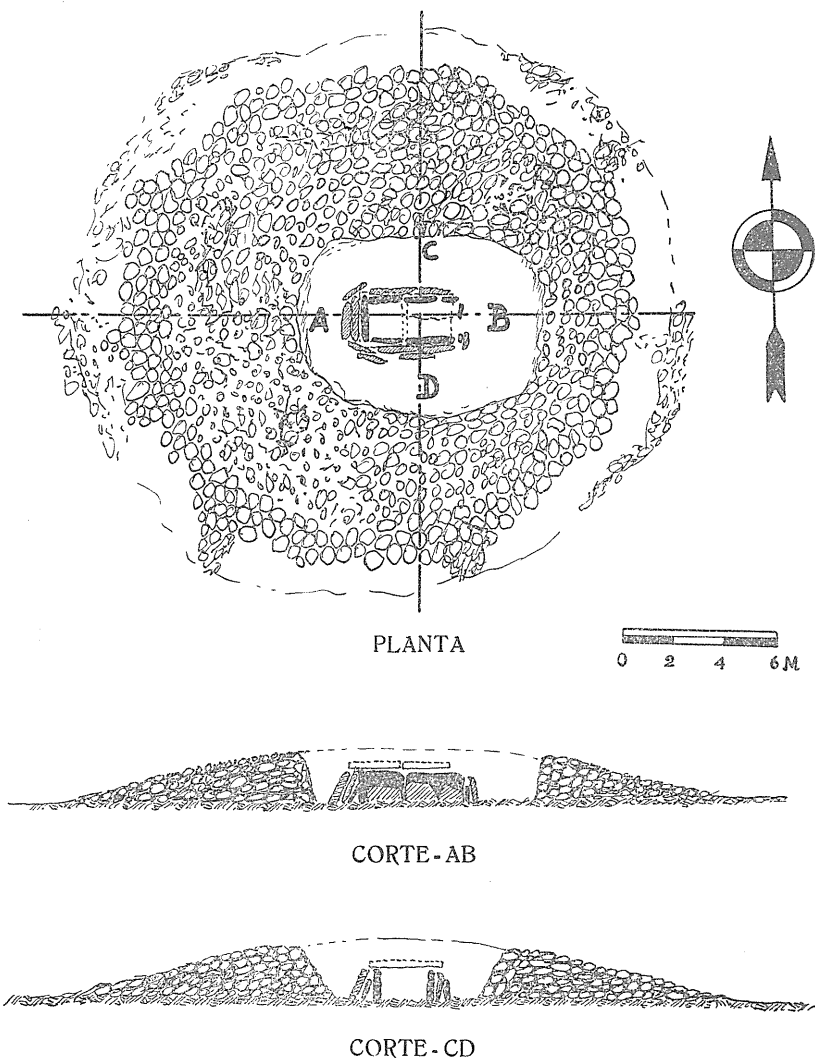


Fig. 4—Tipo das sepulturas *sob-tumulus*, das necrópoles das Caldas de Monchique.

coberturas, com excepção de um só túmulo, em que a posição de algumas pequenas lajes justificava a suspeita de haverem formado

a tampa. Mas com essas pequenas lajes estavam outros pedregulhos idênticos aos componentes das mamoadas — facto observado em quase todos os demais túmulos.

Tais coberturas, assim como alguns dos esteios que faltam na maioria dos túmulos, foram dispersadas por quantos agentes têm actuado na superfície do solo, inclusive a acção do homem, no arranque de árvores e das raízes dos arbustos («cepas»). Se bem que alguns túmulos mostrem indícios de terem sido revolvidos, não se pode afirmar que a necrópole em tempo nenhum fosse objecto de sistemático saqueio. É o que depreendemos do estado em que os túmulos, na maioria, foram encontrados: certa continuidade nos restos das fortíssimas mamoadas, a disposição dos esteios existentes e, sobretudo, a posição do espólio.

A violação só poderia ser fácil pela parte superior dos monumentos, em vista do tamanho das mamoadas e da maneira por que as pedras, bastante volumosas, que as constituíam, se encontravam dispostas — bem justapostas e encaixadas umas nas outras, em fiadas quase regulares, por vezes assentes em barro amassado, como se formassem parede de alvenaria.

Quer o arrasamento das mamoadas, quer o arranque das lajes, devem ter sido provocados sobretudo pela persistência das enxurradas que no decurso de tantos séculos foram arrastando as terras e o cascalho miúdo, sobremaneira impetuosas por ocasião das grandes precipitações. Sabido é que a região de Monchique se conta entre as de mais elevado grau de pluviosidade e que, durante os grandes aguaceiros, ali frequentes, águas torrenciais descem com violência, arrastando, por vezes, árvores e pedras de tamanho considerável.

Em épocas passadas, quando o manto florestal da Serra era mais extenso e mais denso, o fenómeno devia crescer de intensidade nos barrancos e nas clareiras menos defendidas em razão de incêndios e do desbaste feito pelo homem. Uma vez desnuda-

dos e descarnados os cimos dos *tumuli*, a dispersão das pedras, por outras vias, tornou-se fácil. Quanto à actividade dos lenhadores, sabe-se também quanto padeceu a cobertura florestal da Serra ainda em tempos modernos. As boas lajes, planas e relativamente leves, devido à pouca grossura, apropinquavam-se admiravelmente ao poiso de cortiços de abelhas, sendo certo que em antigos tempos os colmeais («malhadas», no Baixo Alentejo e Algarve; «alvariças», no Minho, etc.), pululavam na Serra, vendo-se ainda nos arredores das Caldas vestígios de muitos, que de certo modo se assemelham a ruínas de povoados extintos.

Mas o estado actual das mamoas dever-se-á sobretudo, repetimos, à prolongada e intensíssima lavagem das águas pluviais.

A cabeceira, voltada para o quadrante de Oeste, só em quatro casos bem averiguados (túmulos n.ºs 7, 8, 13 e 15) deixava de ser formada por uma única laje, alta, suficientemente grande para abarcar toda a largura da galeria e ainda cobrir os topos dos alinhamentos laterais.

Quanto aos demais esteios, variam muito de número, de túmulo para túmulo, e de tamanho, no mesmo túmulo. Assim, aquele que designamos por n.º 1 tinha cada lado formado por uma só laje, de 1^m,50 de comprimento por 0^m,85 e 0^m,90 de altura, tomando o aspecto de cista de grandes dimensões, ao passo que o n.º 4, com 5^m,80 de comprimento, contava sete de cada lado. Acerca da desigualdade dos esteios no mesmo túmulo, sirva de exemplo um dos alinhamentos laterais do n.º 3, em que o outro é formado por uma única laje muitíssimo comprida (1^m,70), ou do n.º 2, monumento este em que a grande diversidade na espessura dos esteios igualmente se patenteia.

Parece, portanto, que os construtores se limitavam a escolher uma pedra conveniente para a cabeceira, utilizando indistintamente quaisquer outras para servirem de esteios laterais e

dos pés, embora aproveitando, sem dúvida, as maiores e mais planas, ou seja, as melhores que para o efeito conseguiam colher entre as que naturalmente se lhes deparavam no solo. Não sem que as mesmas lajes se prestassem a ficar unidas pelos topos quando tal não sucedia, como, por exemplo, no túmulo n.º 4, os extremos das lajes ficavam sobrepostos. Algumas vezes (túmulos n.ºs 4, 6, 9 e 14), por fora de um esteio havia outro, de reforço.

A grande solidez e defesa do túmulo consistia, porém, na enorme quantidade de pedra aplicada na mamoa, e na forma como esta era construída (Fig. 4).

Deste particular trataremos mais pormenorizadamente ao falarmos do túmulo do Navete. Quer os esteios, quer o pedregulho das mamoas são dos sienitos do próprio local.

Quanto à posição do espólio, pôde-se observar que na maior parte os objectos constitutivos do mobiliário fúnebre foram depositos ao longo das paredes laterais do túmulo e, algumas vezes, também aos pés. À cabeceira só esporadicamente e nos túmulos mais extensos. Assim devia ser, porque a parte central era ocupada pelo corpo do defunto.

Muito elucidativos, a este respeito, os túmulos n.ºs 1, 2, 3, 5, e 7. Os pontos em que aí foram encontradas as diversas qualidades de contas correspondem ao pescoço, aos pulsos e aos arthros do indivíduo tumulado. A exiguidade dos restos de ossadas que pudemos recolher ou simplesmente ver não permitiu averiguar se os túmulos mais compridos serviram de sepultura a mais de um indivíduo, mas o exame do n.º 7, todavia, parece demonstrar que mesmo os túmulos maiores foram sepulturas individuais. Apesar da sua grande extensão ($3^m,20 \times 1^m,40$), um só corpo fora colocado a meio, ficando a cabeça muito afastada do topo do túmulo, conforme se conclui do ponto em que se encontravam alguns dentes, de mistura com pequeninos fragmentos de ossos, que deveriam ser do crânio. No espaço intermediário, da parte da

cabeça e no mesmo eixo longitudinal do túmulo, foram achadas quatro urnas.

O n.º 2, de dimensões quase iguais (3^m,40 × 1^m,23), oferece exemplo análogo, à parte o copioso vasilhame que enriquecia o espólio do anterior.

A maneira como achamos algumas peças (machados, facas, urnas, etc.) pela parte de fora dos esteios, mas rente aos túmulos, leva-nos a supor que tais objectos não caíram ali acidentalmente no momento da tumulação, nem foram ali parar por causa de ulterior revolvimento do conteúdo dos túmulos; antes se nos afigura terem sido assim de propósito colocados durante o cerimonial funerário, ou pouco depois, porquanto as mamoadas deviam tê-los coberto, dando-se ainda a circunstância de alguns destes objectos serem vasos de barro bastante frágeis e chegarem até nós completos, escapos ao esmagamento.

Oferece-nos um caso típico o túmulo n.º 7: Os dois vasos, três facas de sílex, o machado de pedra polida e a pequena barra de xisto perfurada nas extremidades (braçal de arqueiro) estavam pela parte externa de um dos esteios dos pés do túmulo; pela banda de dentro do mesmo esteio, jaziam três machados, duas enxós e um vaso. Tudo isto, segundo nos pareceu, ocupava os lugares onde foi depositado à data da tumulação.

Também registamos o facto de que todos os objectos achados nos túmulos foram por vezes colocados muito próximos uns dos outros, e até contíguos, como se viu, por exemplo, em relação a algumas vasilhas, mas nunca amontoados. Com excepção das contas miúdas que, como é óbvio, pertenceram ao mesmo colar.

Já o mesmo não dizemos a respeito das contas volumosas, as quais, jazendo sempre desacompanhadas de outras, quer-nos parecer que, ou por obediência a um costume, ou por insuficiência do possuidor, ou, ainda, pela raridade dessas pedras de adorno

pessoal, deviam ser usadas isoladamente, e não enfiadas com outras.

A despeito de todos os cuidados, não podemos garantir que um ou outro dos objectos mais pequenos occupasse rigorosamente o ponto em que o marcamos no túmulo (que foi, pelo menos, aquele em que a vista o alcançou no decurso da escavação), mas para a quase totalidade tal marcação deverá merecer confiança. Sendo assim, persuadimo-nos de que as minúsculas contas de xisto (discos) eram usadas ao pescoço e nos pulsos, e as grandes nos pulsos e nos artelhos.

Outras peças do espólio achavam-se colocadas sobre pequenas lajes. Nos cantos da cabeceira do túmulo n.º 1 estavam também pequenas lajes, uma em cada canto, sobre as quais poisavam restos de ossadas.

As indicações sinaladas nos esboços em que figuramos os túmulos dispensam a descrição de mais pormenores.

III — O espólio

TÚMULO N.º 1. — Apresenta a configuração indicada no esboço reproduzido na Fig. 5. Faltavam-lhe um dos lados e a parte oposta à cabeceira. Pelo que resta do monumento, há a notar muita regularidade na forma dos esteios e certa perfeição no seu ajustamento.

(Nota: Como nos esboços em que figuramos os túmulos vão indicadas as dimensões, dispensamo-nos de as dar aqui).

ESPÓLIO. — Uma *enxó* de corneana cinzento-clara. Bisel quase plano e gume quase recto. Totalmente polida e com mutilações antigas nas duas faces. Tem facetas laterais. A forma geral do instrumento é plano-convexa, sendo a face convexa bastante

abaulada. Comprimento 0^m,055; largura máxima 0^m,0345; espessura máxima 0^m,015. É dos mais pequenos exemplares achados nesta estação. (Est. X, 17 e Fig. 33-5).

Duzentas *contas* (pequenininos discos) de xisto. (Ests. XVI e XVII).

Dois *micrólitos* geométricos, de sílex. (Ests. XIII e XIV).

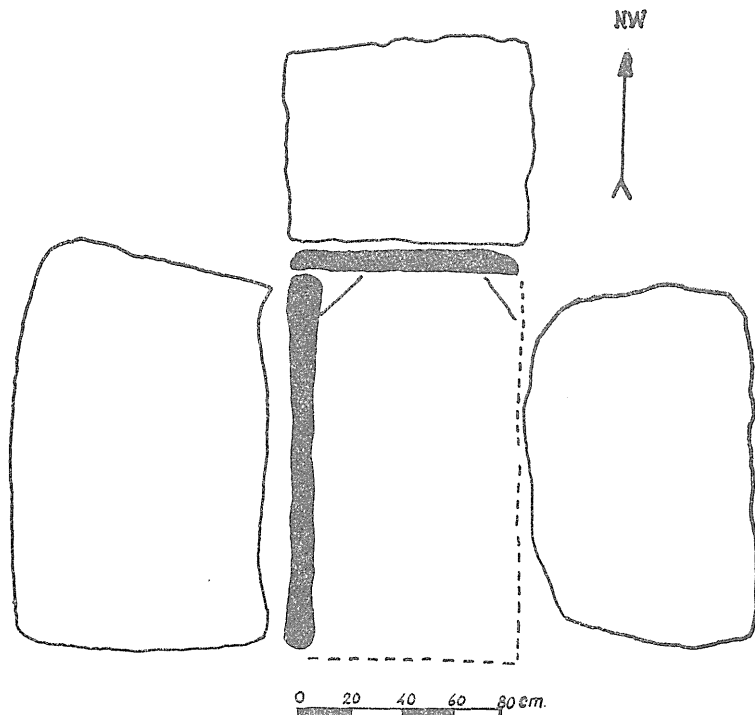


Fig. 5 — Palmeira: túmulo n.º 1.

Alguns pequenos fragmentos de *cerâmica*, sem particularidade mencionável.

Uma pequena porção de fragmentos de *ossos humanos*, os quais se encontravam colocados sobre duas pedras situadas aos ângulos da cabeceira, à maneira de peanhas. É de crer que tais peanhas fossem aí postas a fim de receberem esses restos de ossadas.

TÚMULO N.º 2. — Constitui belo exemplar de dólmen sob

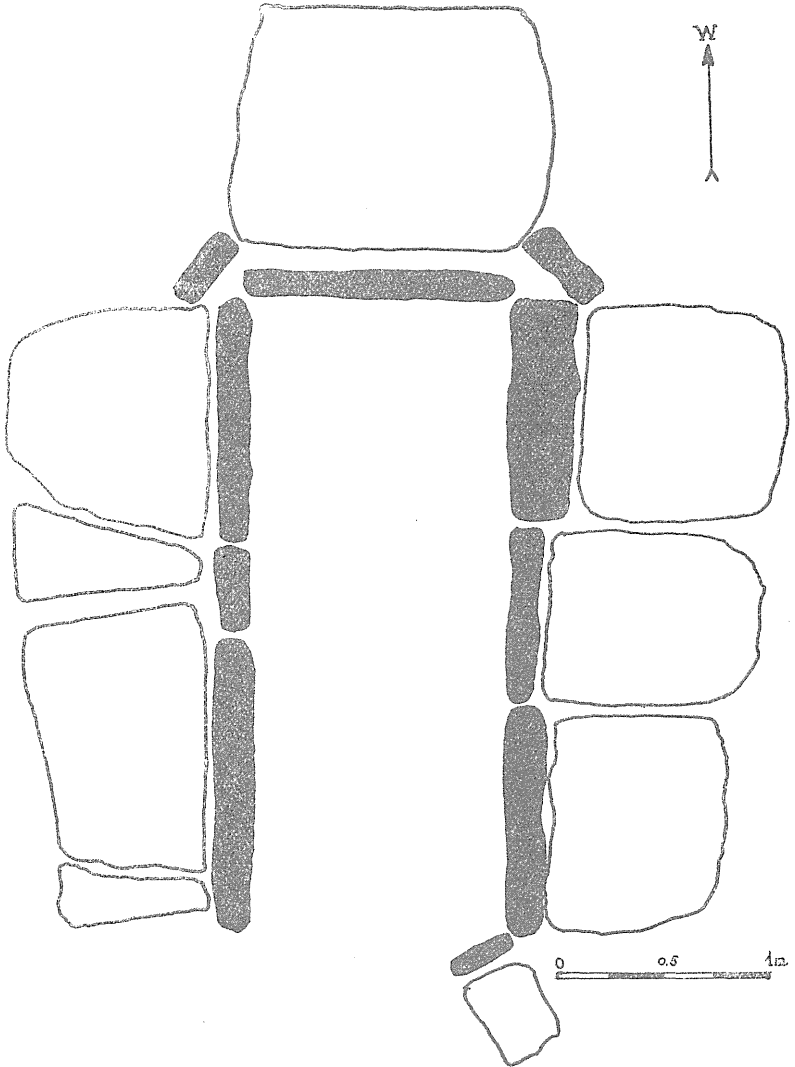


Fig. 6 — Palmeira: túmulo n.º 2.

tumulus. (Fig. 6). O tamanho dos esteios e a perfeita regularidade do seu ajustamento dão à construção aspecto imponente.

ESPÓLIO. — Grande *machado* de sienito micro-granular, cinzento-azulado, alongado, muito simétrico, de secção transversal elíptica tendendo para cilíndrica. Todo bem polido, salvo algumas rugosidades em uma das faces e junto ao vértice, por maltrato do tempo. Gume-circular, bem centrado. Comp. 0^m,170; larg. 0^m,062; esp. 0^m,050. (Est. VII, 40 e Fig. 30-1).

Faca de sílex branco, com aresta mediana. Vestígios de uso nos dois bordos. Fragmentada em dois bocados. Comp. 0^m,115; larg. 0^m,022; esp. 0^m,005. (Est. XI, 71).

Enxó de xisto metamórfico (corneana) cinzento-azulado, claro. Forma geral plano-convexa, no feitio de uma lasca trapezoidal muito alongada. Dá a impressão de ter sido um machado, o qual se fendeu longitudinalmente, por meio de um golpe vibrado no vértice, ou talão, resultando deste golpe um negativo de bulbo que se vê na face correspondente ao plano pelo qual o primitivo instrumento foi rachado de alto a baixo. Depois, a parte do gume teve polimento, dando um bisel saliente ao plano geral desta face. Este bisel é ligeiramente convexo. Gume curvilinear, em arco aviajado. Todo o instrumento simplesmente alisado. Comp. 0^m,113; larg. 0^m,0435; espes. 0^m,0165. (Est. X, 41 e Fig. 34-3).

Conta de calaíte branca, ligeiramente esverdeada, esferoidal. Furo bicónico, bastante descentrado. Altura 0^m,0225; diâmetro máximo 0^m,024; idem, do orifício 0^m,009 e 0^m,010. (Fig. 41-7 e Est. XV, 80).

Conta de calaíte azul, com veios esbranquiçados, de forma tendente a cilíndrica. Largo orifício bicónico, muito descentrado, com desgaste nos bordos, produzido pelo fio de suspensão. Alt. 0^m,0295; diâm. 0^m,020; idem, nos orifícios 0^m,010 e 0^m,012. (Fig. 41-8 e Est. XV, 81).

Três *facas* de sílex e seis fragmentos de outras.

Uma ponta de *serra*, de sílex.

Mil e duzentas e vinte e três *contas* (pequeninos discos) de xisto. (Ests. LXXXI e LXXXII).

Vinte e nove *micrólitos* trapezoidais, de sílex. (Ests. XIII e XIV).

Um *micrólito* triangular, de sílex. (Est. XIV).

Metade de uma *ponta de seta*, de calcedónia. (Est. XIV, 117).

Uma pequena mó, de sienito.

Urna semi-esférica, fracturada em uma parte do flanco mas quase completa. Bastante gasta no fundo e com sinais da acção do fogo. Diâm. na boca 0^m,115; alt. 0^m,068; espes. no bordo 0^m,004; idem, no fundo 0^m,008. (Est. XX, 164).

Vários *fragmentos cerâmicos*.

TÚMULO N.º 3. — Estava rodeado de uma protecção de lajes, encostadas e sobrepostas aos esteios laterais, amontoadas em grande quantidade. Relativamente estreito e de construção semelhante à dos túmulos do Buço Preto. Completo, excepto pequena parte de um dos topos. (Fig. 7).

ESPÓLIO. — Dois fragmentos de uma grande *faca* de sílex esbranquiçado, com faceta mediana muito larga. Irregularmente retocada em um dos bordos. Falta uma porção intermédia destes dois fragmentos. Comp. dos dois bocados, reunidos 0^m,108; larg. 0^m,031; espes. 0^m,0055. (Est. XII, 69).

Conta de calaite verde, quase cilíndrica, alongada, com largo orifício de enfiamento mostrando desgaste pelo uso. Alt. 0^m,235; diâm. 0^m,0115; idem do orifício 0^m,007 e 0^m,007. (Fig. 41-10 e Est. XV, 77).

Conta de serpentina, elipsoidal curta, largamente truncada nos pólos. Com sinais de uso, revelado pelo desgaste nos bordos do orifício de enfiamento. Alt. 0^m,165; diâm. 0^m,017; idem, no orifício 0^m,007 e 0^m,0085. (Fig. 41-12 e Est. XV, 78).

Cinco *contas* (pequenos discos) de xisto. (Ests. XVI e XVII).

Cinco *micrólitos* trapezoidais, de sílex. (Ests. XIII e XIV).

Diversos fragmentos de *cerâmica*.

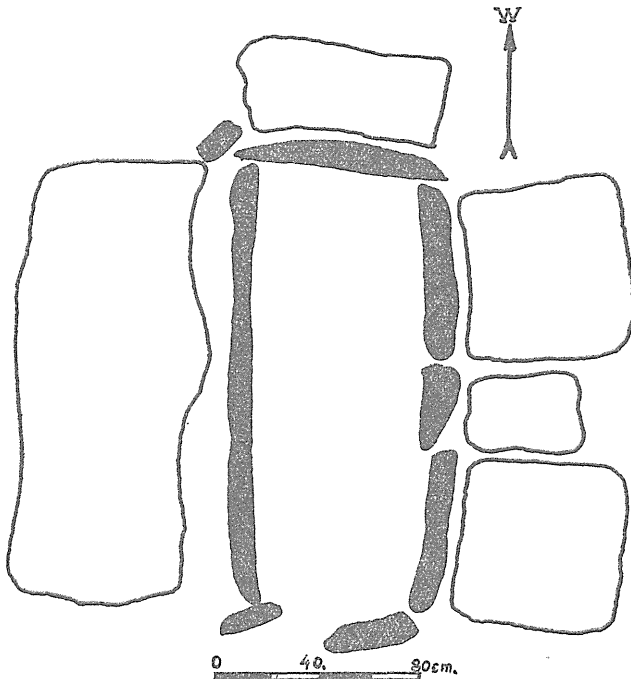


Fig. 7 — Palmeira: túmulo n.º 3.

TÚMULO N.º 4. — O maior de todos até agora descoberto e muito sólido, apesar da sua muito rude construção. Os esteios, excepto o da cabeceira, foram colocados a esmo, sobrepondo-se irregularmente pelos bordos laterais, os mais deles como que imbricados. (Fig. 8).

ESPÓLIO. — Pequeno *machado* de sienito (?), ovóide. Polido nas zonas contíguas ao gume e no resto simplesmente desbastado. Gume em arco de círculo, bastante saliente. Comp. 0^m,0745; larg. 0^m,041; espes. 0^m,025. (Est. VII, 35 e Fig. 33-3).

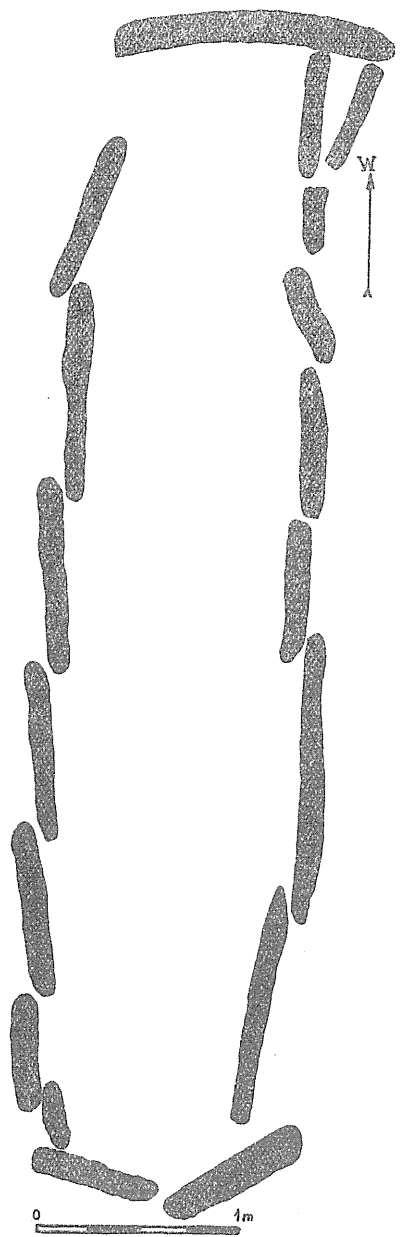


Fig. 8 — Palmeira: túmulo n.º 4.

Machado de corneana, quase paralelogrâmico, com o gume em arco de círculo e o vértice largamente arredondado. Polido somente nas zonas contíguas ao gume e apenas desbastado no resto, porém com regularidade e simetria. Comp. 0^m,0835; larg. 0^m,049; espes. 0^m,0242. (Est. VII, 37 e Fig. 37-3).

Enxó de sienito, com pátina acastanhada. Trapezoidal alongada. Toda a peça é muito bem polida, mas com extremo apuro no bisel e no dorso deste. Mostra uma mutilação antiga na face côncava. Bisel plano e gume bastante arqueado. Comp. 0^m,078; larg. 0^m,044; espes. 0^m,017. (Est. X, 36 e Fig. 30-4).

Grande *enxó* de corneana cinzenta. Gume recto. Bisel plano. Facetas laterais, uma delas com desbaste na metade superior. Todo o exemplar está bem alisado, mas sem nenhuma porção polida. Comp. 0^m,145; larg. 0^m,052; espes. 0^m,016. (Est. X, 38 e Fig. 32-4).

Pequena *enxó* de corneana, de forma triangular, com o vértice inclinado para a esquerda, em relação à face biselada. Facetas laterais bem marcadas. Bisel arqueado. Gume quase rectilíneo. Todo o exemplar regularmente polido. Comp. 0^m,072; larg. 0^m,037; espes. 0^m,0145. (Est. X, 39 e Fig. 37-5).

Faca de calcedónia, com larga faceta média, estreitando para a ponta. Retoques grosseiros e irregulares em ambos os bordos. Fragmentada em dois bocados. Comp. 0^m,0985; larg. 0^m,016; espes. 0^m,0065. (Est. XI, 67).

Faca de sílex acinzentado, bastante arqueada, apresentando no dorso cinco facetas longitudinais, representativas de outros tantos negativos de compridas lascas. Um dos bordos está finamente retocado, ao passo que o outro revela apenas ligeiros vestígios de uso. Falta-lhe a ponta, por fractura recente. Comp. 0^m,061; larg. 0^m,015; espes. 0^m,045. (Est. XI, 72).

Fragmento de *facca* de sílex cinzento, com faceta média e retocada em ambos os bordos muito regularmente. Comp. 0^m,0485; larg. 0^m,015; espes. 0^m,004. (Est. XI, 70).

Micrólito trapezoidal, de sílex.

Grande *conta* de serpentina, elipsoidal, truncada nos pólos. Alt. 0^m,034; diâm. 0^m,024; idem, do orifício 0^m,008 e 0^m,0105.

O orifício de enfiamento é regularmente centrado. (Fig. 41-6 e Est. XV, 79).

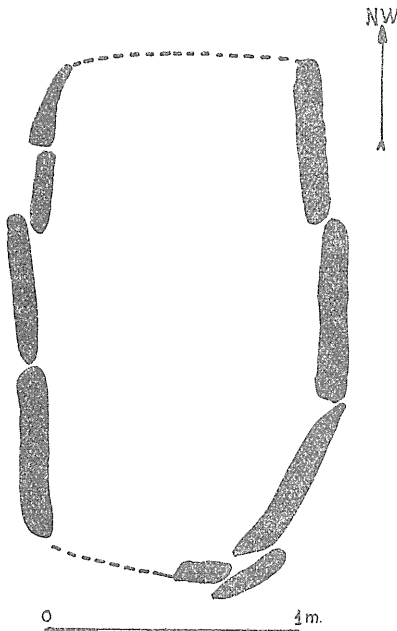


Fig. 9 — Palmeira: túmulo n.º 5.

TÚMULO N.º 5. — Formado por esteios pequenos, semelhantemente aos túmulos do Buço Preto. Faltam-lhe um dos topos e a maior parte do outro. (Fig. 9).

ESPÓLIO. — *Machado* de xisto metamórfico (corneana), cinzento-esbranquiçado, com largas facetas laterais, bem alisado mas sem polimento. Exemplar muito perfeito e simétrico, tendo sòmente uma

ligeira mutilação antiga em uma das faces. Comp. 0^m,130; larg. 0^m,0565; espes. 0^m,0355. (Est. VII, 10 e Fig. 32-1).

Machado de sienito cinzento-esverdeado. Polido apenas no gume e rugoso no restante. Secção transversal elíptica. Não tem facetas laterais. Gume bastante arqueado e bem centrado, com uma fractura recente. Comp. 0^m,123; larg. 0^m,0525; espes. 0^m,034. (Est. VII, 11 e Fig. 32-3).

Pequena *enxó* de corneana cinzento-clara. Tem a forma de trapézio muito alongado e inclinado para um dos lados. Gume recto. Mostra duplo bisel, sendo um deles quase três vezes mais extenso que o outro. Comp. 0^m,0595; larg. no gume

0^m,0335; idem no cimo, ou talão 0^m,0255; espes. 0^m,0135. (Est. X, 12).

Pequenina *enxó* de corneana cinzento-clara. Bisel côncavo e gume arqueado. Tem algumas mutilações superficiais antigas e outra, grande, no gume, devida a acidente de exploração. Comp. 0^m,0445; larg. 0^m,028; espes. 0^m,0115. (Est. X, 13 e Fig. 35-6).

Enxó de corneana cinzento-clara, muito achatada, bem alisada, e polida só no bisel, que é ligeiramente côncavo. Gume quase recto. Mostra algumas ligeiras mutilações antigas. Comp. 0^m,115; larg. 0^m,044; espes. 0^m,0155. (Est. X, 14 e Fig. 34-4).

Enxó de corneana cinzento-esbranquiçada. Polida sòmente no bisel. Gume pouco arqueado. Bem alisado o resto do instrumento. Algumas antigas mutilações em uma das faces. Comp. 0^m,092; larg. 0^m,0375; espes. 0^m,015. (Est. X, 15 e Fig. 31-4).

Pequenina *enxó* de corneana cinzenta, com largas facetas laterais. Muito simétrica. Bisel plano e gume recto. Totalmente polida e com ligeiro embotamento do gume, devido a uso. Comp. 0^m,057; larg. 0^m,0295; espes. 0^m,011. (Est. X, 16 e Fig. 35-5).

Conta de serpentina, alongada, tendendo para cilíndrica. Largo orifício longitudinal, regularmente centrado e de calibre quase simétrico. Alt. 0^m,025; diâm. 0^m,013; idem, do orifício de enfiamento 0^m,007 e 0^m,008, (Fig. 41-9 e Est. XV, 76).

Conta de serpentina, quase cilíndrica. Furo bicónico, muito descentrado no interior da peça. Alt. 0^m,0305; diâm. 0^m,015; idem, do orifício 0^m,008 e 0^m,008. (Fig. 44-11 e Est. XV, 82).

Pequenos fragmentos de *cerâmica*.

TÚMULO N.º 6. — De conformação idêntica à do n.º 5. Falta-lhe sòmente a cabeceira. (Fig. 10).

ESPÓLIO. — *Machado* de corneana cinzento-clara, pequeno e espesso, muito simétrico e bem polido. Gume semicircular e bem

centrado. Simetria quase perfeita, tanto de frente como de perfil, embora só uma das facetas laterais esteja bem definida. Mutilado na extremidade oposta ao gume, por fractura antiga. Comp. $0^m,076$; larg. $0^m,0485$; espes. $0^m,028$. (Est. VII, 18 e Fig. 37-4).

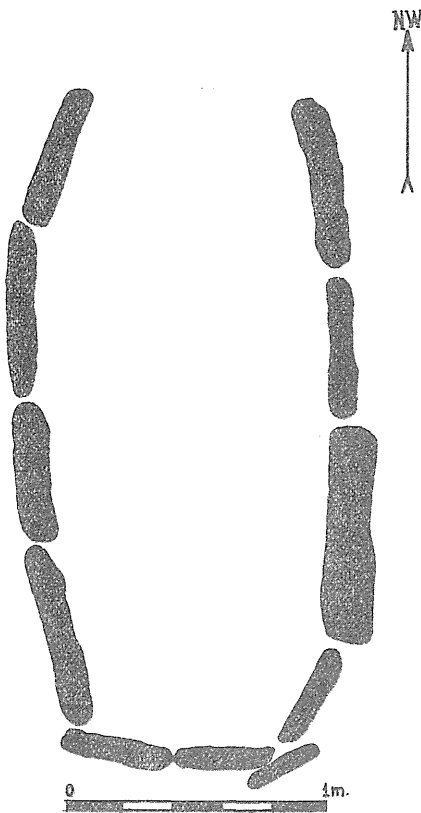


Fig. 10 — Palmeira: túmulo n.º 6.

mossas, talvez propositadas, ao longo das facetas laterais e na zona junto ao talão. Comp. $0^m,088$; larg. $0^m,54$; espes. $0^m,024$. (Est. VII, 20 e Fig. 30-5).

Machado de sienito cinzento-acastanhado. Forma geral trapezoidal, com as bases curvas. Gume pouco arqueado. Polido em

Pequeno *machado* de corneana cinzento-clara, bastante espesso, muito simétrico, de forma geral triangular, com a base em arco de círculo e o vértice oposto em ogiva. Largas facetas laterais. Todo polido, com excepção de duas largas zonas centrais, uma em cada face, onde parece ter havido escalavramento propositado, a fim de permitir melhor condição de encabamento. Comp. $0^m,0815$; larg. $0^m,0535$; espes. $0^m,0350$. (Est. VII, 19 e Fig. 35-3).

Machado de corneana cinzento-amarelada, bastante simétrico, muito achatado e de forma geral ovóide. Bem polido, especialmente no gume. Apresenta diversas

larga zona de ambas as faces, junto ao gume, e apenas grosseiramente desbastado no resto do instrumento, embora mantendo certa regularidade na forma geral. É mais um exemplar em que se nota preparação especial para melhor fixação do cabo. Comp. 0^m,081; base correspondente ao gume 0^m,055; idem, oposta ao gume 0^m,014; espes. 0^m,033. (Est. VII, 21 e Fig. 50-4).

Machado de corneana cinzento-claro, com uma fina linha de diaclase preenchida por material diferente, obliquamente às faces. Forma um tanto achatada. Largas facetas laterais. Regularmente polido. Tem várias mutilações antigas, assim como imperfeições de fabrico, devido a irregularidades da rocha. Comp. 0^m,112; larg. 0^m,059; espes. 0^m,315. (Est. VII, 22 e Fig. 35-1).

Machado de sienito (?) cinzento-escuro. Bastante simétrico e regularmente polido. Gume pouco arqueado. Algumas profundas mutilações em uma das faces. Comp. 0^m,106; larg. 0^m,0565; espes. 0^m,33. (Est. VII, 23 e Fig. 37-1).

Pequeno *machado* de corneana cinzento-claro, muito achatado, talhado paralelamente ao plano de estratificação da rocha — particularidade perfeitamente nítida. Forma trapezoidal, com leve arredondamento no gume e em pronunciado arco de círculo na extremidade oposta. Mais ou menos polido, conforme as camadas de estratificação. Bastante esmoucado aos lados e no vértice. Comp. 0^m,077; larg. 0^m,042; espes. 0^m,017. (Est. VII, 24 e Fig. 35-4).

Machado de sienito (?) cinzento-azulado, muito alongado, de secção transversal ovóide. Gume estreito e pouco arqueado. Polido nas zonas contíguas ao gume e picotado (bujardado) em todo o resto. Comp. 0^m,156; larg. 0^m,0665; espes. 0^m,043. (Est. VII, 25).

Machado de sienito (?) azulado. Tem a forma geral de cunha. Polido junto ao gume e picado no resto. Vértice arredondado e gume quase recto. Comp. 0^m,103; larg. 0^m,053; espes. máx. (na extremidade oposta ao gume) 0^m,295. (Est. VII, 26 e Fig. 38-2).

Pequenina *goiva* de xisto metamórfico orientado no sentido longitudinal, cinzento-esverdeado escuro. Bem polida na superfície biselada e no dorso da mesma, assim como junto ao vértice, na face em que está o bisel. Rugosa em toda a superfície restante. Comp. 0^m,0635; larg. 0^m,0215; espes. 0^m,011. Este exemplar é muito simétrico (Est. X, 25).

Goiva de xisto rijo, não corneano, talhada paralelamente à estratificação. Cor amarelada. Fraco polimento no bisel e simplesmente alisada no resto, porque a rocha não consente polimento uniformemente regular. Comp. 0^m,098; larg. 0^m,0275; espes. 0^m,0155. (Est. VII, 28 e Fig. 38-5).

Pequena *enxó* de xisto corneano cinzento-claro e zonado obliquamente. Forma trapezoidal. Regularmente polida, excepto uma rugosidade em uma das faces, junto ao gume e ao longo de uma das facetas laterais. Gume quase recto e bisel sensivelmente plano. Na extremidade oposta ao gume há algumas pequenas mutilações. Comp. — 0^m,061; larg. no gume — 0^m,038; idem, na extremidade oposta — 0^m,28; espes. — 0^m,013. (Est. X, 29 e Fig. 38-9).

Enxó de corneana cinzento-azulada. Bisel ligeiramente arqueado e gume em leve curvatura. Este instrumento, depois de regularmente alisado, levou pequenas mutilações em série, ao longo de ambos os lados, a fim de se obterem rugosidades que melhor garantissem a firmeza do encabamento. Comp. 0^m,106; larg. 0^m,041; espes. 0^m,016. (Est. X, 30 e Fig. 33-2).

Enxó de corneana cinzento-clara, toda regularmente polida, mas com extensas zonas escalavradas, em ambas as faces, assim como na parte central dos lados, trabalho este que parece ter sido destinado a facilitar ou a consolidar o encabamento. Tem mutilação antiga no vértice. Bisel mal definido, dando ao gume, que é pouco encurvado, o aspecto de um machado. Comp. 0^m,130; larg. 0^m,0495; espes. 0^m,017. (Est. X, 31 e Fig. 34-1).

Enxó de corneana cinzento-clara. Muito delgada, com o aspecto de lasca ovóide muito alongada, convexo-côncava, ligeiramente helicoidal. Lembra, pela forma, a valva de um mexilhão, um pouco torcida. Polida sòmente em estreitíssima faixa rente ao gume e desbastada no resto. Comp. 0^m,1025; larg. 0^m,044; espes., junto ao gume 0^m,044; espes. máx., próximo do vértice 0^m,013. (Est. X, 32 e Fig. 39-3).

Pequena *enxó* de corneana cinzento-clara, de forma trapezoidal alongada. Regularmente simétrica e apenas alisada. Tem algumas zonas ásperas e com mutilações muito superficiais. Bisel plano e gume quase recto. Comp. 0^m,066; larg. 0^m,035; espes. 0^m,0145. (Est. X, 33 e Fig. 37-6).

Enxó de monchiquite, em forma de comprida lasca ligeiramente côncavo-convexa e também lateralmente encurvada. Bem polida no bisel e regularmente no resto. Bisel plano e gume quase recto. Comp. 0^m,115; larg. 0^m,044; espes. 0^m,135. (Est. X, 34 e Fig. 32-2).

Faca de sílex amarelado, com aresta mediana irregular. Finalmente retocada nos bordos. Comp. 0^m,069; larg. 0^m,020; espes. 0^m,01. (Est. XII, 58).

Fragmento de larga *faca* de sílex cinzento com manchas esbranquiçadas. Tem estreita faceta média e vestígios de uso em ambos os bordos. Comp. 0^m,078; larg. 0^m,040; espes. 0^m,0085. (Est. XII, 60).

Faca de sílex, fortemente patinado de amarelo-torrado, com aresta média, e retocada muito irregularmente nos dois bordos. Falta-lhe a ponta e está partida em quatro bocados, devido a acidente de exploração. Comp. 0^m,165; larg. 0^m,039; espes. 0^m,009. (Est. XI, 63).

Três *micrólitos*, trapezoidais, de sílex. (Ests. XIII e XIV).

TÚMULO N.º 7. — Este grande monumento tumular (Fig. 11), embora havendo outro maior (o n.º 4) e outro de igual tamanho, nesta mesma necrópole, tornou-se notável pela quantidade e qua-

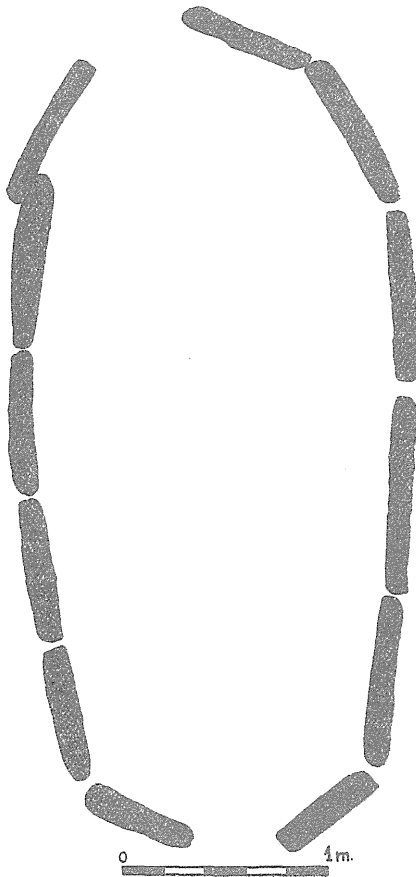


Fig. 11 — Palmeira: túmulo n.º 7.

lidade dos objectos nele encontrados. Parece estar-se em presença do túmulo de um indivíduo proeminente na tribo que em tempos remotos habitou as cercanias das Caldas de Monchique. Assim o leva a crer, também, a presença do «braçal de arqueiro», ou insignia de chefe, que adiante descreveremos.

ESPÓLIO. — *Machado* de basanita (ou monchiquito?) cinzento-escuro, curto e encorpado, muito simétrico, bem alisado, embora sem polimento. Gume pouco arqueado. Comp. 0^m,031; larg. 0^m,054; espes. 0^m,036. (Est. VII, 1 e Fig. 31-5).

Machado de corneana, com pátina amarelada. Muito bem polido e simétrico. Largas facetas laterais. Mutilado no talão e em uma das faces, por fractura antiga. Gume regular. Comp. 0^m,080; larg. 0^m,050; espes. 0^m,029. (Est. VII, 2 e Fig. 38-2).

Machado de anfíbolito (?), bastante alongado. Secção transversal elíptica, tendendo para circular. O instrumento é ligeiramente encurvado para um dos lados. Não tem facetas laterais. Bem polido, excepto aos lados, os quais mostram picado e esmagamentos, ao que parece propositados. Gume pequeno e bastante arqueado. Comp. 0^m,126; larg. 0^m,048; espes. 0^m,040. (Est. VII, 3 e Fig. 33-4).

Machado de xisto zonado, rijo, com faixas oblíquas em vários tons de cinzento. Muito bem polido e simétrico. É exemplar bonito, bem acabado, apesar de mostrar pequenas mutilações antigas, no talão, e esmagamentos e picados em outros pontos. Gume quase semicircular e extremamente cuidado. Comp. 0^m,120; larg. 0^m,051; espes. 0^m,036. (Est. VII, 4).

Escopro de anfíbolito, com duplo bisel nas duas extremidades. Bem polido nestas, e somente desbastado no resto, onde forma quatro faces aproximadamente planas. Os gumes das extremidades têm ligeira curvatura. Comp. 0^m,110; larg. em cada extremidade 0^m,028 e 0^m,0215; espes. nas extremidades 0^m,018 e 0^m,021. (Est. VII, 5 e Fig. 37-2).

Grande *enxó* de corneana cinzento-amarelada. Muito achatada e bem polida. Tem alguns esmagamentos em ambas as faces. Gume bastante arqueado e com ligeiras mutilações, provavelmente devidas ao uso. Comp. 0^m,140; larg. 0^m,0475; espes. 0^m,0165. (Est. X, 6 e Fig. 34-2).

Enxó de corneana cinzento-clara, muito bem polida. Largas facetas laterais. Gume pouco arqueado. Exemplar muito simétrico e bem conservado, embora com algumas pequenas mutilações antigas. Comp. 0^m,114; larg. 0^m,044; espes. 0^m,019. (Est. X, 7 e Fig. 34-4).

Pequena *enxó* de corneana cinzento-amarelada. Bem polida. Gume quase recto. Comp. 0^m,075; larg. 0^m,036; espes. 0^m,031. (Est. X, 8 e Fig. 31-2).

Goiva de corneana cinzento-amarelada, muito bem polida. Tem a forma geral de charuto, um pouco achatado. Bisel apuradíssimo. Exemplar muitíssimo perfeito. Comp. 0^m,117; larg. 0^m,0245; espes. 0^m,0155. (Est. VII, 9 e Fig. 35-2).

Faca de sílex cinzento, com aresta média e fundos retoques irregulares em ambos os bordos. Está fragmentada em três bocados. Comp. 0^m,190; larg. 0^m,023; espes. 0^m,008. (Est. XXII, 47).

Grande *faca* de sílex cinzento-claro, com faceta média até 1/4 de uma das extremidades. Retoques profundos e irregulares nos dois bordos. Comp. 0^m,230; larg. 0^m,022; espes. 0^m,0095. (Est. XII, 48).

Grande *faca* de sílex cinzento-azulado, com faceta média. Não tem retoques. Comp. 0^m,145; larg. 0^m,026; espes. 0^m,006. (Est. XII, 49).

Faca de sílex amarelo-acastanhado, com larga faceta média. Mostra alguns vestígios de uso em ambos os bordos. Comp. 0^m,180; larg. 0^m,023; espes. 0^m,005. (Est. XII, 50).

Faca de sílex cinzento-azulado, com o dorso muito irregular, pelo que não mostra aresta nem faceta, antes umas protuberâncias muito salientes. Retoques profundos e irregulares nos dois bordos. Comp. 0^m,130; larg. 0^m,025; espes. 0^m,013. (Est. XI, 51).

Faca de sílex acastanhado, com faceta larga. Um dos bordos é talhado verticalmente; o outro apresenta profundos retoques, muito irregulares. Comp. 0^m,123; larg. 0^m,0155; espes. 0^m,010. (Est. XI, 52).

Faca de sílex cinzento, com larga faceta média. Um dos bordos mostra uma série de reentrâncias preexistentes no núcleo, depois miudamente retocadas com certa regularidade. O outro bordo é miúdo e cuidadosamente retocado. Comp. 0^m,125; larg. 0^m,030; espes. 0^m,006. (Est. XII, 53).

Faca de sílex cinzento esbranquiçado, com faceta mediana muito larga. Um dos bordos apresenta finos retoques, muito

regulares; no outro o retoque é mais profundo e com menos regularidade. Na face resultante da separação da lasca há um bulbo bastante saliente. Comp. 0^m,157; larg. 0^m,027; espes. 0^m,0065. (Est. XII, 54).

Faca de sílex acastanhado, com larga faceta mediana. Retocada nos dois bordos, muito irregularmente. Comp. 0^m,139; larg. 0^m,020; espes. 0^m,009. (Est. XI, 55).

Faca de sílex acastanhado com manchas brancas e azuladas. Estreita faceta média. Retocada nos dois bordos, com certa regularidade. Comp. 0^m,103; larg. 0^m,020; espes. 0^m,006. (Est. XI, 56).

Faca de sílex acastanhado, bastante arqueada, com faceta média até um terço do comprimento, sendo o resto em aresta. Vestígios de utilização em ambos os bordos. Comp. 0^m,130; larg. 0^m,0235; espes. 0^m,009. (Est. XI, 61).

Faca de sílex acinzentado, muito arqueada, com estreita faceta mediana excepto em uma das extremidades, que é em aresta. Finos retoques em ambos os bordos. Um deles tem uma fractura devida a acidente de exploração. O exemplar está partido em três bocados. Comp. 0^m,155; larg. 0^m,017; espes. 0^m,008. (Est. XII, 62).

Fragmento de grande *faca* de sílex amarelado, com faceta mediana muito larga. Um dos bordos está finamente retocado, apresentando o outro grandes retoques, muito irregulares. Comp. 0^m,1065; larg. 0^m,033; espes. 0^m,009. (Est. XI, 59).

Fragmento de *faca* de sílex acastanhado, com larga faceta mediana e bordos finamente retocados. Comp. 0^m,091; larg. 0^m,021; espes. 0^m,005. (Est. XI, 57).

Fragmento de *faca* de sílex cinzento-acastanhado, com faceta mediana muitíssimo estreita. Retoques muito finos e regulares em um dos bordos. No outro há retoques e vestígios de uso. Comp. 0^m,0575; larg. 0^m,017; espes. 0^m,0045. (Est. XI, 64).

Faca de sílex amarelado, fortemente patinado. Faceta mediana muito estreita e finos retoques, muito regulares, nos dois bordos.

Bulbo muito saliente. Fragmentada em dois bocados, faltando-lhe a ponta. Comp. 0^m,089; larg. 0^m,0175; espes. 0^m,005. (Est. XI, 65).

Parte superior de uma *faca* de sílex esbranquiçado, com a superfície muitíssimo lisa. Larga faceta média, de largura muito igual. Retoques muito finos e regulares nos dois bordos e na ponta. Comp. 0^m,0685; larg. 0^m,017; espes. 0^m,004. (Est. XII, 66).

Faca de sienito micro-granular (?), de tom amarelado, com fina faceta média e regularmente retocada nos dois bordos. Fragmentada em quatro bocados. Comp. 0^m,168; larg. 0^m,0175; espes. 0^m,0085. (Est. XII, 68).

Uma ponta de *faca* de sílex.

Braçal de xisto metamórfico cinzento-claro, de forma rectangular e com um furo de suspensão em cada extremidade. Exemplar completo e muito bem conservado. Comp. 0^m,137; larg. 0^m,025; espes. 0^m,009. (Fig. 41-39 e Est. XV, 74).

Peça de barro vermelho, ligeiramente trapezoidal. Faltam-lhe as extremidades. Na parte mais estreita, conserva metade de um orifício de suspensão. Este objecto poderia ser um *pingente*, de adorno, ou figuração idólatrica. Alt. actual 0^m,073; larg. na base 0^m,025; idem, no cimo 0^m,021; espes. 0^m,009. (Fig. 43-4 e Est. XV, 75).

Três *contas* (pequenos discos) de xisto. (Ests. LXXXI e LXXXII).

Oito *micrólitos* trapezoidais, de sílex.

Um *micrólito* triangular, de sílex.

Alguns *dentes* e pequenos fragmentos de *ossos* humanos.

Obs.: O notável espólio cerâmico deste túmulo é constituído por vinte vasilhas, completas ou quase, algumas intactas, e grande porção de fragmentos, pertencentes a mais sete, pelo menos, oferecendo probabilidades de reconstituições. São de barro negro, todas as vasilhas, exteriormente avermelhadas pelo contacto com a terra barrenta. Mostram desgaste no fundo, por efeito do uso, assim como os efeitos da acção do fogo e do fumo. — Vid. Ests. XIX e XX.

Urna de tamanho médio, perfeitamente esférica. Pequena boca, sem o menor indício de rebordo. Fragmentada em vários pedaços, por acidente de exploração, faltando-lhe alguns pequenos bocados. Pode, no entanto, considerar-se quase completa. Muiíssimo gasta no fundo. Alt. — 0^m,125; diâm. no bojo — 0^m,168; idem na boca — 0^m,078; espes. no bordo — 0^m,13. (N.º 160).

Urna esférica. Gola muito bem pronunciada. Muito fracturada, faltando-lhe, porém, apenas alguns bocados. Muito gasta no fundo. Alt. 0^m,108; diâm. no bojo 0^m,134; idem na boca 0^m,070; espes. no bordo 0^m,007 e 0^m,014. (N.º 168).

Urna com a parte inferior semi-esférica e a superior tronco-cónica, bastante elevada. A crista ou aresta formada na junção da parte inferior (semi-esférica) com a superior (tronco-cónica) é pouco vincada. Tem rachadela na parte superior, mas está completa. Alt. 0^m,088; diâm. no bojo 0^m,176; idem na boca 0^m,077; espes. no bordo 0^m,006; idem no fundo 0^m,012. (N.º 157).

Urna esferoidal, com o bordo muito elevado. Tem várias esmoucadelas no bojo. A boca é em círculo irregular. Muito desgastada no fundo. Alt. 0^m,083; diâm. no bojo 0^m,092; idem na boca 0^m,0615; espes. nas paredes 0^m,005 a 0^m,0085. (N.º 162).

Urna com a parte inferior semi-esférica e a superior tronco-cónica. Bordo vertical bastante elevado. Bem marcada a aresta de junção das partes inferior e superior. Completa e em bom estado. Desgaste no fundo. Alt. 0^m,0815; diâm. no bojo 0^m,113; idem, na boca 0^m,058; espes. das paredes 0^m,0045; idem, próximo do fundo 0^m,015. (N.º 161).

Urna esférica, truncada no quarto superior. Completa e em bom estado de conservação. Tem vestígios da acção do fogo. Alt. 0^m,075; diâm. no bojo 0^m,096; idem, na boca 0^m,076; espes. no bordo 0^m,007; idem, próximo do fundo, 0^m,015. (N.º 163).

Urna com a parte inferior semi-esférica e com a parte superior tronco-cónica. Falta-lhe toda a parte correspondente à boca,

por fractura anterior à tumulação. Muito desgastada no fundo e nos flancos. Alt. 0^m,071; diâm. no bojo 0^m,134; idem, na boca 0^m,120; espes. nas paredes 0^m,008. Visto faltar-lhe o bocal, duas destas medições são, evidentemente, referidas à porção existente. (N.º 167).

Urna esferoidal, com o fundo achatado e o bordo saliente, Falta-lhe uma porção lateral. Alt. 0^m,070; diâm. no bojo 0^m,079; idem, na boca 0^m,050; espes. no bordo 0^m,007. (N.º 150).

Pequenina *urna*, semi-esférica na parte inferior e tronco-cónica na superior, bem vincada a linha de junção destas duas partes. Pequeno bordo vertical. O exemplar está completo e em bom estado de conservação. Alt. 0^m,052; diâm. no bojo 0^m,073; idem, na boca 0^m,041; espes. no bordo 0^m,0035. (N.º 153).

Urna com a parte inferior semi-esférica e a parte superior tronco-cónica abaulada. Bordo vertical. Não há aresta na junção dos corpos inferior e superior. Fragmentada no bordo, mas completa. Alt. 0^m,011; diâm. no bojo 0^m,148; idem na boca 0^m,085; espes. no bordo 0^m,006; idem, no bojo 0^m,010. (N.º 169).

Urna elipsoidal truncada no quarto superior, aproximadamente. Fragmentada a meio, mas completa. Alt. 0^m,048; diâm. no bojo 0^m,055; idem, na boca 0^m,047; espes. no bordo 0^m,0055. (N.º 156).

Urna esferoidal, com o fundo quase chato. Completa e em bom estado. Alt. 0^m,049; diâm. no bojo 0^m,076; idem, na boca 0^m,0685; idem, no fundo 0^m,066; espes. no bordo 0^m,009. (N.º 154).

Urna com a parte inferior semi-esférica e a superior em secção cilíndrica, muito levemente obliquando para fora, dando uma vaga semelhança de um vaso tipo campaniforme. Gasta no fundo. Muito fragmentada, por acidente de exploração, faltando-lhe diversos pequenos bocados. Alt. 0^m,055; diâm. 0^m,1005; espes. nas paredes 0^m,007 e 0^m,008. Por não estar reconstituída, não se dá a medida do bojo. (Não foi fotografada).

Tigela em forma de calote esférica. Fragmentada em pequenos bocados, mas completa. Alt. 0^m,047; diâm. na boca 0^m,090; espes. no bordo 0^m,005. (N.º 155).

Urnazinha do feitio dum gral. Paredes muito espessas. Bordo muito saliente, mas não revirado. Completa e em bom estado de conservação. Alt. 0^m,0555; diâm. no bojo 0^m,0585; idem, na boca 0^m,0545; idem, no fundo 0^m,056; espes. no bordo 0^m,010. (N.º 152).

Tigela semi-esférica. Faltam-lhe alguns bocados do bordo. Alt. 0^m,035; diâm. na boca 0^m,076; espes. na borda 0^m,007. (N.º 151).

Tigela do feitio de calote esférica. Fragmentada em cinco bocados, faltando-lhe algumas pequenas porções do bordo. Pode, todavia, considerar-se completa. Vestígios de uso no fundo. Alt. 0^m,040; diâm. na boca 0^m,118; espes. das paredes 0^m,004 a 0^m,010. (N.º 160).

Tigela de tamanho médio. Gasta no fundo, por utilização. Fragmentada, mas faltando-lhe apenas um pequeno bocado. Tem a forma de calote esférica. Alt. 0^m,065; diâm. na boca 0^m,152; espes. no bordo 0^m,005. (N.º 153).

Copo ligeiramente tronco-cónico. Completo e em perfeito estado de conservação. Alt. 0^m,057; diâm. na boca 0^m,072; idem, no fundo 0^m,070; espes. no bordo 0^m,008. (N.º 149).

Fragmento de um *recipiente* de barro, de forma rectangular, o qual corresponde a um dos cantos do objecto primitivo. Este deveria ter feitio de uma caixa. É de paredes finas e planas, sendo o fundo um pouco abaulado. Comp. 0^m,097; larg. 0^m,068; alt. 0^m,044; espes. do bordo 0^m,007. (Fig. 43-1, 1-A e 1-B e Est. XX, 169).

Fragmento da tampa de um vaso que devia ser rectangular e semelhante àquele a que pertenceu o bocado descrito anteriormente, mas com os topos arredondados. Tem na face inferior um

rebordo saliente, para ajuste no encaixe. A face externa, ou superior, mostra, ao comprido, um cordão bastante relevado e coleante, o qual pode ser parte de uma figura serpentiforme. Esta crista saliente devia servir também de pega. O bocado respeita a um dos topos da tampa. Comp. de fragmento 0^m,058; larg. 0^m,061; espes. das paredes 0^m,007; idem, incluindo a do rebordo 0^m,011; idem, incluindo a da pega 0^m,0205. (Fig. 43-2 e 2-A e Est. XX, 165).

TÚMULO N.º 8. — É de supor que este túmulo estivesse esvaziado desde tempos mui remotos, porquanto a mamoa achava-se arrasada e os esteios estavam à superfície. Desaparecera-lhe, porém, sòmente um dos topos. (Fig. 11).

ESPÓLIO: — Uma pequena *mó*.

Um *pilão* muito grosseiro.

TÚMULO N.º 9. — Apesar de se encontrar aparentemente intacto, admitimos que fosse despejado em época muito antiga. Além de muito pequeno, apresenta a particularidade de ter uma parte tendente para a forma circular. Nada ofereceu como espólio. (Fig. 12).

TÚMULO N.º 10. — É dos de menores dimensões e mostra bastante deformado o lado composto por esteios de pequeno tamanho. A mamoa achava-se arrasada, sendo de presumir um desmantelamento ou violação de muito antiga data. Nada se encontrou dentro deste túmulo. Externamente aos esteios, todavia, descobriu-se uma grande *mó* e um *pilão*. (Fig. 12).

TÚMULO N.º 11. — Também neste se nos afiguraram patentes os indícios de revolvimento. Dentro do túmulo nada se encon-

trou, mas pela banda de fora de um dos esteios laterais acharam-se as três peças a seguir descritas. (Fig. 12).

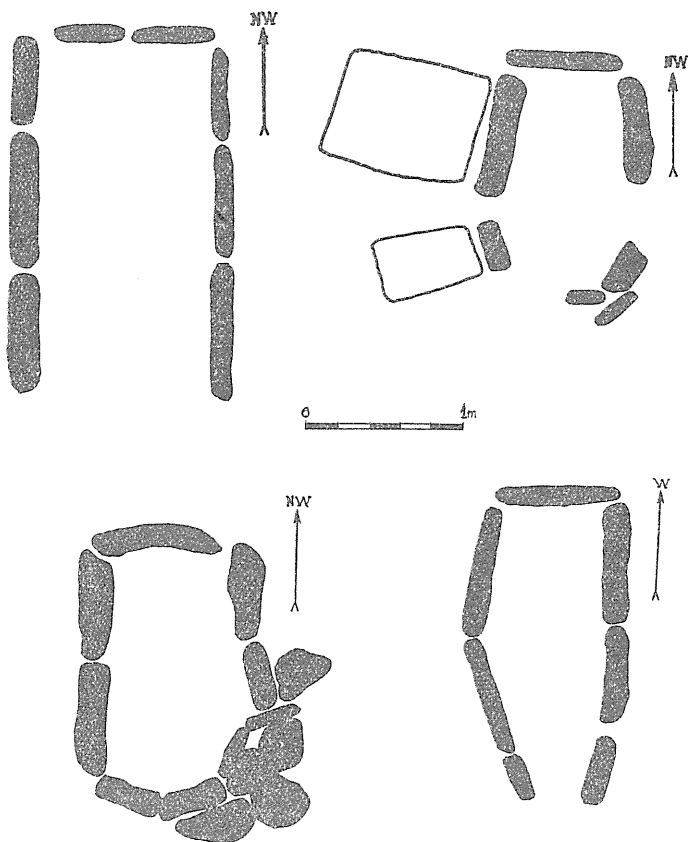


Fig. 12 — Palmeira: túmulos n.os 8, 9, 10 e 11.

ESPÓLIO: — *Machado* de corneana cinzento-amarelada, de forma geral triangular. Aproximadamente plano-convexo. Um dos bordos forma uma faceta muito irregular; o outro é irregularmente boleado. Polido somente na zona do gume e na metade, do lado do vértice, em uma das facetas. Um dos lados é ligeiramente convexo, e o gume em arco aviajado. Comp. 0^m,131; larg. 0^m,0555; espes. 0^m,028. (Est. XV, 43).

Pequena *enxó* de corneana cinzento-esverdeada. Exemplar trapezoidal alongado, simétrico, muito perfeito e todo ele bem polido. Bisel desenvolvido e facetas laterais bem marcadas e perpendiculares aos planos das faces. Bisel quase plano e gume

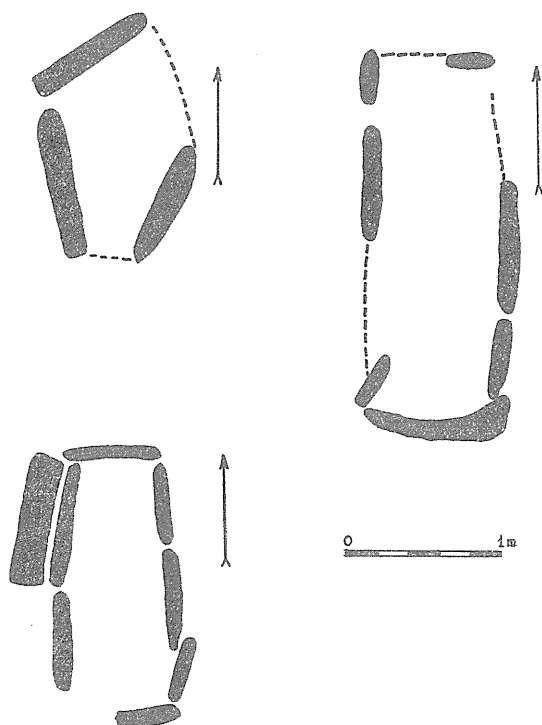


Fig. 13 — Palmeira: túmulos n.ºs 12, 13 e 14.

rectilíneo. Comp. $0^m,064$; larg. no gume $0^m,0335$; idem, no talão $0^m,020$; espes. $0^m,012$.

Microlito trapezoidal, de sílex. (Fig. 55-12).

TÚMULO N.º 12. — Muito pequeno e rudimentar. Apenas três esteios. Embora lhe falte a maior parte destes, notamos que o monumento completo não deveria exceder os limites indicados no esboço em que o representamos. Nada continha. (Fig. 13).

TÚMULO N.º 13.— É dos mais semelhantes aos do Buço Preto. Esteios muito pequenos, exceptuando o da cabeceira. (Fig. 13).

ESPÓLIO:— *Machado* de corneana afeiçoado só no gume e grosseiramente desbastado no resto. Pátina cinzento-amarelada. Comp. 0^m,064; larg. 0^m,036; espes. 0^m,025.

Enxó de corneana cinzento-azulada. Gume muito afiado. Bisel ligeiramente arqueado e de extremidades arredondadas. Polida apenas no gume e simplesmente alisada no resto. Comp. 0^m,055; larg. 0^m,028; espes. 0^m,020.

Enxó da mesma pedra, mesma pátina e mesmo tipo de trabalho do exemplar anterior. O bisel, porém, não é arredondado nas extremidades. Tem uma ligeira fractura recente no talão. Comp. 0^m,072; larg. 0^m,0385; espes. 0^m,014.

Comprida *enxó* do mesmo material com a mesma pátina e mesmo tipo de fabrico dos dois exemplares anteriores. Bisel pouco pronunciado. Curvatura fraca no gume. Tem fractura antiga no topo e num dos flancos do talão. Comp. 0^m,136; larg. 0^m,042; espes. 0^m,012.

Faca de sílex.

Três *micrótilos* trapezoidais, de sílex.

(Fora do túmulo):

Quatro fragmentos de *cerâmica* grossa, possivelmente pertencentes à mesma vasilha. Barro vermelho-escuro. Espes. máx. 0^m,014. Um deles, do qual damos o perfil, corresponde a um bocado do bordo. (Fig. 41-30).

TÚMULO N.º 14.— É o mais estreito de todos os que até agora se descobriram nesta necrópole. Um dos esteios laterais, junto à cabeceira, tinha um outro maior a reforçá-lo exteriormente. (Fig. 13).

ESPÓLIO: — *Machado* de corneana cinzento-azulada, pequeno, estreito e espesso. Bem polido nas faces, embora com certa irregularidade na superfície de uma delas. Pouco cuidado nos flancos. Mutilado no talão, por fractura antiga. Gume muito convexo. Comp. 0^m,058; larg. 0^m,0365; espes. 0^m,0175.

Enxó de corneana cinzento-azulada, bastante larga, com uma das faces plana e a outra muito convexa, Bem polido todo o instrumento. Secção transversal aproximadamente semi-elíptica. Mutilado no talão, por fractura antiga. Gume bastante arqueado. Comp. 0^m,059; larg. 0^m,0515; espes. 0^m,020.

Pequena *enxó* plano-convexa, de corneana cinzento-azulada. Bem polida. Gume recto, embotado recentemente. Comp. 0^m,062; larg. 0^m,0365; espes. 0^m,015.

Pequena *enxó* plano-convexa, de corneana cinzento-azulada, diferindo da anterior por ser mais alongada, ter o gume ligeiramente arqueado e uma das faces com mais convexidade. Apresenta mutilações em um dos bordos laterais. Comp. 0^m,0695; larg. 0^m,034; espes. 0^m,015.

Duplo *cinzel* de corneana cinzento-azulada. Esta peça, aproximadamente cilíndrica, alongada, lembrando a forma de charuto, tem ambas as extremidades em bisel plano, de gume recto, fortemente circular, ambos do mesmo lado do instrumento. A forma dos biséis é idêntica à da parte activa dos formões, diferenciando-se dos das goivas em serem planos, em vez de arqueados. Comp. 0^m,128; larg. 0^m,020; espes. 0^m,016.

Nota: — Todas estas peças têm pátina igual à das que se encontraram no túmulo n.º 13 e são de idêntico tipo de fabrico, embora de polimento mais cuidado.

Faca de sílex cinzento-claro, de secção trapezoidal. Está partida ao meio mas conservam-se os dois bocados. Comp. 0^m,081; larg. 0^m,014; espes. 0^m,004.

Micrólito trapezoidal (trapézio rectângulo) de sílex. Base maior 0^m,021; base menor 0^m,007.

Micrólito idêntico ao anterior. Base maior 0^m,0185.

Três fragmentos de *cerâmica* avermelhada, dois deles, que representamos, pertencentes a bordos de vasilhas diferentes. Espes. 0^m,007.

TÚMULO N.º 15.—Embora com a mamoa por completo arrasada e já bastante destruído superficialmente, este monumento, relativamente pequeno, conservava ainda muitos dos seus pequenos esteios e, o que é mais digno de nota, um mobiliário numeroso e variado. (Fig. 14).

ESPÓLIO:—*Machado* de corneana, com intensa pátina de branco-acinzentado. Bem polido, ainda que mais em uma das faces que na outra. Gume bastante arredondado e um quanto dissimétrico. Uma das faces (a de polido menos apurado) apresenta uma pequena cova que parece ter sido feita por meio de percussões, ao tempo em que o instrumento foi utilizado. Mutilado na extremidade oposta ao gume, por fractura antiga. Comp. 0^m,087; larg. 0^m,044; espes. 0^m,025. (Fig. 38-3 e Est. XXI, 5).

Lâmina de sílex cinzento-claro com manchas acastanhadas. É uma pequena lasca de contorno muito irregular. Mostra no reverso da extremidade mais estreita um pequeno bulbo de percussão. No anverso desta mesma extremidade, foram tiradas duas pequeninas lascas de desbastamento, o que produziu duas pequenas cristas, ou arestas, ao comprido do objecto. Na outra extremidade, que tem quase o dobro da largura, há um fundo sulco, um pouco à direita e orientado quase no comprimento da lasca, dentro do qual está uma fenda estreita e alongada, à maneira do fundo de uma agulha. A lâmina é ligeiramente encurvada (côn-

cava na superfície de lascamento e convexa no dorso). Do lado da base, a espessura vai-se esbatendo, até terminar em gume, pelo que não dá perfil transversal. Esta peça não pode ser con-

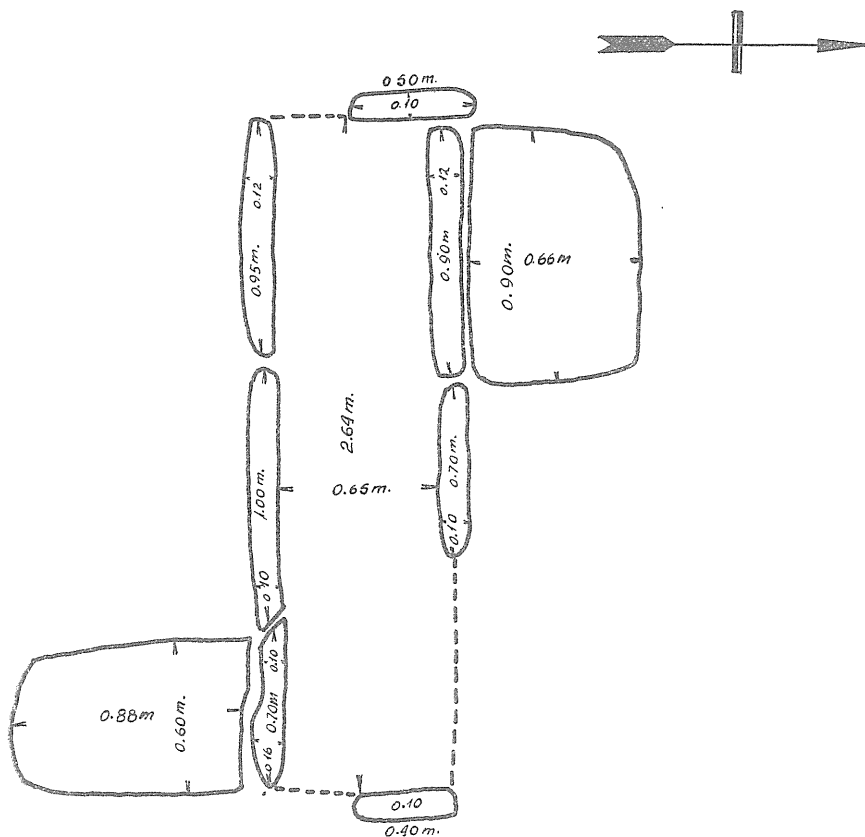
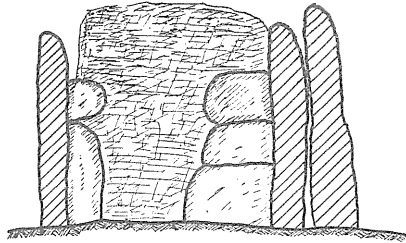


Fig. 14 — Palmeira: túmulo n.º 15.

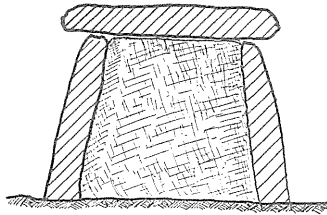
siderada como faca com uma fenda para suspensão, qual parecerá à primeira vista, porque a fenda é puramente accidental. Comp. 0^m,047; larg. na base 0^m,020; idem, na outra extremidade 0^m,012; espes. máx. 0^m,004. (Fig. 41-1 e Est. XXII, 5).

Fragmento de pequenina *faca* de sílex cinzento com veios castanho-avermelhados. Secção transversal triangular, passando

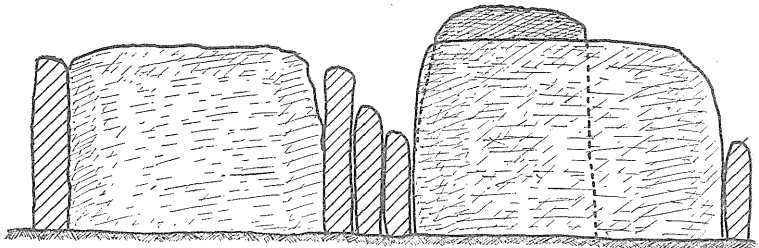
Conta de xisto, muito grande, de secção transversal quase circular e secção longitudinal elipsoidal truncada nos topos.



CORTE-AB



CORTE-CD



CORTE-EF

Fig. 16 — Palmeira: túmulo n.º 16 (cortes).

Superfície um tanto rugosa, embora polida. Furo longitudinal pronunciadamente excêntrico. Comp. $0^m,037$; diâm. a meio $0^m,032$; diâmetros nas extremidades do orifício $0^m,125$ e $0^m,0115$. (Fig. 41-4 e Est. XXII, 6).

Conta de xisto, grande, de secção transversal elíptica e secção longitudinal elipsoidal truncada nos pólos. Orifício axial muito largo, apresentando nos topos, e do mesmo lado, o desgaste devido ao atrito com o fio de suspensão. Comp. 0^m,031; diâm. a meio 0^m,0235; diâmetros das entradas do orifício de enfiamento 0^m,010 e 0^m,011. (Est. XXI, 3).

Cinquenta e duas *contas* (pequeninos discos) de xisto ardoso cinzento-escuro. (Fig. 41-5 e Est. XVI e XVII).

Enfeite de colar. É um pequeno calhau de serpentina, em forma de trapézio muito alongado em altura, com os cantos arredondados, bem polido e com orifício bicónico ao centro das faces maiores. Base maior 0^m,019; base menor 0^m,015; alt. 0^m,039; diâm. do orifício em uma das faces 0^m,0095; idem, na outra 0^m,0095. (Fig. 41-3 e Est. XXI, 4).

Quatro pequenos fragmentos de *cerâmica*, possivelmente pertencentes a vasos diferentes. Um deles, o que reproduzimos, é do bordo de uma pequena urna com paredes espessas. Grossura 0^m,0075 a 0^m,009. (Fig. 41-34).

TÚMULO N.º 16. — Este túmulo, cuja forma especial será adiante tratada, não deu espólio. (Figs. 15 e 16).

Achados isolados da necrópole da Palmeira

No decurso das escavações, foram achados fora dos túmulos e a certa distância destes os seguintes objectos:

(A Norte do túmulo n.º 5). *Machado* de sienito micro-granular, cinzento-esverdeado, com algumas concreções ferruginosas. Tem algumas ligeiras mutilações antigas no gume e na extremidade oposta. Está rachado no talão, por efeito de pancada recente. Gume em arco de círculo, perfeitamente centrado em

relação ao eixo longitudinal do objecto. Exemplar muito bem polido e simétrico, não obstante as danificações apontadas. Comp. 0^m,1045; larg. 0^m,0425; espes. 0^m,030. (Est. XXI, 1 e Fig. 39-2).

(Cerca de 50 metros a NNO. do túmulo n.º 7). Pequeno *machado* de sienito, muito espesso, muito encurvado no gume e de secção transversal elipsoidal em quase todo o corpo do instrumento. Intensamente picado em toda a superfície e bem assim na zona do gume, devido à acção do tempo e a múltiplas pancadas, pelo que só conserva pequena porção do primitivo polido em uma das faces, próximo do gume. Comp. 0^m,090; larg. 0^m,0545; espes. 0^m,040. (Fig. 39-1).

Pequenina *enxó* de quartzito (?), alongada, muito bem polida. Bisel bastante desenvolvido. Secção transversal semi-elíptica, sendo uma das faces do instrumento plana e a outra convexa. A face plana tem uma fractura superficial desde o vértice do instrumento até metade do exemplar. Comp. 0^m,0545; larg. 0^m,0265; espes. 0^m,0125. (Fig. 30-3 e 3-A).

Pequeno *machado* de xisto metamórfico cinzento-azulado escuro, orientado ao comprido do instrumento. Bastante espesso e estreito, com largas facetas laterais, rugosas. Bem polido em ambas as faces, excepto nas facetas laterais e nas zonas contíguas ao vértice, embora o polido se estenda até este em uma pequena faixa ao longo de cada faceta lateral. Gume estreito e bem centrado. Dá a impressão de que foi completamente polido e depois propositadamente produzidas as irregularidades superficiais que se notam agora. Comp. 0^m,075; larg. 0^m,036; espes. 0^m,0245. (Est. XV, 44 e Fig. 30-2 e 2-A).

Machado de monchiquito (?) azulado, plano-convexo, sub-triangular, ligeiramente inclinado para um dos lados. Largas facetas laterais. Gume quase recto, com numerosas fracturas, pequenas e antigas. Regularmente polido, embora com algumas

zonas rugosas na face plana e nas facetas laterais. Parece que este exemplar, sendo ao princípio mais espesso (biconvexo), foi depois adelgado à custa da face que hoje é plana. Comp. 0^m,117; larg. 0^m,042; espes. 0^m,022. (Est. XV, 45 e Fig. 36-3).

Percutor de sienito, esferoidal, muito achatado nos pólos. Estes são formados por uma pequena superfície lisa. Todo o resto do esferóide, que é circuitado por aresta, ou crista equatorial bem definida, está fortemente picado. Diâm. máx. 0^m,073; eixo 0^m,052. (Fig. 42-5).

NECRÓPOLE DE BELLE FRANCE

Local; Os túmulos

Quanto à feição geológica do local e ao aspecto do terreno, está esta necrópole nas mesmas condições da existente na Palmeira, ainda que em solo um pouco menos acidentado. Pode-se dizer, no entanto, que é na mesma encosta íngreme e frágosa do bloco sienítico da Picota. (Fig. 17).

Relativamente aos túmulos, parecem à primeira vista, manter a forma geral dos da Palmeira. Notam-se-lhes no entanto, melhor regularidade na colocação dos esteios e certas particularidades de que em outro capítulo trataremos. Nenhum deles se encontrou completo. Do n.º 3, só restava a parte da cabeceira, mas com o suficiente para se verificar a sua forma bem rectangular. Ao n.º 2 não pudemos examinar devidamente o lado esquerdo por ter no meio uma árvore que não foi derrubada, conforme o desejo do proprietário do terreno, assim como no n.º 1 faltavam bastantes esteios e um dos ângulos; mas os elementos conservados em qualquer deles mostram bem a tendência destes dois túmulos para a forma trapezoidal. Outra diferença, e esta muito maior,

comparados com os da Palmeira, é quanto à orientação. Os daquela necrópole estão, como vimos, orientados de Nascente-Poente, ao passo que dois de Belle France são-no de Noroeste-Sueste, e o terceiro (o N.º 1) tem o eixo longitudinal coincidente com a linha Norte-Sul (magnética).

Os esteios são, como os da Palmeira e como as lajes das cistas de Alcaria e de outros pontos desta zona da Serra, do sie-

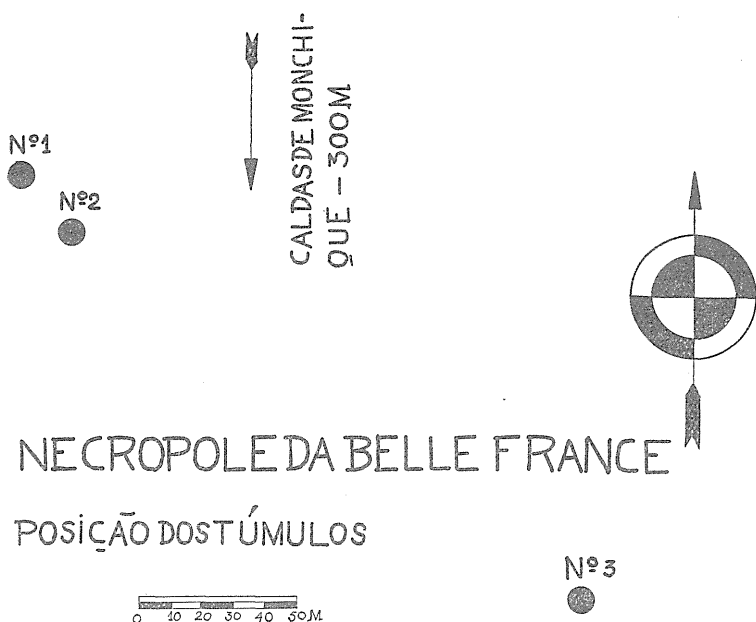


Fig. 17 — Esboço topográfico da necrópole de Belle France.

nito local. As mamoas são idênticas às da Palmeira, igualmente formadas por enorme quantidade de blocos pequenos e médios, de sienito. (Fig. 4).

O n.º 3 achava-se nitidamente devassado. É possível, mesmo, que alguma vez tivesse sido totalmente esvaziado do seu primitivo conteúdo. Os pequenos bocados de cerâmica achados pela parte de fora, um deles com protuberância mamilar, poderão

muito provavelmente provir deste túmulo, mas não é indubitável que lhe pertençam. O túmulo n.º 2, pelos motivos apontados, só pôde ser explorado em parte, tendo sido nele colhido um machado de pedra polida.

O n.º 1 deu espólio mais elucidativo, porque nele apareceu um machado de cobre (?), única peça metálica até agora encontrada em monumentos deste tipo na zona das Caldas de Monchique. No restante, o material é idêntico ao da Palmeira, inclusive a cerâmica, apesar de, infelizmente, não se ter obtido deste túmulo senão fragmentos insuficientes para reconstituição sofrível.

Deu-nos, em contrapartida, uma amostra de tecido semelhante a bretanha fina, muito bem tecida. (Est. XVII, 2). Trata-se de uma pequena tira que, dobrada em quatro, envolvia transversalmente o machado de cobre. (Fig. 39-4 e Est. XXI, 9). Este estava colocado de face, em cima de uma pequena laje, tendo outra semelhante a cobri-lo, e sobre esta última havia bocados de cerâmica componentes de metade de um vaso. Tudo isto jazia muito entalado, no canto esquerdo do topo do túmulo voltado ao Norte, e a cerca de metro e meio de profundidade, a contar do vértice do montículo. Este singular achado sugere-nos a ideia de uma particularidade ritual.

A presença de restos de tecidos em monumentos de tamanha antiguidade é raríssima. Nos poucos casos conhecidos, a conservação de tais bocados deveu-se a circunstâncias muito especiais do meio em que esses frágeis testemunhos perduraram. Tem sido a turfa o meio particularmente propício à conservação de coisas mais putrescíveis. No caso das Caldas de Monchique, o agente conservador foi o carbonato cúprico derivado da alteração superficial da peça a que o pedacito de pano estava estreitamente cingido.

Assim sucedeu em *Ur* (Caldeia), onde foram exumados troços de vestuário pegados a objectos de cobre, revelando a existência

de um tecido muito fino e bem fabricado ⁽¹⁰⁾. Um túmulo da

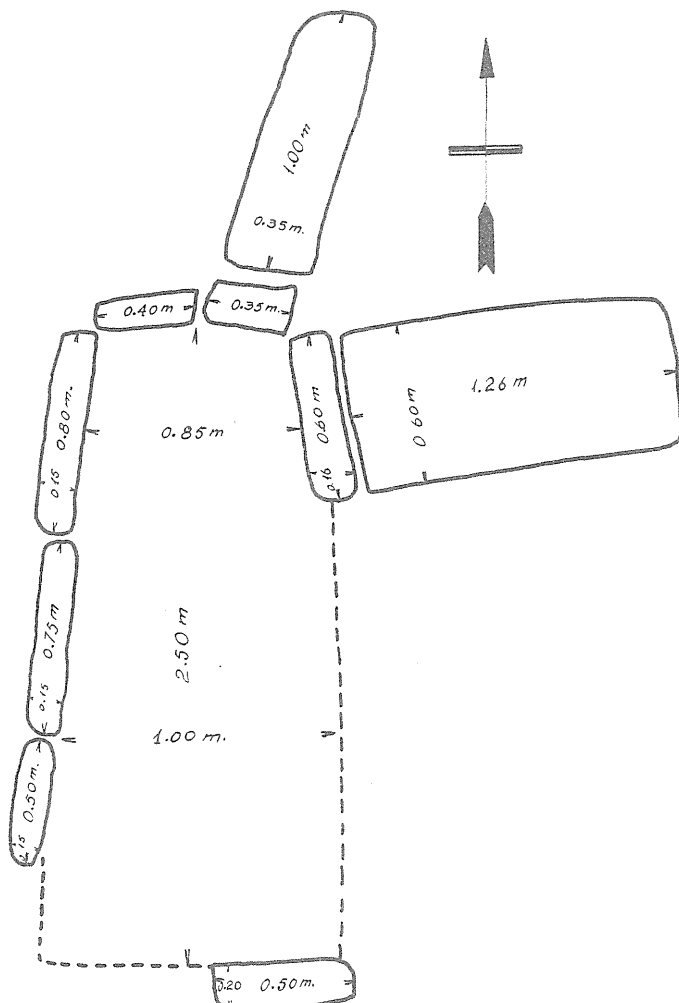


Fig. 18 — Belle France : túmulo n.º 1.

Dinamarca mantinha diversas peças de vestuário, inteiras, de lã,

(10) Hugo Obermaier e António Garcia y Bellido — *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*, 3.ª edição, págs. 195-196. Madrid, 1944.

em condições tais que permitiram ser recolhidas e expostas em museu (11). Segundo Mélida, têm-se descoberto em algumas partes bocados de tecidos de linho (12).

Mais frequentes são os artefactos de rude tecido de esparto, como na *Cueva de los Murciélagos* (13) e, de tempos muito ulteriores, nas minas exploradas pelos romanos, como nas de *Cartagena*, em Espanha (14), e nas de *Aljustrel*, em Portugal (15). Durante as escavações realizadas nas ruínas de *Tróia* (Setúbal), em 1850, foram também desenterrados vários bocados de tecido de esparto e três pedaços de pano de linho muito grosseiro (16).

A tirazita do túmulo n.º 1 de Belle France constitui, segundo cremos, achado único em monumentos pré-históricos do nosso país. Foi colhido directamente por um dos signatários deste estudo, quando, cautelosamente, extraía o machado, não sem que, nos primeiros instantes, julgasse ver, em vez de um bocado de tecido, qualquer trama de raízes radiculares. Aos habituais trabalhadores contratados para escavações teria, certamente, passado despercebido, ou em suas mãos ficaria desfeito. Como fácil-

(11) Louis Figuiet — *O Homem Primitivo*, tradução portuguesa, págs. 380-381. Lisboa, 1883.

(12) José R. Mélida — *Arqueologia Española*, 2.ª edição (reimpressão), pág. 65. Barcelona, 1942.

(13) Estácio da Veiga — *Op. cit.*; J. R. Mélida — *Op. cit.*, pág. 66; Moritz Hoernes — *La Edad de la Piedra* (Col. Labor), 3.ª edição, pág. 116. Barcelona, 1939; Alberto del Castillo — *El Neoneolítico*, lib. IV, Barcelona; Cafeis — *Com tributo allo studio del eneolítico siciliano*, in «Bul. Palet.», XLI (Suplemento).

(14) Ministerio de Educación Nacional — Inspección General de Museos Arqueológicos — *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. V, págs. 199-209, láms. LXIII e LXIV. Madrid, 1945.

(15) Acham-se no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

(16) A. I. Marques da Costa — *Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal*, in «O Archeologo Português», vol. XXIX, pág. 25. Lisboa, 1931.

mente se compreende, a consistência da pequena amostra é muito periclitante. Uma imprudente palpação bastaria para a destruir.

O espólio

TÚMULO N.º 1. — Monumento do mesmo tipo dos maiores da necrópole da Palmeira, que lhe fica em terreno contíguo, mas

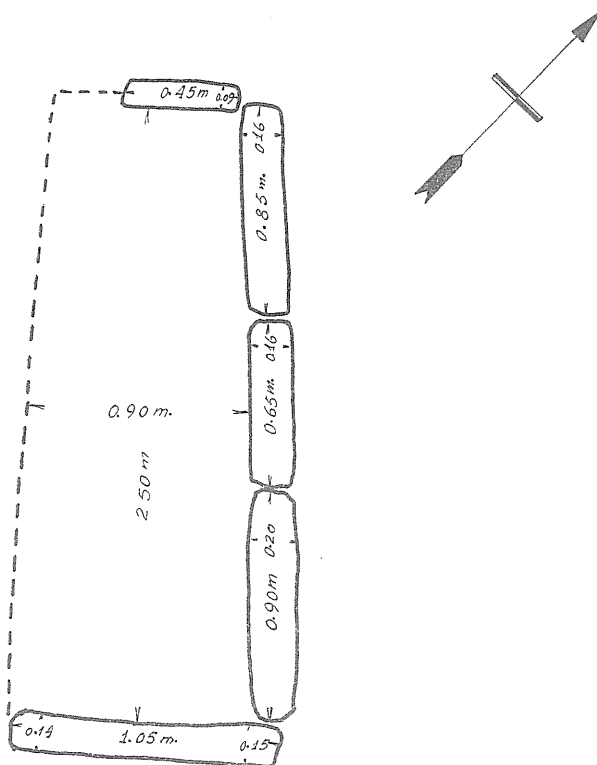


Fig. 19 — Belle France: túmulo n.º 2.

tendendo para a forma trapezoidal e mais cuidado na construção. Conserva ainda alguns dos seus grandes esteios, posto lhe faltas-

sem bastantes, como se pode observar no esboço que apresentamos. (Fig. 18).

ESPÓLIO: — *Machado* de cobre (?), plano, a que falta a parte do talão. Foi metido no túmulo assim já fracturado. Comp. actual 0^m,092; larg. do gume 0^m,065; espes. 0^m,0105. (Fig. 39-4 e Est. XXI, 9). Esta peça encontrava-se em cima de uma pequena pedra colocada a um dos cantos do túmulo, como vai assinalado no esboço. Achava-se embrulhada em uma tira de pano, de tecido muito fino, que a devia envolver em duas ou mais voltas. (Est. XVII, 2).

Faca de sílex, com pátina amarelada. Secção trapezoidal. Comp. 0^m,092; larg. 0^m,016; espes. 0^m,005.

Faca de sílex amarelado, fragmentada. É feita de uma lasca muito recta. Secção trapezoidal. Comp. 0^m,070; larg. 0^m,018; espes. 0^m,005.

Fragmento de *faca* de sílex cinzento. Faceta mediana longitudinal muito estreita. Comp. 0^m,050; larg. 0^m,019; espes. 0^m,0055.

Fragmento de *faca* de sílex amarelado, muito larga. Secção trapezoidal. Comp. 0^m,032; larg. 0^m,028; espes. 0^m,0065.

Extremidade de uma *faca* de sílex amarelo-esbranquiçado. Comp. 0^m,017; larg. 0^m,020; espes. 0^m,0035.

Pequenino fragmento da ponta de uma *faca* de sílex esbranquiçado. Comp. 0^m,009; larg. 0^m,0095; espes. 0^m,005.

Micrólito trapezoidal de sílex esbranquiçado. Base maior 0^m,025; alt. 0^m,013; espes. 0^m,003.

Pequena *lasca* de basanita (?), obtida de um calhau rolado. Tem a forma de sector circular. No reverso, o plano de separação. A metade esquerda do anverso é um negativo de outra lasca, e a outra metade a superfície rolada do calhau. Uma das extremidades é pontiaguda. Comp. 0^m,061; larg. 0^m,031; espes. 0^m,0135.

Pequena *lasca* de basanita (?), obtida do bordo de um calhau rolado. Formato oval, muito alongado. No reverso, o plano da separação da lasca, o qual é côncavo. Na metade direita do anverso, que é todo constituído pela superfície rolada do calhau,

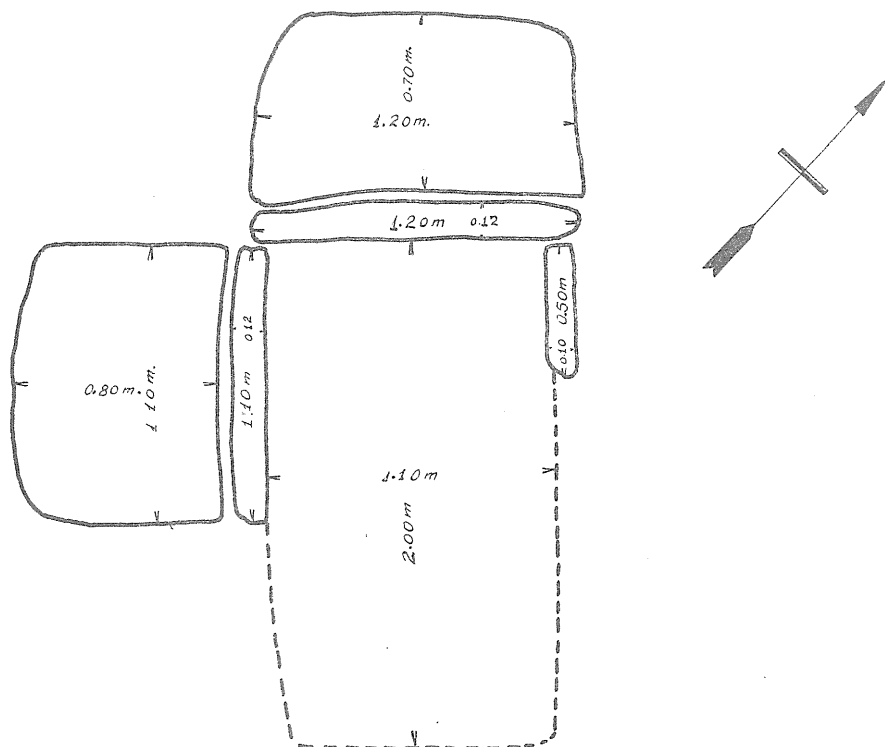


Fig. 20 — Belle France: túmulo n.º 3.

há picado produzido por repetidas percussões. Comp. $0^m,062$; larg. $0^m,028$; espes. $0^m,010$. (Fig. 37-7).

Lasca de anfíbolite, alongada, com uma das extremidades afeiçoada em furador, por meio de pequena lasca tirada no bordo esquerdo. Ponta fracturada, talvez pelo uso. Comp. $0^m,056$; larg. $0^m,0205$; espes. $0^m,003$.

Núcleo de sílex arroxeadado. Muito irregular. Um dos bordos pode ter sido utilizado como goiva. Comp. 0^m,025; larg. 0^m,022; espes. 0^m,009.

Cerâmica: Muitos fragmentos pequenos, de diversos vasos, entre os quais um maior, pertencente ao bojo de uma urna grande. Pasta grosseira e negra. Espessura máxima 0^m,0165.

Dos outros fragmentos, da mesma qualidade de barro grosseiro, salientamos:

a) Três bocados que se ligam, formando parte de uma pequenina urna. Compreende cerca de metade do bordo. A boca era em círculo muito irregular. Espes. no bordo 0^m,005; idem, próximo do fundo 0^m,010.

b) Quatro fragmentos de uma pequenina urna, um dos quais pertence ao fundo, mas não se ajusta aos restantes. Os outros três formam uma porção lateral do vaso, abrangendo uma pequena parte do fundo. Espes. no bordo 0^m,005; idem, no fundo 0^m,006.

c) Bordo espesso de pequenina urna. Espes. 0^m,0115.

d) Bordo de pequenina urna de paredes finas, representando toda a altura do flanco do vaso. Espes. no bordo 0^m,005; idem, próximo do fundo 0^m,075; alt. provável do vaso 0^m,036.

e) Fragmento nas mesmas condições que o anterior. Espes. no bordo 0^m,0045; idem, próximo do fundo 0^m,005; alt. provável do vaso 0^m,023.

f) Fragmento de bordo grosseiro 0^m,0065 a 0^m,007.

g) Fragmento de bordo. Fabrico mais cuidado que o do anterior. Espes. 0^m,006.

TÚMULO N.º 2. — Com dimensões quase iguais ao n.º 1. Não pôde ser totalmente pesquisado por lhe ficar no meio uma árvore cujo dono desejou que a não sacrificássemos, como atrás ficou dito. (Fig. 19).

ESPÓLIO:— *Machado* de corneana. Pátina amarelada, clara. Bem polido em ambas as faces na metade correspondente ao gume e muito imperfeito no resto. O gume é muito arqueado, quase em quarto de círculo. Comp. 0^m,088; larg. 0^m,0555; espes. 0^m,033. (Fig. 38-2 e Est. XXI, 2).

Micrólito trapezoidal, de sílex cinzento-claro. Secção triangular. Base maior 0^m,021; base menor 0^m,0085; alt. 0^m,0115; espes. 0^m,0025.

Quatro fragmentos de *cerâmica*. Parecem ter pertencido a vasilhas diversas e de tamanho médio. Todos de barro negro, alterados superficialmente pela acção do terreno, que lhes deu cor avermelhada. Damos o perfil de alguns que pertenceram a um bordo. Espes. 0^m,006 a 0^m,009. (Est. XXIII, 3 e Fig. 41-23 a 28).

TÚMULO N.º 3.— Tinha a mamoa completamente arrasada. Do túmulo restavam apenas o esteio da cabeceira e o contíguo a este, de cada lado. Devia ter sido destruído em época antiga. (Fig. 20).

ESPÓLIO:— Bocado de uma vasilha, partido em quatro pequenos pedaços. Pertence à boca e tem próximo do bordo uma saliência mamilar. Representamos-lhe o perfil. Espes. 0^m,005 (no bordo), 0^m,011 (em baixo), 0^m,014 (no mamilo). (Est. XVIII, 5 e Fig. 41-31).

SEPULTURA DO NAVETE

A mamoa deste túmulo eleva-se na linha de altura entre o marco geodésico do Navete (506 metros) e o Serro da Boneca (538 metros), este a uma centena de metros a NNE. do primeiro. Fica em pleno maciço sienítico. Terreno penhascoso, com fortís-

simo declive nas vertentes de Leste e Oeste, bem vestido de

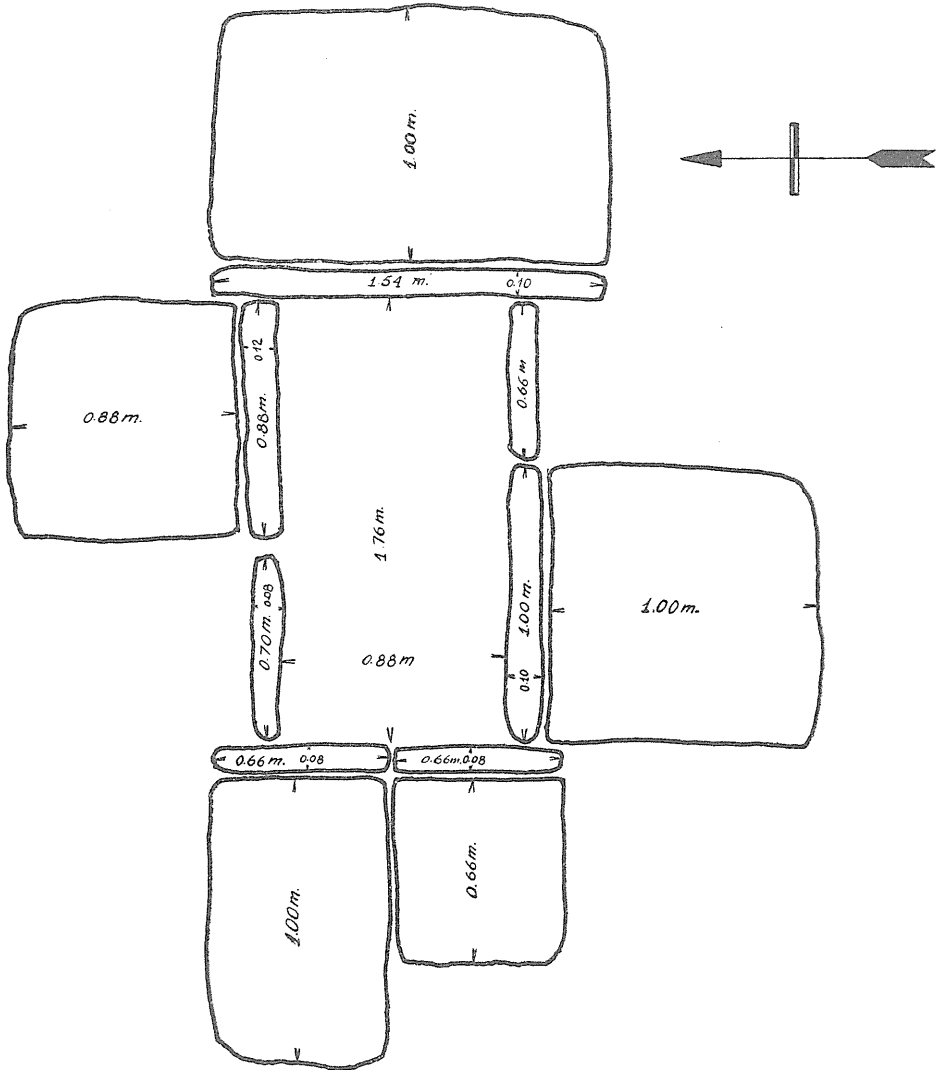


Fig. 21 — Túmulo do Navete.

pinhal, medronheiros, zimbros e outros arbustos e subarbustos característicos da variadíssima flora monchiquense; local domina-

dor, de onde se divisa vasto panorama, principalmente sobre o vale da Nave.

A parte cimeira da mamoa estava arrasada por rolamento de seus elementos, vendo-se apontar à superfície os topos dos três esteios mais altos do túmulo. Entre estes topos, achamos ainda o pedaço de uma das lajes que serviram na cobertura. (Ests. III; IV, 1 e 5; VI, 1).

Na exploração deste monumento teve-se o propósito de estudar com a possível minúcia o modo da construção da mamoa. Para isso, tratou-se de cortar o montículo, por meio de duas valas, uma segundo o eixo transverso, outra no longitudinal. Como o principal elemento constitutivo dos *tumuli*, nesta região, é o bloco de sienito em grande proporção e de tamanho avultado, esta pesquisa foi trabalhosa e morosa, tanto mais que as pedras não são lançadas a esmo. As fotografias tiradas durante a exploração mostram como, à medida que a vala se ia aproximando do túmulo, as pedras eram cada vez maiores e mais bem travadas entre si, tornando muito difícil a violação por qualquer dos lados da mamoa.

Ao que parece, esta deu-se, todavia, mas precisamente pela parte superior — se porventura o facto de os esteios dos pés e do lado direito do túmulo estarem mais ou menos tombados para o interior, e o de se verificar a ausência total de qualquer indício de ossada, cerâmica ou outra coisa que não fosse uma espécie de saibro grosseiro, amarelado, possam ser tomados por sinal certo de espoliação.

O túmulo, conforme se mostra no respectivo esboço (Fig. 21), estava rigorosamente orientado na direcção E.-O. e compunha-se de dois esteios de cada lado, assim como aos pés, e um sòmente na cabeceira — dentro da regra geral, mas parecendo, neste caso, como nos túmulos 1 e 2 de Belle France, que a cabeceira era do lado diametralmente oposto ao que se verifica na grande maioria

dos túmulos das Caldas de Monchique; isto é, terem as cabeceiras do lado dos quadrantes de Norte e Oeste.

Mais ainda que nos túmulos de Belle France — mais apurados que os da Palmeira, conforme já vimos —, se reconhece no do Navete o perfeito alinhamento dos esteios e uma boa escolha das lajes, todas bem planas e quase perfeitamente rectangulares. Quanto à forma, o túmulo é rigorosamente rectangular, como parece ter sido a do n.º 3 de Belle France, e não sensivelmente trapezoidal, como os túmulos 1 e 2 desta mesma necrópole.

Se, neste particular, o do Navete se afasta da forma geral das cistas, em outro pormenor dela se aproxima: as extremidades das lajes das cabeceiras ultrapassam, e muito, os topos dos alinhamentos laterais, com a diferença, porém, de nas cistas serem as extremidades das lajes laterais que ultrapassam os topos das pedras colocadas nas cabeceiras (17). De certo modo, o túmulo do Navete, olhado de relance, dá a aparência de uma cista rectangular de grandes dimensões. (Est. VI, 1).

Objectos isolados, do Navete

Da encosta oriental do cerro:

Machado de corneana, em forma de amêndoa e bastante achatado. Muito maltratado nas faces, talão e gume, devido a percussões. Seria utilizado em trabalho extremamente violento, ou empregado como percutor, visto as mossas e mutilações serem muito antigas. O gume tem reentrâncias que lhe alteram o aspecto primitivo. Parece, todavia, que era muito convexo. Comp. actual 0^m,0985; larg. 0^m,057; espes. 0^m,025. (Est. XVIII, 1).

(17) Nestas cistas não há, evidentemente, uma extremidade a que se possa dar a designação de cabeceira.

De um caminho da encosta, do lado Sul:

Fragmento de *escopro*, de corneana, duplamente biselado no gume. Este é oblíquo em relação ao eixo transversal do instrumento. Comp. actual 0^m,070; larg. no gume 0^m,019; idem, na extremidade oposta 0^m,030; espes. máx. 0^m,022. (Fig. 39-5, 5-A e 5-B e Est. XXI, 8).

Na base do cerro, do lado Sul:

Machado feito de uma das variedades do sienito da região. Bastante encorpado. Gume completamente embotado por efeito de percussões. O polido primitivo desapareceu em quase toda a peça devido a maltrato do tempo. Comp. 0^m,105; larg. 0^m,060; espes. 0^m,039. (Est. XVIII, 2).

NECRÓPOLE DO BUÇO PRETO

Dos cinco túmulos até agora estudados no Buço Preto, ou Esgaravatadouro, reproduzimos a configuração do primeiro, explorado em 1937, o qual apresentamos como tipo arquitectónico dos restantes. (Fig. 23). É aquele que designamos por n.º 2 desta necrópole. (Fig. 22). O espólio nele colhido vai figurado nas Figs. 24 a 28; 45 — 10, 11, 14, 17, 18; Ests. VIII, IX e XV.

Um dos outros túmulos achava-se já destruído em 1937 mas, como ficou dito no trabalho publicado em 1942, uma parte do espólio foi ainda encontrada na terra revolvida, e recuperada boa parte do que haviam recolhido na altura em que o destroçaram. Porque todo o material obtido no Buço Preto, assim como o proveniente de outras estações circundantes das Caldas, deve ser tomado em consideração neste primeiro estudo de conjunto, aqui o inventariamos de novo, embora resumidamente.

TÚMULO N.º 1. — (Aberto pelo proprietário do terreno, Francisco António Cordeiro, em 1932).

Enxó. Comp. 0^m,102; larg. 0^m,050; espes. 0^m,016. (Fig. 25-11).

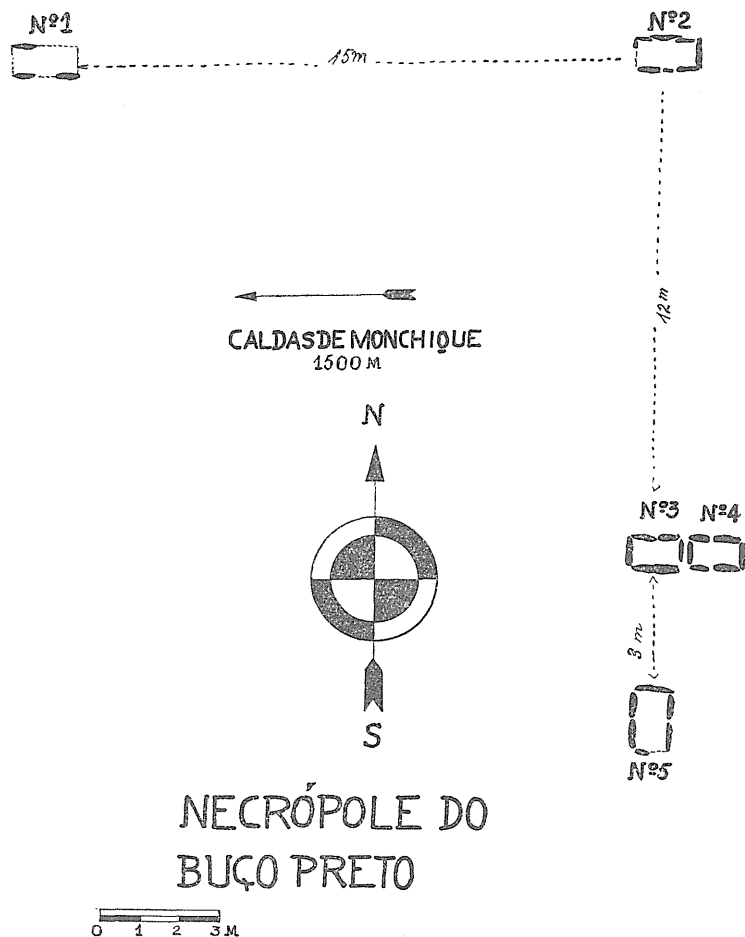


Fig. 22 — Esboço topográfico da necrópole do Buço Preto.

Micrólito trapezoidal, de sílex. (Fig. 25-5).

Furador de sílex (*micrólito* triangular). (Fig. 25-6).

Dezoito pequeninas *contas* de xisto (*discos*). (Fig. 41-40).

Grande *conta* de calaite, verde-amarelada, ou ambarina, perfurada longitudinalmente. (Fig. 25-18, 6).

Três pequeninos *cristais* de quartzo hialino.

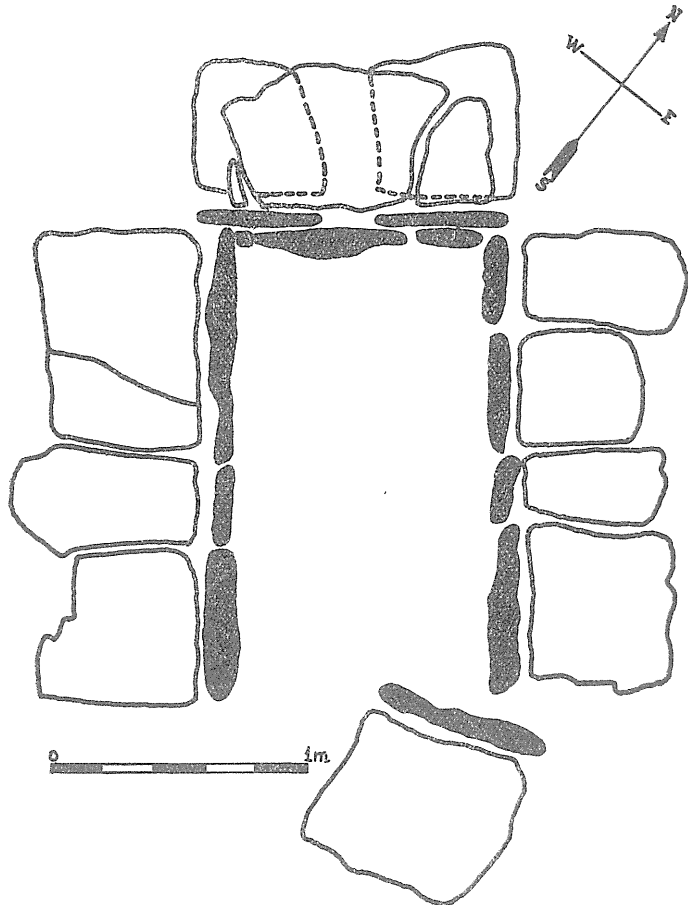


Fig. 23 — Buço Preto: túmulo n.º 2.

Em resultado de uma crivagem da terra extraída deste mesmo túmulo, feita em 1946:

Sete pequeninas *contas* de xisto (discos).

Dois *micrólitos* trapezoidais, de sílex.

Dois pequenos fragmentos de *facas* de sílex.

Uma pequena *lasca* de sílex, terminada em ponta.

Grande porção de *cristais de quartzo* hialino.

Em outra crivagem, feita em Dezembro de 1947:

Micrólito trapezoidal, de sílex branco e castanho-arroxeadado.

Base maior 0^m,021; base menor 0^m,009; alt. máx. 0^m,012; espes. 0^m,003. (Fig. 25-5).

Micrólito trapezoidal muito alongado, de sílex branco com manchas castanhas. Base maior 0^m,022; base menor 0^m,016; alt. máx. 0^m,009; espes. 0^m,002. (Fig. 25-6).

Três pequeninas *contas* de xisto (discos).

Dois pequeninos *cristais* de quartzo.

TÚMULO N.º 2. — (Explorado por Viana e Formosinho, em 1937).

Machado longo, de secção transversal quadrada. Comp. 0^m,226; larg. 0^m,039; espes. 0^m,39. (Fig. 25-13).

Machado. Comp. 0^m,116; larg. 0^m,058; espes. 0^m,030. (Fig. 25-14).

Machado. Comp. 0^m,116; larg. 0^m,053; espes. 0^m,028. (Fig. 26-15).

Machado. Comp. 0^m,093; larg. 0^m,040; espes. 0^m,028. (Fig. 26-16).

Enxó. Comp. 0^m,087; larg. 0^m,035; espes. 0^m,016. (Fig. 27-5).

Enxó. Comp. 0^m,078; larg. 0^m,035; espes. 0^m,014. (Fig. 26-2).

Enxó. Comp. 0^m,072; larg. 0^m,033; espes. 0^m,012. (Fig. 26-1).

Enxó. Comp. 0^m,064; larg. 0^m,037; espes. 0^m,012. (Fig. 26-3).

Enxó. Comp. 0^m,058; larg. 0^m,030; espes. 0^m,012. (Fig. 26-4).

Goiva. Comp. 0^m,104; larg. 0^m,030; espes. 0^m,021. (Est. LXXXIV, 11 e Fig. 26-17).

Faca de sílex, completa. (Fig. 27-1).

Faca de sílex, fracturada, mas completa. (Fig. 27-2).

Faca de sílex, faltando-lhe um bocado da ponta. (Fig. 37-3).

Faca de sílex, faltando-lhe a ponta. (Fig. 27-4).

TÚMULO N.º 3. — (Explorado por Veiga Ferreira, em 1945).

Algumas pequeninas *contas* de xisto (discos).

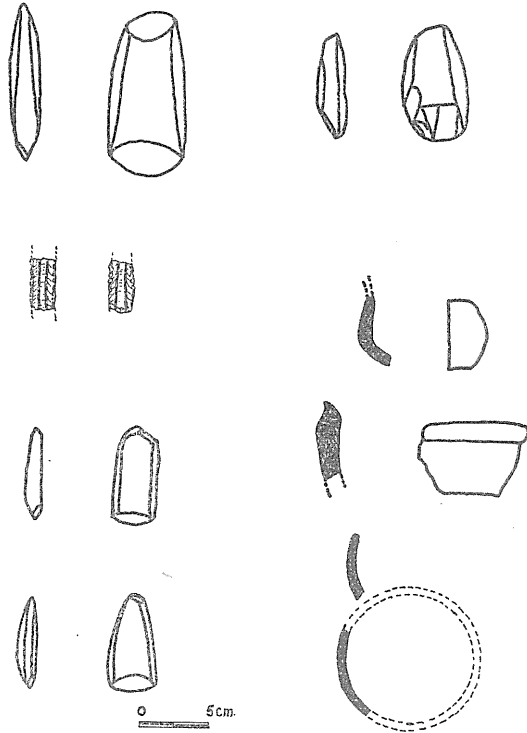


Fig. 24 — Parte do espólio dos túmulos do Buço Preto (exploração de 1945).

TÚMULO N.º 4. — (Explorado por Veiga Ferreira e Formosinho em 1945).

Pequenina *faca* de sílex.

TÚMULO N.º 5. — (Explorado por Veiga Ferreira e Formosinho, em 1945).

Machado com sinais de percussões na parte oposta ao gume e em uma das faces. Comp. 0^m,130; larg. 0^m,060; espes. 0^m,024. (Fig. 24).

Machado curto e espesso, com bastantes fracturas, por ter servido como percutor. Comp. 0^m,100; larg. 0^m,050; espes. 0^m,030.

Pequena *enxó*, com algumas pequenas mutilações antigas no gume e na parte oposta. Comp. 0^m,076; larg. 0^m,035; espes. 0^m,013.

Goiva plano-convexa, de bisel muito arqueado. Comp. 0^m,075; larg. 0^m,037; espes. 0^m,014. (Est. LXXXIV, 16).

Dois fragmentos de *facas* de sílex, de secção transversa trapezoidal; ambas retocadas.

Alguns fragmentos de *cerâmica*, de que foram colhidos alguns bocados de bordos.

Achado solto, a poucos metros de distância dos túmulos n.^{os} 1 e 2:

Machado de grandes dimensões, partido a meio pelo achador (F. A. Cordeiro), em 1932, mas completo. Comp. 0^m,245; larg. 0^m,070; espes. 0^m,055. (Fig. 27-7).

TÚMULO DO RENCOVO

O túmulo foi desmantelado pelo proprietário do terreno, Joaquim Chona, cerca de 1937, ao surribar o solo, a fim de o tornar agricultável. Segundo informe do achador, era formado por algumas lajes postas ao alto, alinhando as bases mais ou menos em rectângulo. Os topos superiores das lajes estavam encostados uns aos outros, por evidente acção do tempo. Viana e Formosinho ainda viram, em 1937, algumas destas lajes tombadas no local. O comprimento delas variava entre 0^m,60 e um metro. O achador não falou de mamoa, pelo que se supõe que já estivesse de todo arrasada.

O espólio apurado pelo Sr. Joaquim Chona e pelo mesmo oferecido a António Ventura, Gerente das termas, que o ofereceu

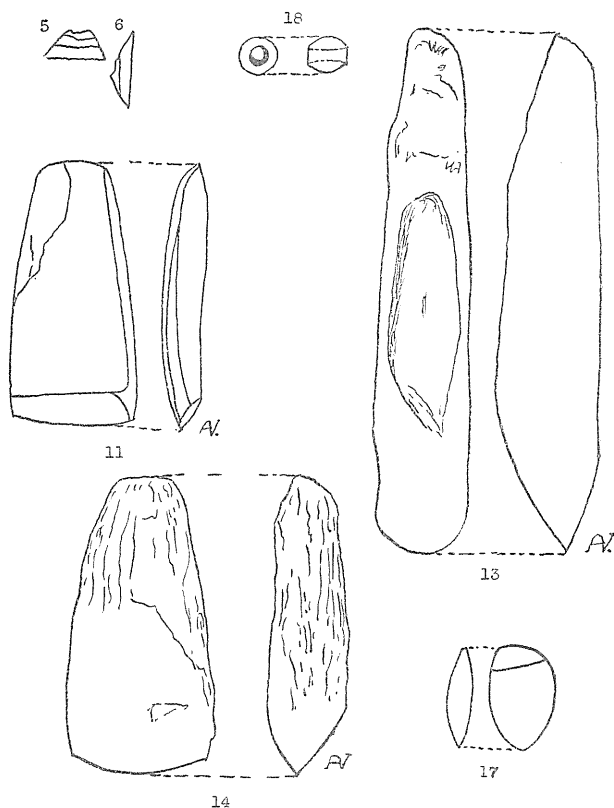


Fig. 25 — Buço Preto: 5, 6, 11 e 18 — Enxó, conta de colar e micrólitos do túmulo n.º 1; 13 e 14 — Machados do túmulo n.º 2; 17 — Machado votivo (disperso).

a A. Viana, e que este, por seu turno, entregou ao Museu Regional de Lagos, consta do seguinte:

Machado. Comp. 0^m,118; larg. 0^m,056; espes. 0^m,038. (Fig. 28-1).

Machado, de faces planas, muito achatado. Comp. 0^m,118; larg. 0^m,061; espes. 0^m,022. (Fig. 27-6).

Enxó. Comp. 0,154; larg. 0^m,048; espes. 0^m,041. (Fig. 28-4).

Placa de xisto, gravada nas duas faces. (Fig. 42-1 e 1-A).

Placa de xisto, gravada em uma só face. (Fig. 42-2).

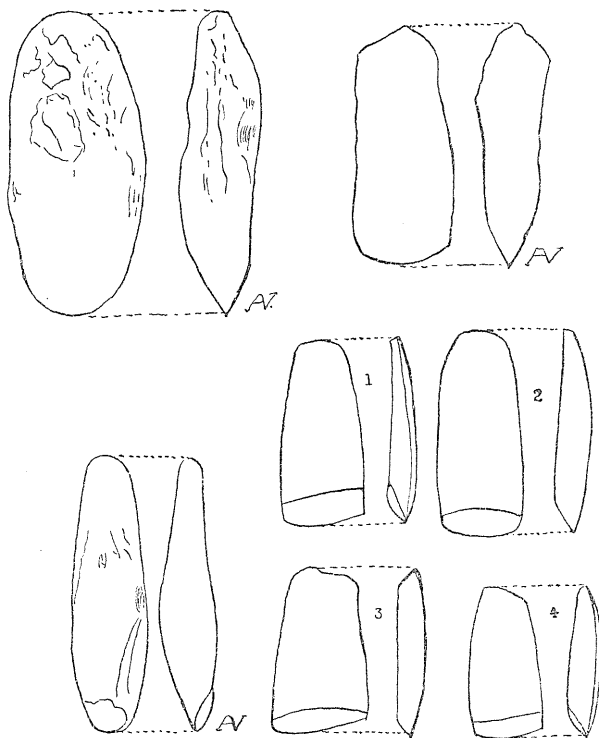


Fig. 26 — Buço Preto: Machados, enxós e goiva do túmulo n.º 2.

Achados soltos na área desde o Rencovo ao Buço Preto:

Machado. Comp. 0^m,088; larg. 0^m,053; espes. 0^m,035. (Fig. 28-2).

Machado. Comp. 0^m,096; larg. 0^m,046; espes. 0^m,037. (Fig. 28-3).

Minúsculo machado. Comp. 0^m,039; larg. 0^m,026; espes. 0^m,010.
(Fig. 25-17).

Estes três exemplares foram oferecidos a Viana e Formosinho, em 1937, sendo o primeiro por José Baiona e os outros

dois por Joaquim Chona. Acham-se no Museu Regional de Lagos, e o último, pelas suas exíguas dimensões, afigura-se-nos de carácter votivo.

CISTAS DO MIRANTE DA MATA (Bronze Mediterrânico II)

São quatro, abertas por José Baiona, em 1927. Destas cistas resultou o seguinte mobiliário:

Urna de grandes dimensões, de barro amarelado na zona do bojo e arroxeadado e de superfície um tanto luzidia na orla do bocal, onde brilham pequeníssimas partículas de mica. Decorada por quatro fiadas verticais de seis mamilos. Pertence a Abílio José Gouveia, de Olhão. (Fig. 51).

Pequenina *urna*, de que falta a totalidade do bordo. Pertence a Abílio Gouveia. (Fig. 52-*b*).

Pequena *urna*, fragmentada, de paredes extremamente finas. Oferecida por José Baiona a A. Viana e por este entregue ao Museu Regional de Lagos. (Fig. 54).

CISTA DOS POCILGAIS (Bronze Mediterrânico II)

Explorou-a J. Formosinho, em Setembro de 1943. Era formada por quatro lajes de sienito, duas das quais estavam quebradas em consequência das pressões exercidas do exterior. (Est. XXIV, 1).

Continha unicamente a pequena urna decorada com linhas paralelas, tracejadas e incisadas. Esta peça, de que na Fig. 60 damos as principais indicações, esborou-se, infelizmente, conservando-se, contudo, o molde interno.

Critica do mobiliário dos túmulos

A classificação dos diversos objectos extraídos dos túmulos, assim como a dos similares encontrados dispersamente na área em que os túmulos estão situados, fornecem-nos o seguinte quadro estatístico:

| | B. P. | Palm. | B. F. | Nav. | Renc. | Disp. | Total |
|---------------------------------------------|-------|-------|-------|------|-------|-------|-------|
| <i>Machados</i> | 6 | 22 | 1 | 2 | 2 | 7 | 40 |
| <i>Enxós</i> | 7 | 26 | — | — | 1 | — | 34 |
| <i>Goivas</i> | 2 | 3 | — | — | — | — | 5 |
| <i>Escopros</i> | — | 1 | — | 1 | — | — | 2 |
| <i>Cinzéis</i> | — | 1 | — | — | — | — | 1 |
| <i>Percutores</i> | — | — | — | — | — | 1 | 1 |
| <i>Facas</i> | 7 | 35 | 6 | — | — | — | 48 |
| <i>Micrólitos trapezoidais</i> | 5 | 54 | 2 | — | — | — | 61 |
| <i>Micrólitos triangulares</i> | — | 2 | — | — | — | — | 2 |
| <i>Furador de sílex (micr.^o)</i> | 1 | — | — | — | — | — | 1 |
| <i>Ponta de seta</i> | — | 1 | — | — | — | — | 1 |
| <i>Contas grandes</i> | 1 | 9 | — | — | — | — | 10 |
| <i>Contas pequeninas</i> | | | | | | | |
| (discos) | 28 | 1.483 | — | — | — | — | 1.511 |
| <i>Vasos cerâmicos</i> | Frag. | 21 | Frag. | — | — | — | 21 |
| <i>Mós</i> | — | 3 | — | — | — | — | 3 |
| <i>Pilões</i> | — | 2 | — | — | — | — | 2 |
| <i>Braçal</i> | — | 1 | — | — | — | — | 1 |
| <i>Ídolos-placas</i> | — | — | — | — | 2 | — | 2 |

Nota: — B. P. (*Buço Preto*); Palm. (*Palmeira*); B. F. (*Belle France*); Nav. (*Navete*); Renc. (*Rencovo* ou *Roncovo*); Disp. (*Dispersos*).

Acrescem outros objectos, todos da necrópole da Palmeira, os quais serão adiante considerados.

O exame desta distribuição por estações mostra-nos rapidamente, em primeiro lugar, que a maior quantidade de material

corresponde à necrópole em que se explorou maior número de túmulos — a da Palmeira, com 16 túmulos. Segue-se-lhe a do

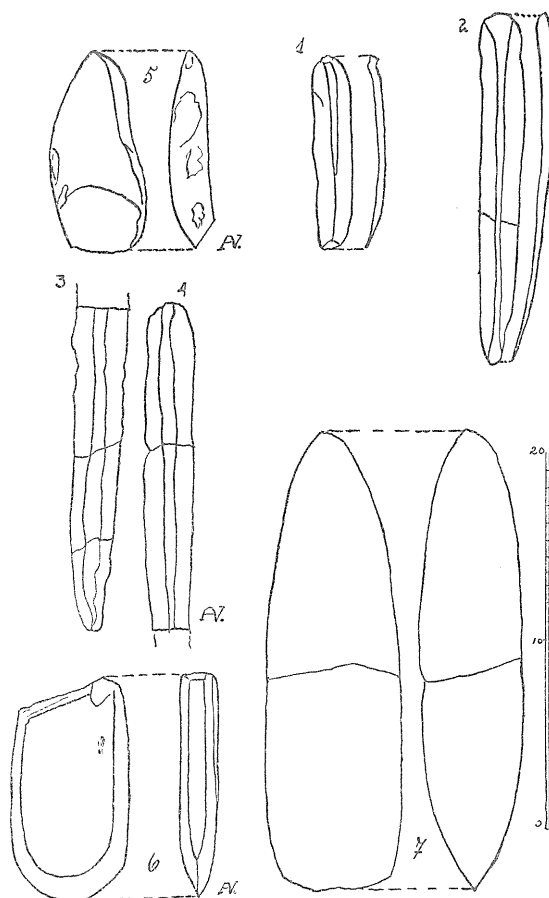


Fig. 27 — Buço Preto: 1 a 5 — Enxó e facas do túmulo n.º 2; 7 — Machado solto; Rencovo: 6 — Machado.

Buço Preto, com 5, vindo depois a de Belle France, com 3. Ressalvando o facto de não existir rigorosa proporção entre o número de monumentos de cada necrópole e o dos objectos recolhidos em cada uma, porquanto, até na mesma necrópole

apenas alguns túmulos (n.ºs 1 e 2 do Buço Preto; 2, 4, 5, 6, 7, 13, 14 e 15 da Palmeira; e um de Belle France) ofereceram espólio abundante, poder-se-á, ainda assim, tentar pôr aqui certas conclusões.

Começemos por estabelecer um paralelo entre os espólios da Palmeira e os do Buço Preto. Não há que considerar, quanto a

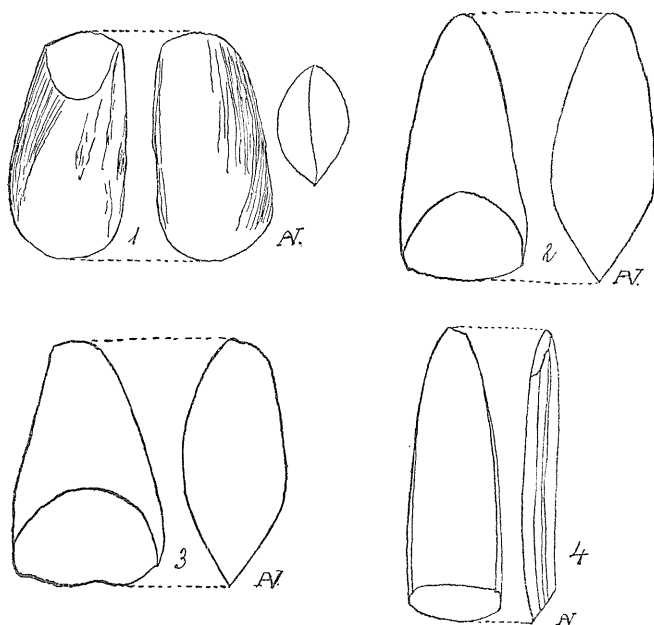


Fig. 28 — Rencovo: 1 e 4 — Machado e enxó; 2 e 3 — Machados (soltos).

instrumentos de pedra polida (machados e enxós), não obstante o facto de se notarem uma preparação, por sinal muito rústica, para melhoria do encabamento de muitos deles, a grande quantidade de enxós e a relativa abundância de goivas, tipo de instrumento bastante raro.

Do mesmo modo, pouco há que deduzir das facas de sílex.

Mais segura identidade é a estabelecida pelo achado, em ambas as necrópoles, das contas grandes, das contas pequeninas

(ou pequeninos discos de xisto, perfurados) e dos micrólitos tra-

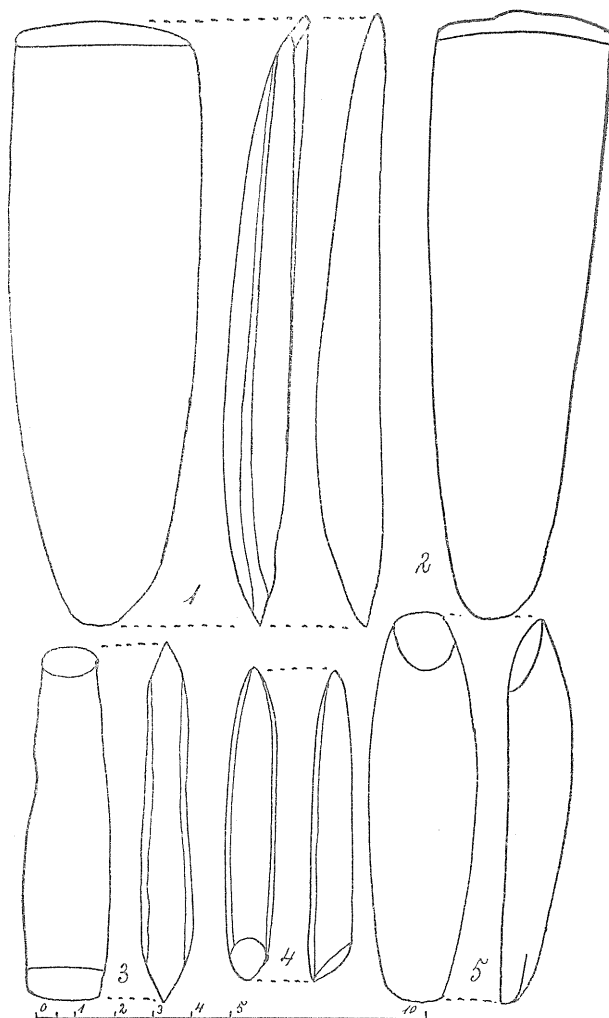


Fig. 29 — Instrumentos de pedra polida, das Caldas de Monchique. N.º 5 — Goiva do túmulo n.º 6 da Palmeira.

pezoidais, de sílex, entre os quais há muitos que oferecem a par-

ticularidade de apresentarem na base menor do trapézio uma reentrância, ou ranhura, mais ou menos semicircular.

Detendo-nos um pouco no exame destas pequenas peças de sílex, vemos ser esta a distribuição dos que vão figurados nas Ests. XIII e XIV. Os números entre parêntesis indicam os exemplares dotados da referida ranhura.

Micrólitos trapezoidais rectangulares, da Palmeira: — Túmulo n.º 2 (treze) — 96; (98); (99); 101; 102; 103; 104; 111; 112; 113; 114; (118); (123). Túmulo n.º 3 (um) — 130. Túmulo n.º 7 (um) — 137.

Micrólitos trapezoidais, não rectangulares, da Palmeira: — Túmulo n.º 1 (dois) — (133); (134). Túmulo n.º 2 (dezasseis) — (97); (100); (107); (108); (109); (110); 115; (116); (119); (120); (121); 122; 124; 125; 126; 127. Túmulo n.º 3 (quatro) — 128; (129); (131); (132). Túmulo n.º 4 (um) — 148. Túmulo n.º 6 (três) — (145); (146); 147. Túmulo n.º 7 (sete) — (135); (136); (139); (140); (141); (142); (143). Túmulo n.º 11 (um) — (com ranhura, figurado na Fig. 55-12). Túmulo n.º 15 (um) — (com ranhura, figurado na Est. XXII, 7).

Micrólitos trapezoidais, não rectangulares, do Buço Preto: — Túmulo n.º 1 (três) — (todos com ranhura). Túmulo n.º 5 (dois) — (todos com ranhura).

Micrólitos triangulares, da Palmeira: — Um do túmulo n.º 2 — 105 e outro do túmulo n.º 7 — 144.

As dimensões, nestes diferentes grupos, são as seguintes:

Dos trapezoidais rectangulares: — O maior: base maior 0^m,026; base menor 0^m,008; alt. 0^m,014; espes. 0^m,004.

O menor: base maior 0^m,015; base menor 0^m,007; alt. 0^m,0095; espes. 0^m,015.

Dos trapezoidais não rectangulares: — O maior: base maior 0^m,031; base menor 0^m,009; alt. 0^m,012; espes. 0^m,003.

O menor: base maior 0^m,0135; base menor 0^m,0055; alt. 0^m,010; espes. 0^m,003.

Dos triangulares: — N.º 144: base 0^m,014; alt. 0^m,019; espes.

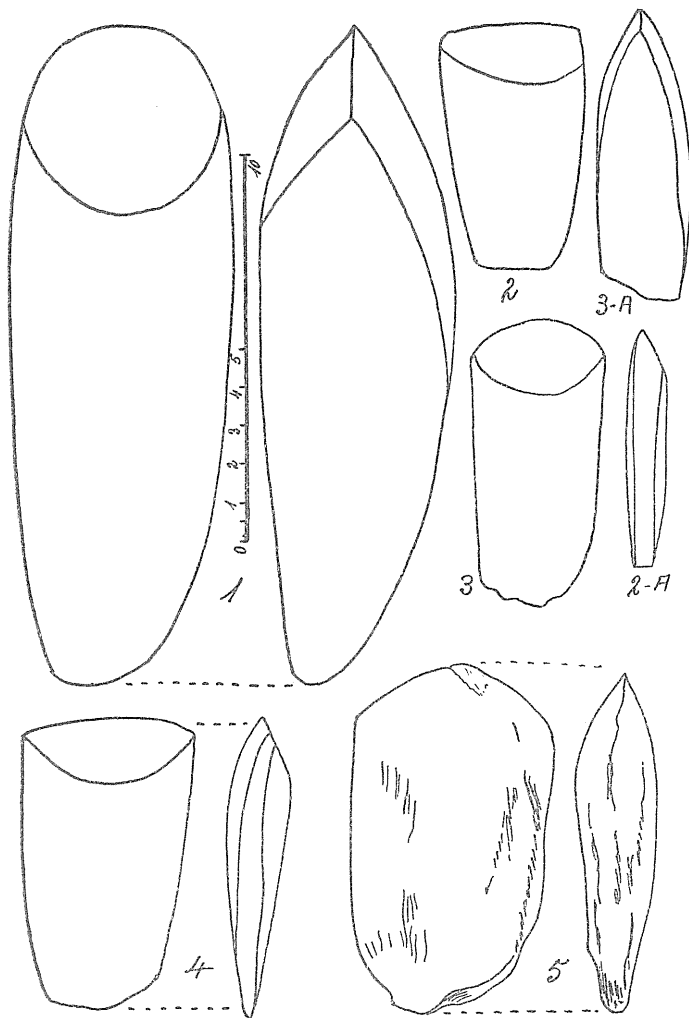


Fig. 30 — Necrópole da Palmeira: 1 — Machado do túmulo n.º 2. N.ºs 2 e 2-A — Enxó do túmulo n.º 11. N.ºs 3 e 3-A — Machado isolado. 4 — Enxó do túmulo n.º 4. 5 — Machado do túmulo n.º 6.

0^m,0035. N.º 105: base 0^m,010; alt. 0^m,018; espes. 0^m,003.

Da Belle France há sòmente dois micrólitos trapezoidais, desprovidos do referido pequenino entalhe na base menor. Como não mostram retoques, podem muito bem não passar de simples fragmentos da porção central de facas.

Sabido é que estas peças trapezoidais, que uns qualificam de raspadores e outros opinam ser pontas de seta, havendo também quem admita que algumas das triangulares hajam desempenhado função de anzóis; sabido é, dizíamos, que estes micrólitos surgem nos mais baixos níveis mesolíticos, caracterizando o complexo tardeno-capsiense, e perduraram longamente. Conforme diz Mendes Corrêa: — «A indústria dos pequenos sílices geométricos aparece ainda nos primeiros tempos do neolítico, a par dos machados polidos e mesmo mais tarde» (18).

Assim, a sua presença é registada em estações como: *Cabeço d'Amoreira* (Capsiense tardio), onde os trapézios são muito raros e os triângulos abundam, tanto os de bordo curvilíneo («dos abattu») como os escalenos, isósceles, etc. (19); outros concheiros da região, tais como o de *Paúl de Magos*, *Cabeço d'Arruda* (Capsiense final) e na *Quinta das Lajes*, *Ota* (Neolítico inicial) (20); *Furna de Montes Claros* — a par de muitos furadores, facas de sílex, machados de pedra polida e alguma cerâmica ornamentada (21); grutas do *Fura-*

(18) *A Lusitânia Pré-romana*, in «História de Portugal», edic. de Barcelos, vol. I, pág. 112. Barcelos, 1928.

(19) Rui de Serpa Pinto — *Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)*, publicado pela Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Madrid, 1932.

(20) Mendes Corrêa — *Op. cit.*, pág. 112. Para Santa-Olalla, as estações de Muge representam até à data a forma mais eloquente do Tardenoisense: *Esquema paleontológico de la Península Hispánica*, pág. 48, 2.ª edição. Madrid, 1946.

(21) Eugénio Jalhay, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro — *Estação pré-histórica de Montes Claros — Monsanto*. Lisboa, 1945.

douro ⁽²²⁾; gruta eneolítica de *Porto Covo* ⁽²³⁾; uma das antas da *Herdade do Freixo* (só um exemplar, trapezoidal, colhido por Cartailhac ⁽²⁴⁾).

E em estações espanholas: *Alava* ⁽²⁵⁾; *Cueva de l'Or* (Bañiarrés, Valência), com cerâmica cardial ⁽²⁶⁾; *Aljoroque*, com vários cinzéis e uma goiva dupla ⁽²⁷⁾; *Santa Maria de Besora* — dois exemplares trapezoidais, apresentados pelos AA., em que os vemos descritos, como «pontas de flecha de fio transversal», com pedúnculo muito diferenciado ⁽²⁸⁾; mamoa n.º 7 da necrópole do *Monte da Morá* (Galiza) — um só exemplar, trapezoidal, a que os AA. do trabalho por nós consultado chamam «ponta de flecha trapezoidal» ⁽²⁹⁾; *Cueva de la Rabosa* (Castellón) e *Priorato* (Tarragona) ⁽³⁰⁾.

⁽²²⁾ Maximiano Apollinario — *Grutas do Furadouro*, in «O Arch. Port.», vol. III (1897), pág. 93.

⁽²³⁾ Afonso do Paço e Maxime Vaultier — *A gruta de Porto Covo* — Congresso Luso-Espanhol. Porto, 1942.

⁽²⁴⁾ J. Leite de Vasconcellos — *De terra em terra*, vol. II, págs. 70-71.

⁽²⁵⁾ Pedro Ruiz de Azua — *Sepultura tardenoisense de Axpea* (cerca de Trespuentes: Alava), in «Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural», tomo XVIII (1918), págs. 483-495.

⁽²⁶⁾ Julián San Valero Aparisi — *Notas para el estudio de la cerámica cardial de la Cueva de la Sarsa (Valencia)*, in «Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria», tomo XVII, págs. 87-126. Madrid, 1942.

⁽²⁷⁾ Guillermo Gossé — *Aljoroque, estación neolítica inicial, de la provincia de Almería*, in «Ampurias», vol. III, págs. 63-84. Barcelona, 1941.

⁽²⁸⁾ Salvador Vilaseca y Enrique Fossas — *El Forat de les Tombes, cueva sepulcral de Santa Maria de Besora, provincia de Barcelona*, in «Ampurias», vol. IV (1942).

⁽²⁹⁾ Florentin Cuevillas, Antonio Fraguas y Maria Pura Lorenzana — *Mámoas do Saviñao — A anta de Abuime e a necropole do Monte da Morá*, in «Nós». Cruña, 1930; F. Lopez Cuevillas y F. Bouza-Brey — *La civilización neolítica gallega*, in «Archivo Español de Arte y Arqueología». Madrid, 1931.

⁽³⁰⁾ Martín Almagro — *Los problemas del Epipaleolítico y Mesolítico en España*, in «Ampurias», vol. VI (1944), págs. 1-38.

Ao que parece, nenhum dos exemplares colhidos nas estações acima citadas, tanto portuguesas como espanholas, acusa o

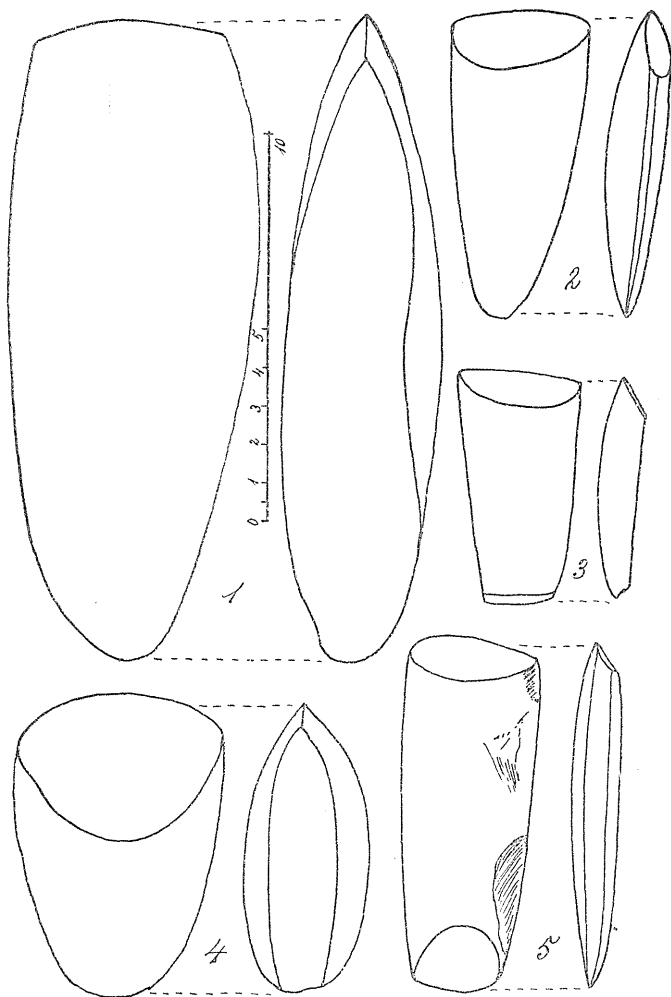


Fig. 31 — Necrópole da Palmeira: 3 e 5 — Enxós do túmulo n.º 5. 1 e 4 — Machados do túmulo n.º 6. 2 — Enxó do túmulo n.º 7.

minucioso trabalho de retoque da maioria dos exemplares das Caldas de Monchique, assim como não mostram o pequenino

entalhe semicircular, verificado, conforme dissemos, a meio da

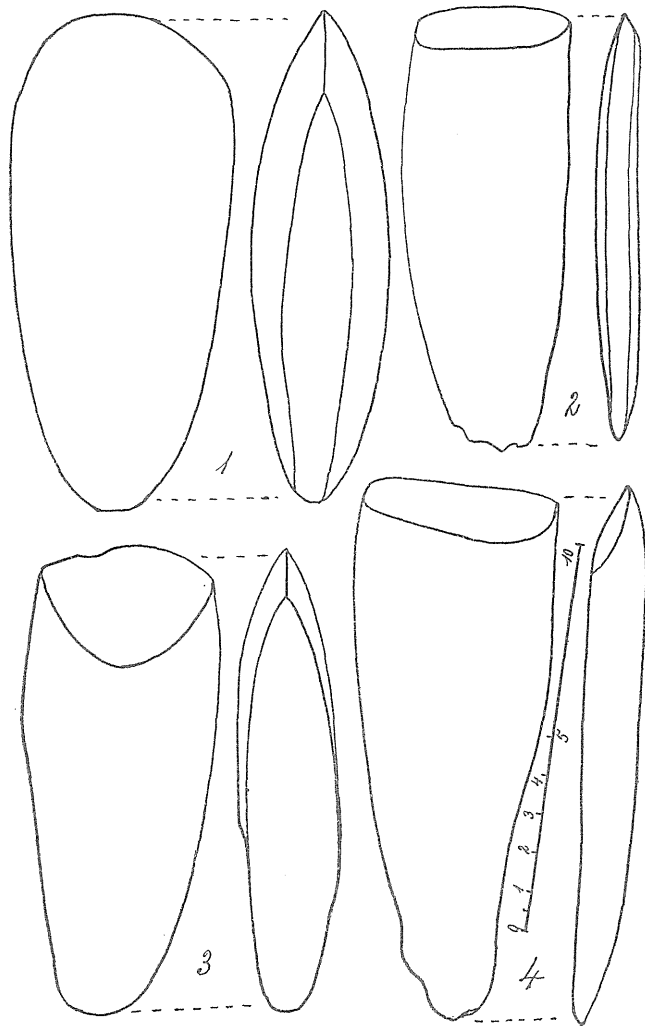


Fig. 32 — Necrópole da Palmeira: 4 — Enxó do túmulo n.º 1. 1 e 3 — Machados do túmulo n.º 5, 2 — Enxó do túmulo n.º 6.

base menor do trapézio, ou em um dos lados do triângulo.

Apenas Rui de Serpa Pinto, tratando da micro-indústria do Cabeço d'Amoreira, salientou o facto de alguns micrólitos triangulares, e de outras formas que denominou lâminas, e que disse serem raras com tal particularidade, apresentarem um, dois ou mais entalhes («encoches d'utilisation et d'accomodation»).

Fora de Portugal e Espanha conhecemos, unicamente, o seguinte exemplo. A pág. 254 do «Bulletin de la Société Préhistorique Française», Tomo XLIII, de 1946, acha-se representado, com o n.º 37, na estampa que ocupa essa página, um trapézio de sílex, com ranhura, idêntico a estes de que estamos tratando. Pertence à indústria lítica pelos autores do respectivo estudo (Ed. Giraud e Ed. Vignard «Un Rendez-vous de Chasse Mésolithique — *Les Rochers* — Commune D'Auffargis (Seine-et-Oise)» classificada como do Tardenoisense III. No texto não se faz qualquer alusão ao pormenor. Dos exemplares dados como colhidos naquela estação é o único que o apresenta.

Poderemos, portanto, considerar senão absolutamente inédito pelo menos muitíssimo raro o entalhe dos micrólitos das Caldas de Monchique. É para notar não ter Estácio da Veiga apontado a presença de nenhuma peça deste tipo em qualquer das numerosíssimas explorações por ele realizadas no Algarve. (Vid. Figs. 25-5-6; 41-14-20, 55-9-12; Ests. XIII e XIV).

*

Outra parte notável do espólio destas necrópoles é a formada pelas contas de colar. Das de tamanho avultado, vemos grande quantidade nas descrições de estações portuguesas e espanholas, parecendo-nos haver perfeita identidade entre algumas de *Alcalar*, assim como de *Almeria* e da *Catalunha* — para não nos alargarmos em mais citações — e as das Caldas de Monchique. Mais extenso confronto merecerão, todavia, os pequeninos discos per-

furados, tão abundantes em dólmens da França, os quais Mortil-

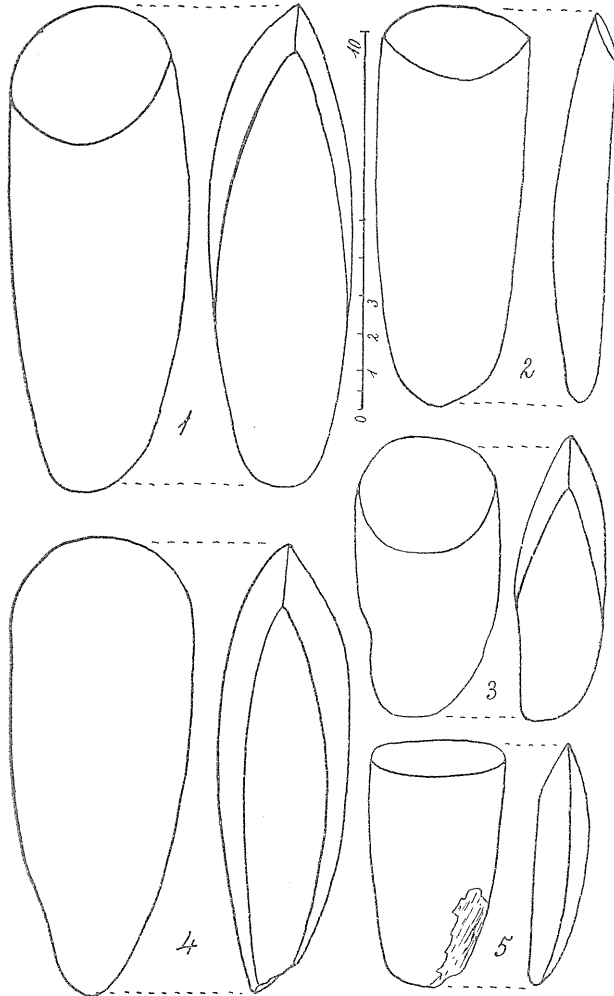


Fig. 33 — Necrópole da Palmeira: 1 e 4 — Machados do túmulo n.º 7. 2 — Enxó do túmulo n.º 6. 3 — Machado do túmulo n.º 2. 5 — Enxó do túmulo n.º 1.

let designou pelo nome de «rondelles», (Figs. 41-40; 55-14; Ests. XVI e XVII).

Menos frequentes as supomos em estações de Portugal, porquanto apenas as vemos mencionadas nos mobiliários dos túmulos n.ºs 2, 3 e 4 de Alcalar ⁽³¹⁾, nos materiais da famosa póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro ⁽³²⁾ e em algumas antas do Alentejo ⁽³³⁾.

Mais numerosas são as referências espanholas de que temos conhecimento: *Montgrí*, sendo 66 destas contas com 5 a 7,5 milímetros de diâmetro, 24 com 3,5 a 4 milímetros e 334 com 2,5 a 3 milímetros, todos estes discos feitos de pedra negra ⁽³⁴⁾; *Alava* — associados a micrólitos geométricos ⁽³⁵⁾; fossas sepulcrais de *Cau Torrents* e *San Vicent de Castellet* ⁽³⁶⁾; fossa sepulcral neo-eneolítica catalã de *Cau d'en Serra* — em conjugação com um magnífico espólio de sílex, no qual sobrelevam um belo grupo de facas, outro de pontas de seta e um punhal, não havendo de pedra polida senão um fragmento de machado de porfírito e uma placa quadrangular de filádio esverdeado ⁽³⁷⁾; *Cueva del Pastoral*, com machados de pedra polida, uma faca de sílex e cerâmica

(31) Estácio da Veiga — *Antiguidades Mon. do Alg.*, vol. III, Est. V, pág. 142; Est. VII, pág. 167; Est. XII, pág. 198.

(32) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro* — *Notas sobre a 6.ª Campanha, 1944*, in «Brotéria», vol. XXXVII. Lisboa, 1945.

(33) Georg Leisner — *O dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo*. Coimbra, 1944.

(34) L. Pericot — *Cuevas sepulcrales del Montgrí*, in «Ampurias», vol. I (1939), págs. 113-137.

(35) Pedro Ruiz de Azua — *Op. cit.*

(36) José Colominas — *Nuevos sepulcros de fosa en Cataluña*, in «Ampurias», vol. II (1940), págs. 159-163, Ests. I e V.

(37) Salvador Vilaseca — *El Cau d'en Serra (Cueva sepulcral de Picamoi-xons, término de Valls)*, in «Ampurias», vol. II, págs. 145-158, Est. VII.

lisa ⁽³⁸⁾; *Cueva de la Masia*, na região de Almeria ⁽³⁹⁾ e sepulcro de *Masia Nova* ⁽⁴⁰⁾; mamoa n.º 7 da necrópole do *Monte da Morá* (Galiza) — quatro de 0^m,005 a 0^m,010 de diâmetro e associadas a um micrólito trapezoidal ⁽⁴¹⁾; e como reminiscência muito tardia, na póvoa argárica de *Tossal del Càstellet* — discos fabricados de concha e de pedra caliça.

Mercê do estudo de Pericot, atrás citado. (Vid. nota 34), podemos alargar o nosso pequeno quadro da distribuição geográfica destas contas discóides, resumindo algumas informações do ilustre arqueólogo. Parece que a existência desta espécie de contas foi pela primeira vez assinalada, em 1922, por Philippe Helena, descobrindo-as aos milhares na cova de *Roc de la Milanco* (La Clape, Bas-Languedoc), e depois em outros lugares, inclusive no dólmen de *Roc Gris* (Narbona).

Em Espanha quem primeiro as descobriu foi Serra Vilaró, na *Cabana del Moro*, dólmen de *Pescaran*, Cerdaña. Em 1925, achou-as o próprio Pericot em *Cau de l'Olivar d'en Margall*. Seguiu-se-lhe José Belda, em 1928, na cova sepulcral de *Torremanzanas* (Alicante). Prosseguiu a descoberta destes discos, com *Castellet de Carricola* (Valência), *Blanquizares de Lebor*, Totana (Múrcia), achando-se também na Catalunha uma vintena deles em um dólmen da comarca de Vich (*Caixa del Moro*, Castelleir).

Os pequeninos discos destas estações espanholas são, no dizer dos autores dos trabalhos a que nos reportamos, ora de

⁽³⁸⁾ F. Riaró — *La Cueva de El Pastoral*, in «Ampurias», vol. iv, págs. 189-204.

⁽³⁹⁾ Alberto Ferrer e Pedro Giró — *La colección prehistórica del Museo de Vilafranca del Panadés*, in «Ampurias», vol. v, págs. 185-210, Fig. 8.

⁽⁴⁰⁾ Alberto Ferrer — *La necropolis almeriense de la «Masía Nova» (Villanueva y Geltru)*, in «Ampurias», vol. v, págs. 287-288.

⁽⁴¹⁾ Florentino Cuevillas, A. Fraguas e Maria Pura Lorenzana — *Op. cit.* — Flor. L. Cuevillas e Fermin Bouza Brey — *Op. cit.*

esteatite, ora de calaíte, ora de pedra negra, que não especificam. Pericot, tratando detidamente destas minúsculas contas

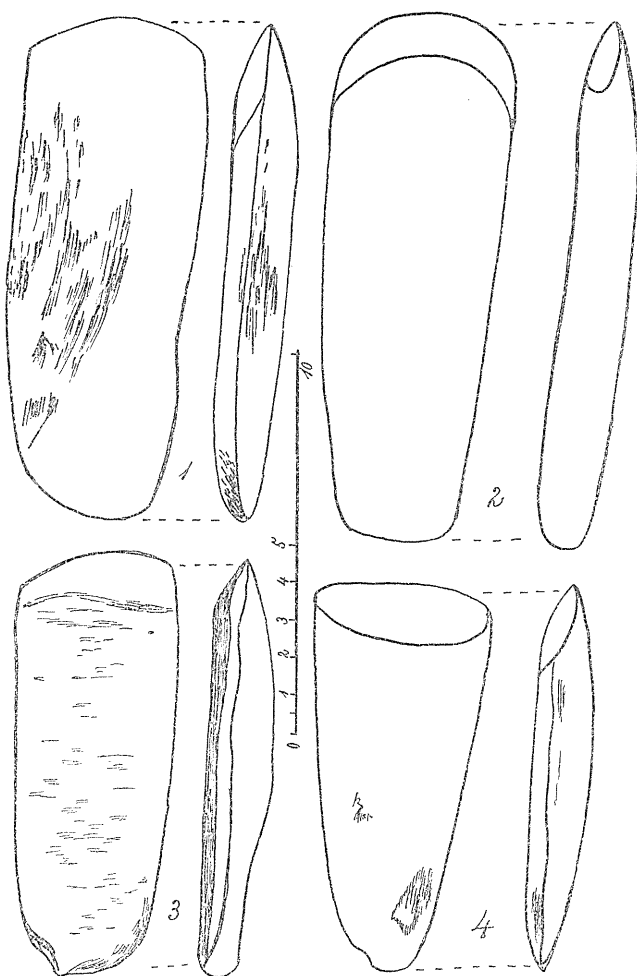


Fig. 34 — Necrópole da Palmeira: 1 — Enxó do túmulo n.º 6. 2 — Enxó do túmulo n.º 7. 3 — Enxó do túmulo n.º 2. 4 — Enxó do túmulo n.º 5.

discoidais, diz-se convencido da sua origem de um foco comum, ainda mesmo que não sejam vindas directamente de centros de

fabrico orientais. Admite a hipótese de que as da estação de

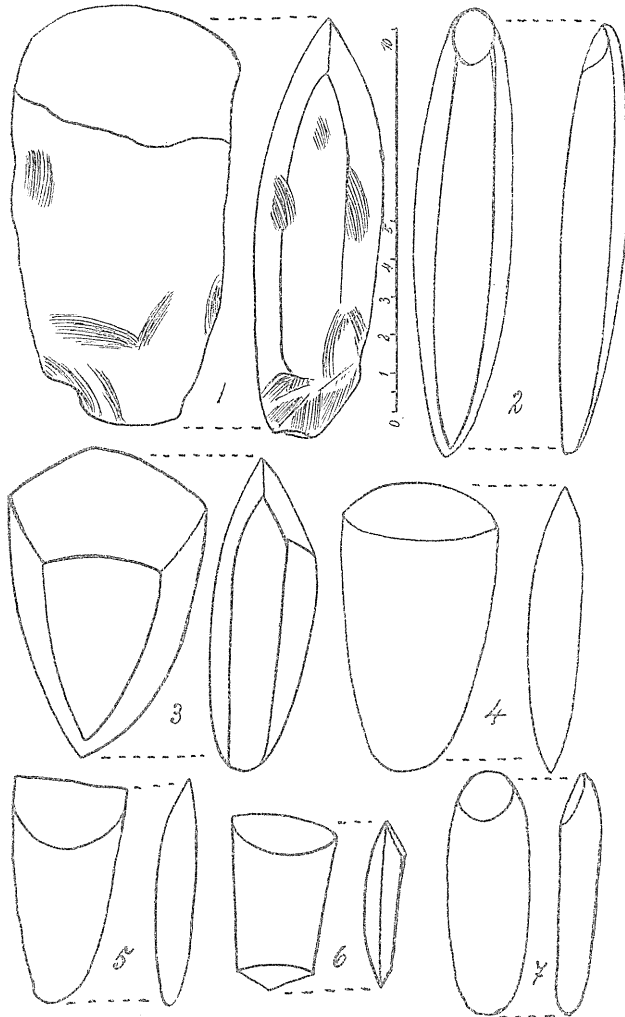


Fig. 35 — Necrópole da Palmeira: 1, 3, 4 e 7 — Machados, enxó e goiva do túmulo n.º 2. 2 — Goiva do túmulo n.º 7. 5 e 6 — Enxós do túmulo n.º 5.

Torremanzanas, feitas de pedra mais branda, sejam imitações locais. Salienta a dificuldade da perfuração de uma placazinha

tão rija e diminuta, parecendo-lhe que o furo poderia ter sido feito com um fino punção de cobre ou de bronze ⁽⁴²⁾.

A propósito das que recolheram em Vila Nova de São Pedro, Afonso do Paço e Eugénio Jalhay recordam: — «É sabido que as pequeninas (*contas*) em forma de disco aparecem no Egipto à volta do ano 3000 antes de Cristo, por conseguinte antes do povoamento de Vila Nova de São Pedro» ⁽⁴³⁾.

Segundo Georg Leisner: — «A conta ovalada de calaíte é uma das mais comuns da época calcolítica em Portugal. Típicas igualmente desta cultura são os pequenos discos que, no Alentejo, são feitos geralmente de xisto, cujo número total, a partir do de várias sepulturas de corredor dessa região (Anta da Comenda da Igreja, Anta Grande da Ordem, Anta da Capela), se eleva a algumas centenas e que surgem também em número considerável nalgumas sepulturas de falsa cúpula e grutas artificiais» ⁽⁴⁴⁾.

Os das necrópoles das Caldas de Monchique (Palmeira e Buço Preto) são de xisto e passam de milhar e meio, restando-nos a certeza de que, devido ao seu minúsculo tamanho, muitos se nos escaparam ao crivo. Estácio da Veiga informa que os de Alcalar são de aragonite ⁽⁴⁵⁾.

⁽⁴²⁾ L. Pericot — *Op. cit.*

⁽⁴³⁾ A. do Paço e E. Jalhay — *Op. cit.*, pág. 25 da separata. Os A.A. falam destas contas em outros trabalhos seus: *A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1.ª e 2.ª Campanha, 1937 e 1938*, in «Brotéria», vols. XXVIII e XXIX. Lisboa, 1939; *Idem, idem — Campanhas de 1939, 1940 e 1941*, in «Brotéria», vol. XXXIV. Lisboa, 1942; Eugénio Jalhay — *O castro eneolítico de Vila-Nova-de-São-Pedro e as suas relações com o Norte Africano e o Mediterrâneo Oriental*, in Tomo VIII das «Publicações do 4.º Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Luso-Espanhol)». Porto, 1942.

⁽⁴⁴⁾ Leisner — *Op. cit.*, pág. 21.

⁽⁴⁵⁾ *Antig. Monum. do Algarve*, vol. 3.º, pág. 167.

*

Estes são os dois elementos mais afins nos espólios do Buço Preto e Palmeira e, como demonstrado fica, comuns a épocas que se compreendem num extenso lapso de tempo, e ambos com larguíssima distribuição geográfica. Há, todavia, alguma coisa de novo a notar nos micrólitos de sílex, cujas características especiais deixamos apontadas.

Nos instrumentos de pedra polida poder-se-á destacar a elevada percentagem das enxós, peças que nas sepulturas da Palmeira e do Buço Preto se encontram em número superior ao dos machados (26 enxós contra 22 machados e 7 enxós contra 6 machados, respectivamente). Tal não acontece no resto do Algarve. A proporção dos machados inventariados por Estácio da Veiga é incomparavelmente maior relativamente à das enxós. Notável, também, a relativa abundância de goivas. Leisner declara: — «À goiva, típica da época do cobre em Portugal, pertence mais à cultura das grutas que à das populações megalíticas» (46).

Outros objectos utilitários, de adorno ou de culto, não ocorrem simultâneamente em todas as necrópoles das Caldas. As placas de xisto, gravadas, respeitam apenas ao Rencovo. Nos outros locais nenhuma apareceu, nem mesmo aqueles chapões lisos, como os de *Castro Marim*, *Vaqueiros*, (Alcoutim) (47), *Cumeada* (São Bartolomeu de Messines) (48), *Quinta do Anjo* (Palmela), *Furninha do Cão* (Peniche); como os de *Ampurdan*, em Espanha, e os de monumentos sepulcrais franceses.

(46) Leisner — *Op. cit.*, pág. 18.

(47) *Antig. Monum. do Algarve*, vol. I, pág. 296, Est. xxx.

(48) J. Leite de Vasconcelos — *De terra em terra*, vol. 2.º, pág. 254, Fig. 212.

De carácter idolátrico, apenas se poderá ajuntar, ainda que com reserva, mais a placa de barro, incompleta, do túmulo n.º 7

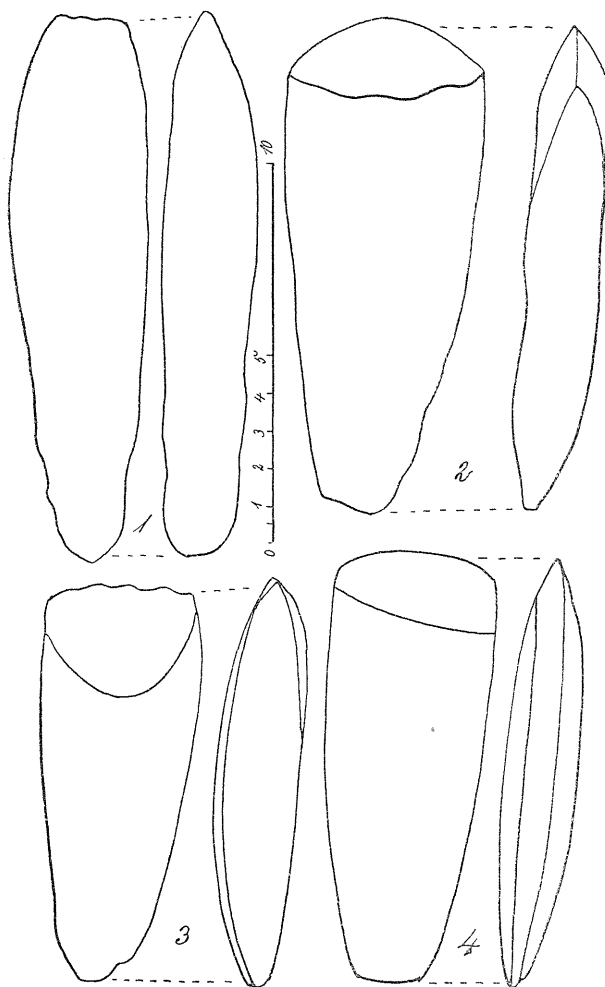


Fig. 36 — Necrópoles da Palmeira: 1, 2 e 3 — Machados isolados. 4 — Enxó do túmulo n.º 7.

da Palmeira, que pelo tamanho se nos afigura demasiada para se considerar como simples pingente adorno.

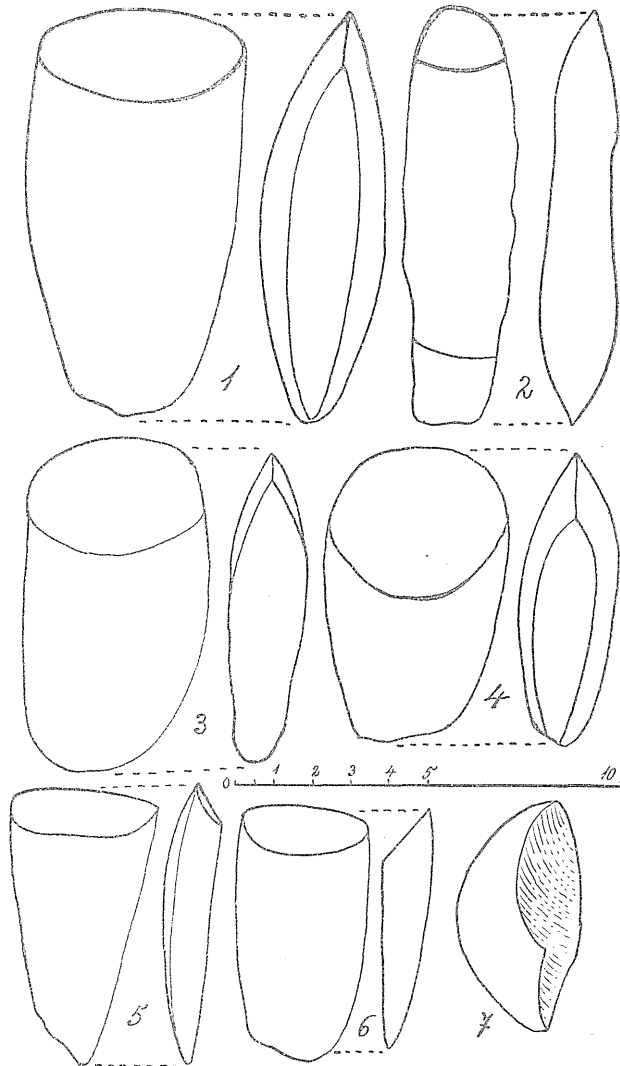


Fig. 37 — Necrópole da Palmeira: 1 e 6 — Machado e enxó do túmulo n.º 6. 2 e 4 — Escopro e machado do túmulo n.º 7. 3 e 5 — Machado e enxó do túmulo n.º 4. Necrópole de Belle France: 7 — Lasca de calhau rolado, do túmulo n.º 1.

Deste mesmo túmulo é a placazita de xisto perfurada nos topos. Não são em número muito avultado as referências que conhecemos, quer na bibliografia portuguesa, quer na de Espanha, a esta categoria de objectos. Ao que parece, caracterizam as tumulações da época «do cobre» (argárico) nos arredores de Faro.

Delas se fala em «O Archeologo Português», vol. II (1896) ⁽⁴⁹⁾ e vol. XXIII (1918) ⁽⁵⁰⁾, e em um trabalho de Santos Rocha, que deu origem à primeira referência de «O Archeologo». Consta esta de uma súpula crítica do artigo publicado por Santos Rocha na «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», vol. VI, n.º 14, intitulado «Necrópole prehistorica da Campina nas vizinhanças de Faro». O comentário é da autoria do Dr. Leite de Vasconcelos, o qual admite, a par de uma modificação de algumas ideias gerais emitidas por Estácio da Veiga, a confirmação da existência de uma idade do cobre, tão calorosamente proclamada pelo investigador algarvio. O relato da «Revista de Sciencias Naturaes» formou depois capítulo, com a mesma epígrafe, nas «Memorias sobre a Antiguidade», págs. 111-159 ⁽⁵¹⁾. Aí descreve circunstanciadamente a exploração da necrópole da Campina e o seu conteúdo lítico, cerâmico (vasos de fundo semi-esférico e bordo vertical) e metálico (de cobre puro).

Esta necrópole marcou-a Estácio da Veiga na sua «Carta archeologica do Algarve», como sendo da Época do Bronze mas, conforme o nota Santos Rocha, não deixou qualquer descrição da mesma — omissão muito de admirar em quem tanto buscou testemunhos em prol da sua tese: a existência de uma Época

⁽⁴⁹⁾ *Necrópole da Campina (Faro)*, págs. 60-61.

⁽⁵⁰⁾ Págs. 109-110: artigo — *Pelo Sul de Portugal*, que constitui capítulo in *De terra em terra*, vol. 2.º, em que a referência ocupa as págs. 244-245.

⁽⁵¹⁾ Figueira da Foz, 1897.

do Cobre, entre o Neolítico e a Época do Bronze. As observações

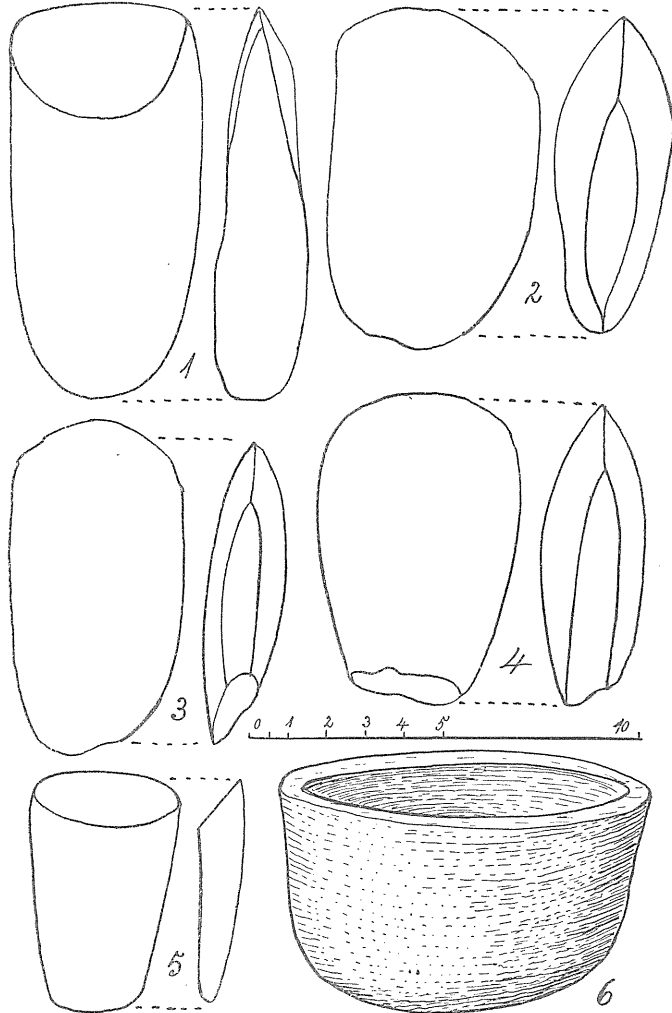


Fig. 38 —Necrópole da Palmeira: 1 e 5 — Machado e enxó do túmulo n.º 6. 4 — Machado do túmulo n.º 7. 3 — Machado do túmulo n.º 15. 6 — Vaso de barro do túmulo n.º 7. Necrópole de Belle France: 2 — Machado do túmulo n.º 2.

de Santos Rocha, na Campina, coincidem com as de Á. Viana e

Lyster Franco, efectuadas cinquenta anos mais tarde no sítio da Ferradeira, também próximo de Faro e no paralelo do da Campina (52), excepto no respeitante à posição dos esqueletos, que nas sepulturas da Ferradeira estavam estendidos e não dobrados como na Campina.

Na Ferradeira colheu-se o braçal figurado na Est. LVI — *g*; no da Campina, o figurado em *f*; o figurado em *e* pertence também ao Museu de Faro, ignorando-se a procedência dele, mas sendo de presumir que pertença a achados dos arredores de Faro.

Eis como Santos Rocha descreve a peça da Campina: — «Enfim o adorno de ardósia polida é muito importante para nós. Se porventura recorda a idade da pedra, nem por isso lhe pertence. A pedra, empregada só nos adornos, não é pertença duma época: ainda hoje as rochas figuram nesses objectos entre os povos mais civilizados. Nós encontramos uma placazinha de osso nos depósitos de Santa Olaya, concelho da Figueira, com a forma daquela: era rectangular e alongada, e também tinha um orifício junto a cada uma das extremidades; mas continha uma singular ornamentação, que aqui não importa conhecer. Estava associada a louças grosseiras, mas muito mais duras do que as da Campina. Mede o objecto da Campina 0^m,071 no comprimento, 0^m,022 na maior largura e 0^m,004 na espessura. Os orifícios são de forma cónica e abertos pelas duas faces da placa».

(52) Abel Viana e Mário Lyster Franco — *Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro*. Fez-se a exploração em Março de 1946 e nesse mesmo ano foi entregue o respectivo relato à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. (Vid. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. xi. Porto, 1948). O mobiliário exumado consiste em uma ponta de lança, de cobre, duas vasilhas de barro, de características argáricas, e o braçal de xisto (comp. 0^m,115; larg. máx. 0^m,028; espes. 0^m,011). Colheram-se, ainda, um crânio (com falta do maxilar inferior) e diversos ossos, tanto pequenos como longos, restos que se remeteram ao Instituto de Antropologia, do Porto.

«Nenhum adorno semelhante tem sido encontrado por nós entre o mobiliário da necrópole neolítica da Serra do Cabo Mon-

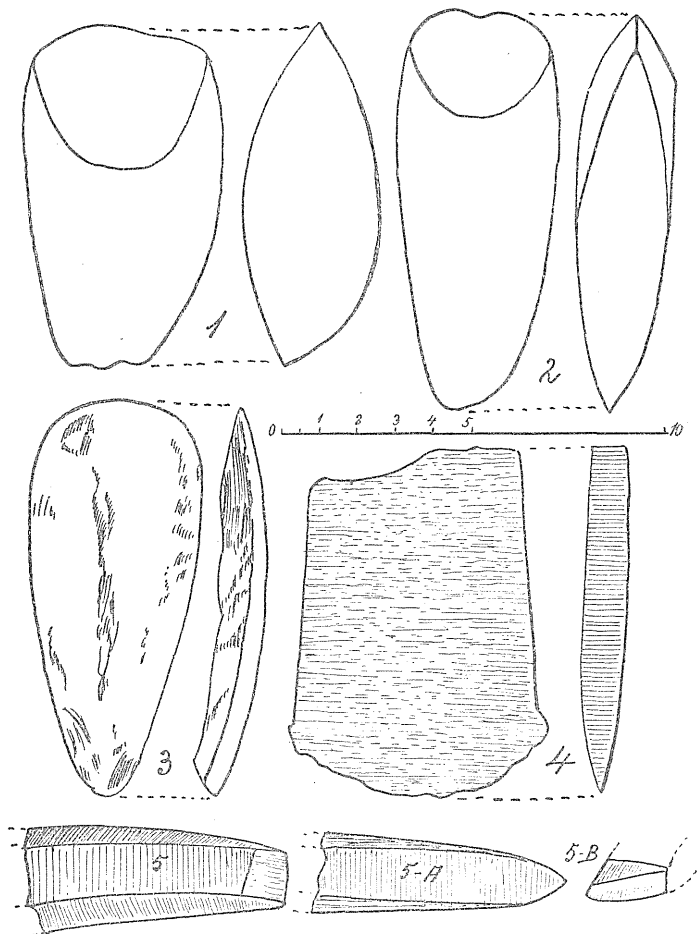


Fig. 39 — Necrópole da Palmeira: 1 e 2 — Machados isolados. 3 — Enxó do túmulo n.º 6. Necrópole de Belle France: 4 — Machado de bronze do túmulo n.º 1. Navete: 5, 5-A e 5-B — Fragmento de escopro, isolado.

dego, posto que tenhamos encontrado alguns com dois orifícios. Quanto ao modo de o suspender, pensamos que o fio do collar devia passar pelos dois orifícios, a fim de manter o objecto em

posição horizontal. Assim temos collocado o seu similar de Santa

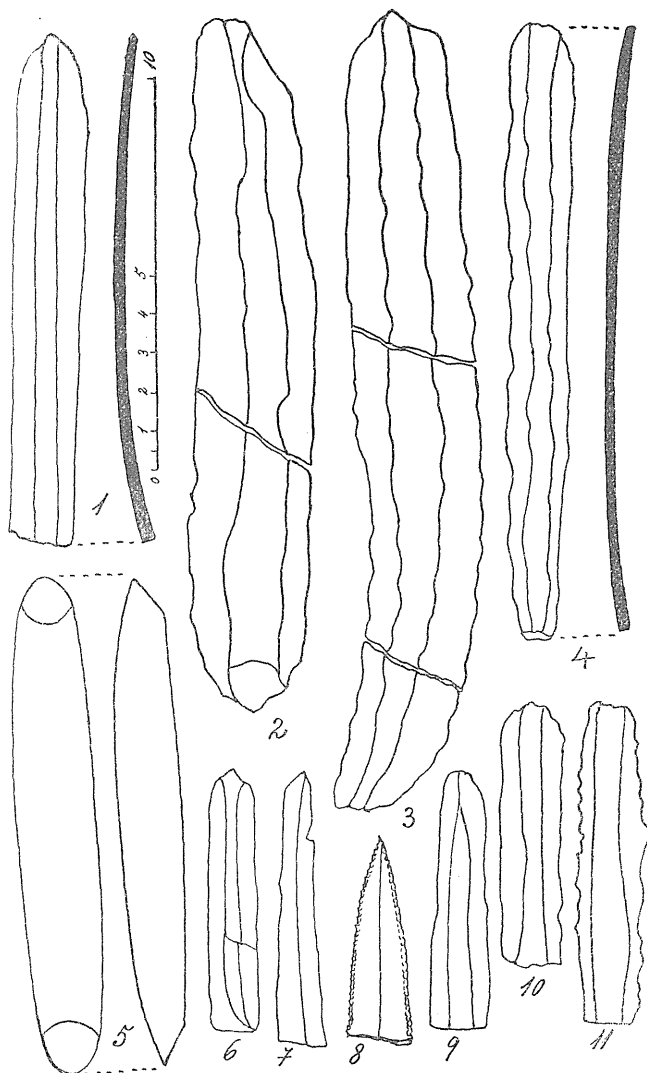


Fig. 40 — Necrópole da Palmeira; Escopro; facas de sílex.

Olaya em um collar restaurado que se acha exposto no Museu Municipal da Figueira.»

Em nota, adverte: — «Devemos notar que Schliemann recolheu nas quatro primeiras estações prehistoricas de Hissarlik umas placas de schisto, perfeitamente semelhantes ao exemplar da Campina, que elle classifica como afiadores ou pedras d'amolar (*Ilios*, pág. 310)» (53).

Para aquele arqueólogo a chapazita de xisto era, pois, adorno componente de um colar. Estudando directamente estes objectos, Leite de Vasconcelos classificou-os como *braçais* (54).

Há mais um «braçal de arqueiro» a acrescentar à lista daqueles que sabemos haverem sido achados no Algarve. Pertence ao Museu Regional de Lagos e provém de uma das cistas exploradas por José Formosinho em *Almadeninha*, naquele concelho. (Fig. 57).

Dessas mesmas cistas são um punhal, uma pulseira e um machado, tudo de bronze (ou cobre?). O objecto foi partido por um dos trabalhadores empregados na exploração, em consequência de um desastrado golpe de picareta, resultando disso não só a fractura mas também a perda de uma pequena porção de um dos bordos. Examinando-se os orifícios, vê-se que estes foram abertos a partir de ambas as faces, porém com maior diâmetro naquella que é côncava e que representa o reverso da peça. O acentuado desvio em um dos bordos de cada orifício não é devido a desgaste por atrito com o fio de suspensão; originou-o a inclinação dada ao praticarem os furos.

Na face do anverso, observam-se, junto aos furos, uns sulcos dispostos em leque, os quais poderão ter servido para melhor fixação do fio que enfiava pelos furos, ou, menos provavelmente,

(53) António dos Santos Rocha — *Memorias sobre a Antiguidade (Paleoethnologia e Archeologia Historica)*, págs. 126-127, Imprensa Lusitana, Figueira, 1897.

(54) *O Arch. Port.*, vol. XXII, pág. 109, 1918; *De terra em terra*, vol. 2.º, pág. 245.

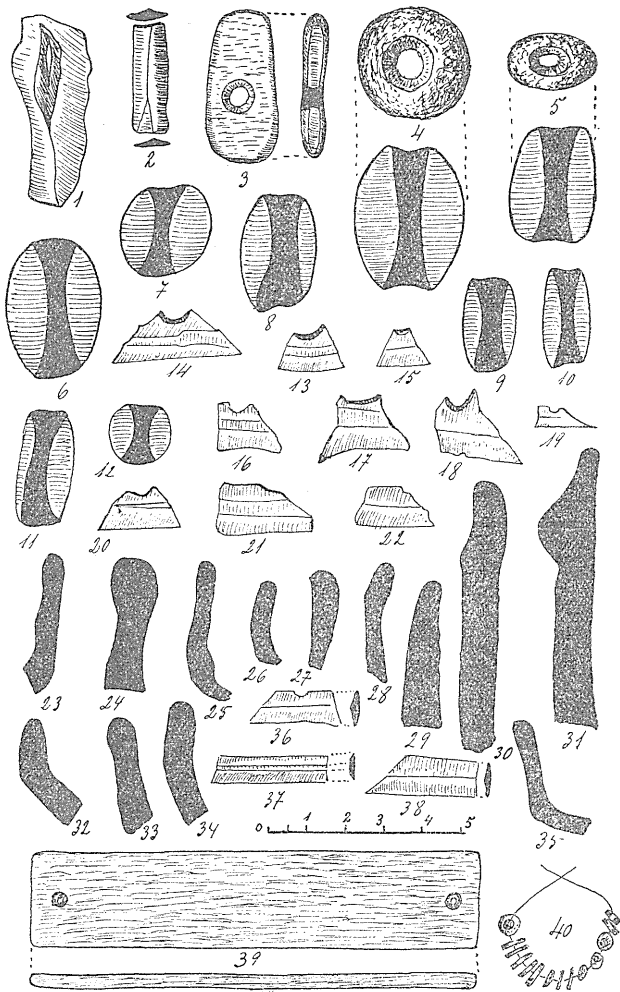


Fig. 41 — Necrópole da Palmeira: n.ºs 1 a 5, 20 e 34 — Faca de sílex, com uma perfuração natural; pingente de colar, contas de colar, micrólito de sílex, fragmento de cerâmica (perfil), do túmulo n.º 15. 6 e 16 — Conta de colar e micrólito do túmulo n.º 4. 7, 8, 13, 14, 17 e 18 — Contas e micrólitos do túmulo n.º 2. 9 e 11 — Contas do túmulo n.º 3. 15 — Micrólito do túmulo n.º 6. 30 — Fragmento de cerâmica do túmulo n.º 13. 19, 32 e 33 — Micrólitos e fragmento de cerâmica do túmulo n.º 14. Necrópole de Belle France: 21, 23 a 28 — Micrólito e fragmentos de cerâmica (perfis) do túmulo n.º 2. 31 — Fragmento de cerâmica do túmulo n.º 3. 40 — Contas discóides da Palmeira e do Buço Preto.

representarão simples ornatos. Comp. 0^m,122; larg. em uma das extremidades 0^m,018, na outra 0^m,018, ao centro 0^m,022; espes. em uma das extremidades 0^m,003, na outra 0^m,004, ao centro 0^m,006.

Além dos exemplares tratados nos dois referidos números de «O Archeologo Português», outros foram reproduzidos e descritos na «Portugalia» (Tomo I—Lisboa, 1899 a 1903), pág. 456, Est. XXV, sendo dois da *Gruta das Redondas*, um da *Gruta dos Mosqueiros* (Alcobaça) e outro do *Cabeço da Ministra*. (Fig. 59-35 a 38).

Nils Åberg reproduz a placazita de osso, da Gruta de Cascais ⁽⁵⁵⁾ à qual aludem diversas publicações portuguesas. (Fig. 59-34).

De estações espanholas conhecemos os seguintes exemplares: um das imediações de *Alcoy* (Alicante) ⁽⁵⁶⁾; três de *Carmona* (Sevilha), publicados por Bonsor e referidos por Alberto del Castillo ⁽⁵⁷⁾; vários descobertos fora dos túmulos, em *El Argar* ⁽⁵⁸⁾, alguns com um só furo em um dos topos, outro com três furos em um dos topos e outro com três dispostos segundo o eixo longitudinal do exemplar, e cinco idênticos aos do Algarve (Fig. 58 — todos — e 59, excepto os n.ºs 34 a 38); e ainda outro das camadas superiores da *Cueva de la Pileta* (Málaga), nas quais apareceu também um machado plano, idêntico ao da necrópole de Belle France ⁽⁵⁹⁾.

⁽⁵⁵⁾ Nils Åberg — *La Civilization Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, pág. 72. Uppsala, 1921.

⁽⁵⁶⁾ *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. IV, Lám. LV, n.º 2. Madrid, 1944.

⁽⁵⁷⁾ Alberto del Castillo Yurrita — *La cultura del vaso campaniforme — Su origen y su extensión en Europa*. Barcelona, 1928.

⁽⁵⁸⁾ A. del Castillo — *Op. cit.*, Lám. LX.

⁽⁵⁹⁾ Simeón Gimenez Reyna — *Memoria Arqueologica de la Provincia de Malaga hasta 1946 — Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas — «Informes y Memorias», n.º 12, Lám. VII. Madrid, 1946.*

Quanto ao achado destas peças em estações europeias, fora da Península, avaliamos pelas informações de Alberto del Castillo. Em sua notável síntese, «El Neoeolítico» (in «Historia General de España»), vemos os seguintes exemplares: da gruta artificial de *Castellet* (Provença), com um dos lados mais extensos bastante encurvado para uma das extremidades (Págs. 660-661); da necrópole de *Anghelu-Ruju* e da *Cueva de San Bartolomeo* (Sardenha), sendo identificável com estas peças, conforme se nos afigura, uma das placazitas, pelo menos, representadas com objectos da primeira destas estações (Págs. 669 e 671); da necrópole de *Munique* (Alemanha) — um exemplar com os lados maiores ligeiramente convexos (Pág. 696); e da sepultura com *tumulus* circular (mamoá), *East Kennet*, Wilts (Grã-Bretanha), rectangular e com dois furos em cada extremidade (Pág. 696).

As estações supra-mencionadas são da cultura campaniforme e, segundo o quadro cronológico apresentado pelo

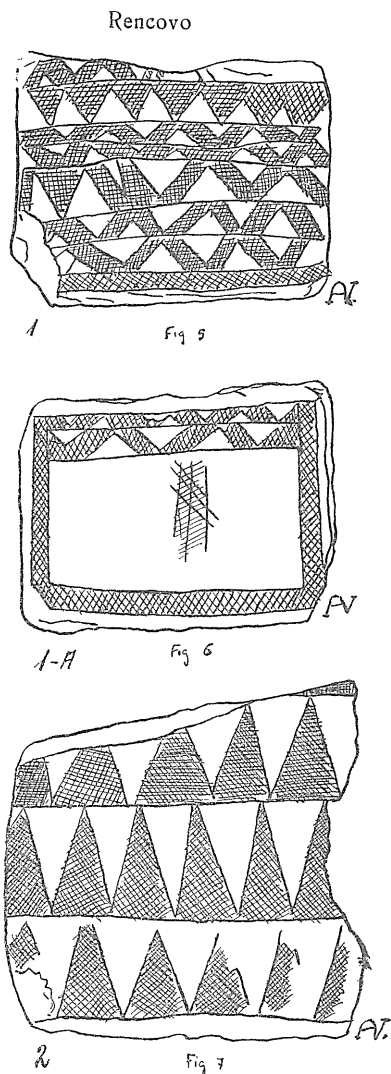


Fig. 42—Rencovo : Placas de xisto, gravadas.

Autor, compreendidas entre os

fins do Eneolítico pleno e os da época pré-argárica: 2.200-
-1.900 a. C.

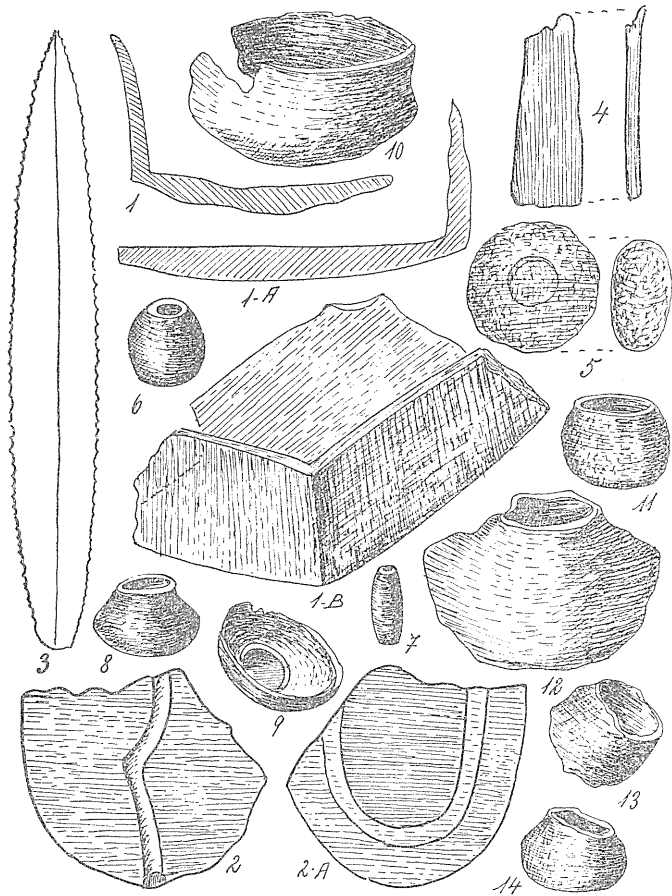


Fig. 43 — Do túmulo n.º 7 da necrópole da Palmeira: 1, 1-A e 1-B — Fragmentos de recipiente de barro; 2 e 2-A — Fragmento de tampa de recipiente de barro; 4 — Placa de barro, com orifício de suspensão. 5 — Percutor esférico de sienito, achado na área da Palmeira. Necrópole da Alcaria: 3 — Serra de sílex. Alcalar: 8 a 14 — Cerâmica, segundo Estácio da Veiga.

Álberto del Castillo é de opinião que tais placas perfuradas sejam ídolos ou objectos de adorno, e não peças para

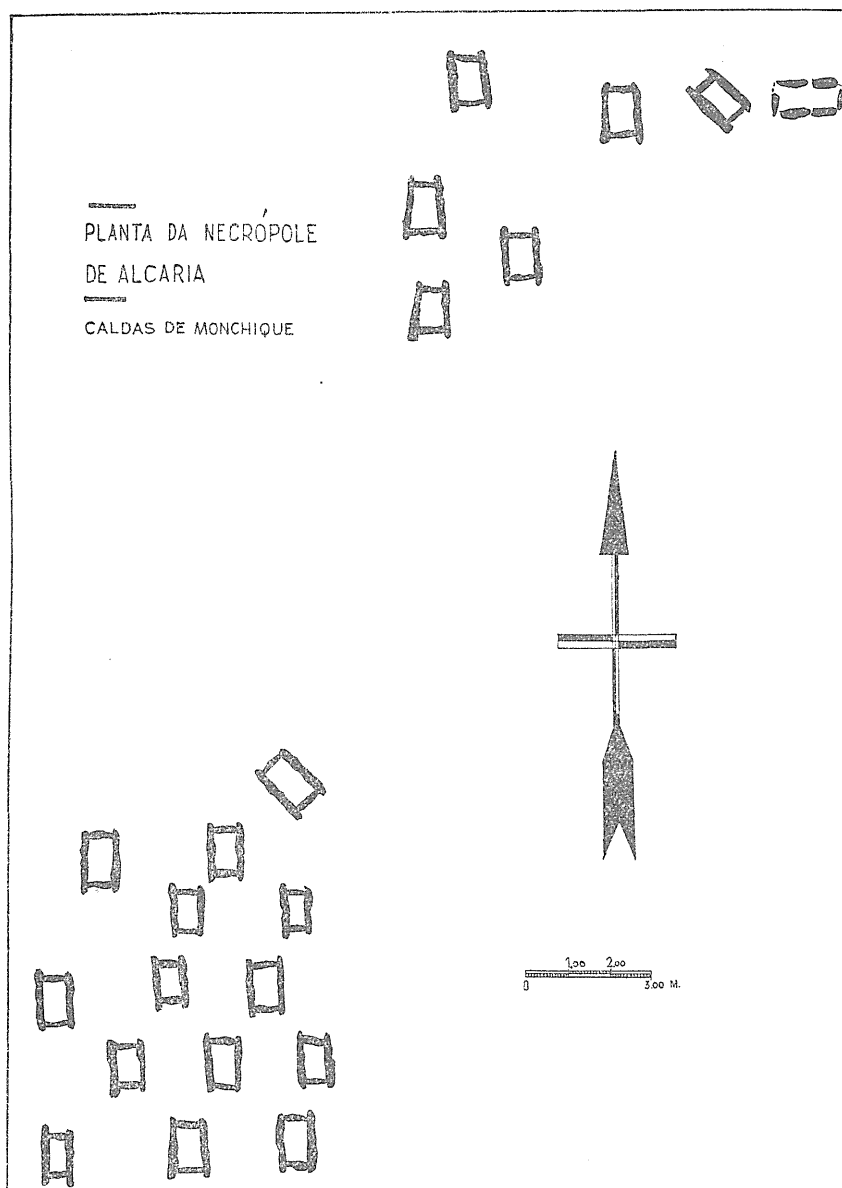


Fig. 44 — Esboço topográfico da necrópole da Alcária.

protecção dos dedos do arqueiro, quando este disparava o arco (Pág. 661). O mesmo Autor trata destas placas, na sua obra «La cultura del vaso campaniforme — Su origen y extención en Europa»,

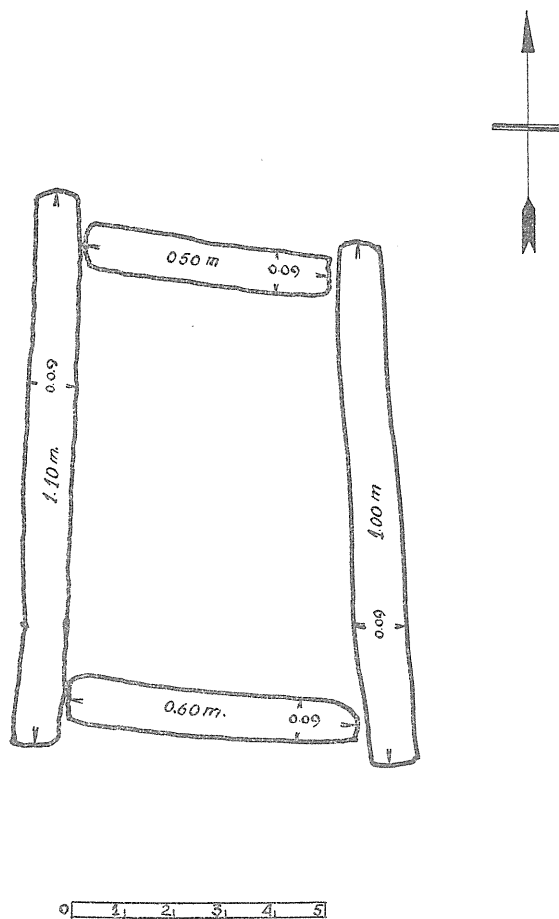


Fig. 45 — Cista da necrópole da Alcaria.

citando as de *El Argar, Carmona, gruta de Bounias de Castellet* (Sul da França), *Anghelu-Ruju* (Museu de Cagliari), *Norte de Itália*, *Bylani* e *Nemeicice na Hané* (Boémia e Morávia), *Woyschwitz*

(Silésia), *Rottleben* e *Goseck* (Saxónia e Turíngia), e *East Kennet*, *Wiltz* (Grã-Bretanha). São todos mais pequenos, e no geral bastante mais pequenos que os algarvios.

*

Resta-nos falar da cerâmica. Embora tivéssemos numerosos fragmentos no Buço Preto, Belle France e Palmeira, o certo é que só o já citado túmulo n.º 7 desta última necrópole proporcionou exemplares em quantidade e suficientemente completos. Todos os vasos são lisos e na quase totalidade de forma esférica, ou de calote esférica, sem bordo ou com este extremamente reduzido, embora um deles o mostre bastante pronunciado.

Dois destes vasos são quase cilíndricos, à maneira de pequenos copos, de paredes muito espessas, de forma idêntica ao de um da «Tumba del Gigante», de Abbasanta, Sardenha ⁽⁶⁰⁾ e a uns quantos outros de estações espanholas. Há alguns que parecem caber no quadro tipológico do argárico; julgamos, porém, que o seu conjunto mais se aproxima de certos tipos peninsulares neolíticos. Pelo menos, diverge bastante, e inculcando maior antiguidade, da maioria da cerâmica por Estácio da Veiga exumada em monumentos megalíticos algarvios.

A nossa opinião baseia-se, contudo, unicamente na forma dos vasos e no aspecto da pasta, observado nos bordos de fractura. Isto porque as peças estão cobertas de concreção argilo-ferruginosa, de muito forte aderência.

Dentro, ainda, do mobiliário cerâmico, enumeram-se dois fragmentos de caixas rectangulares, de cantos arredondados (um

(60) Martín Almagro — *Introducción a la Arqueología*, pág. 359. Barcelona, 1941.

deles corresponde a parte de uma tampa), representando, infelizmente, pequena parte dos primitivos objectos. Lembram recipien-

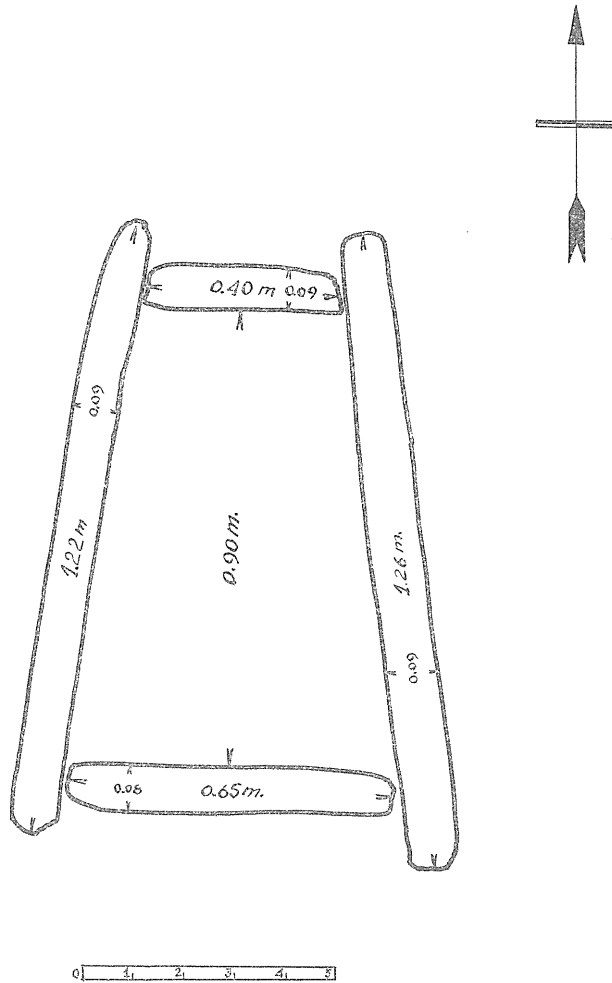


Fig. 46 — Cista da necrópole da Alcaria.

tes do género de um, também de barro, existente no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, com o mesmo feitio da clássica saboneteira de porcelana, provida de tampa. O dos Serviços

Geológicos dá-nos a bárbara representação de uma vaca. Provém da Gruta do Carvalho, Turquel (estação neolítica). Este

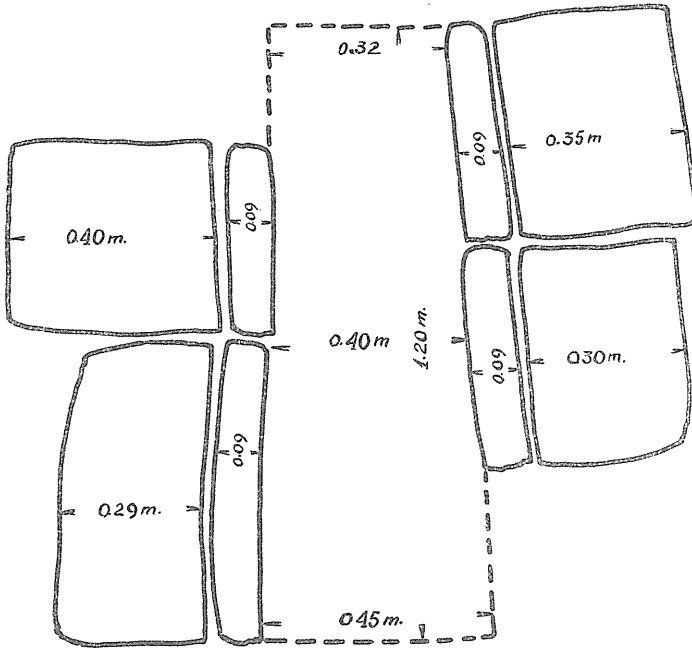


Fig. 47 — Cista da necrópole da Alcaria.

último vaso, porém, é de pasta mais rude e de fabrico mais grosseiro.

*

Um elemento que, nas Caldas de Monchique, pode dizer-se faltar por completo é a ponta de seta (faremos aqui distinção

entre ponta de seta, com as conhecidas formas, e os trapézios e

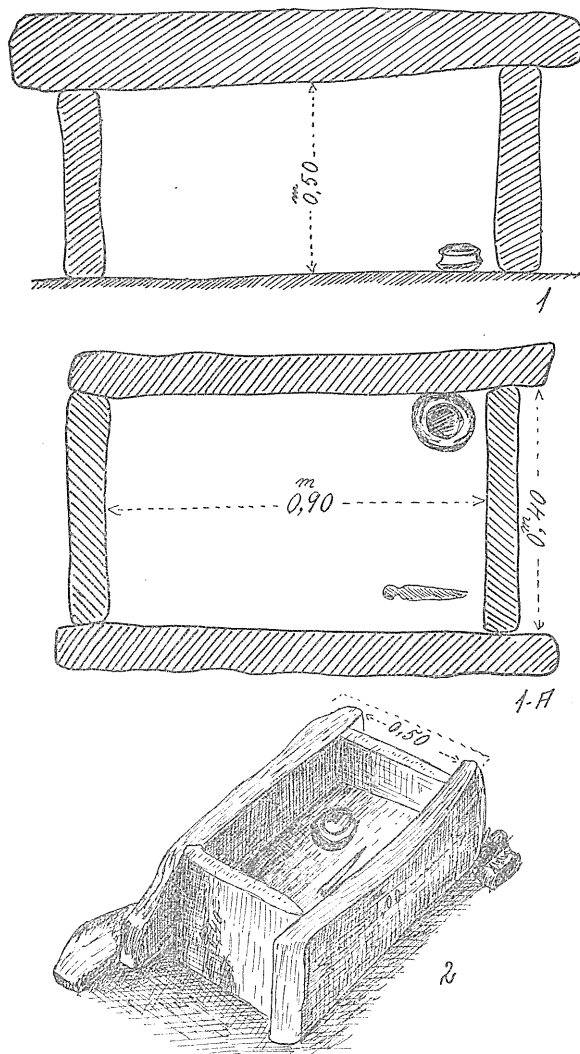


Fig. 48 — 1 e 1-A — Planta e corte longitudinal de uma cista da necrópole da Alcaria. 2 — Cista de tipo argárico. — Bronze mediterrânico (Santa-Olalla).

triângulos de sílex). Verifica-se apenas o aparecimento de metade

de uma, a qual, pela porção existente, equipara-se ao tipo mais grosseiro das de Alcalar e do muito comum nas encon-

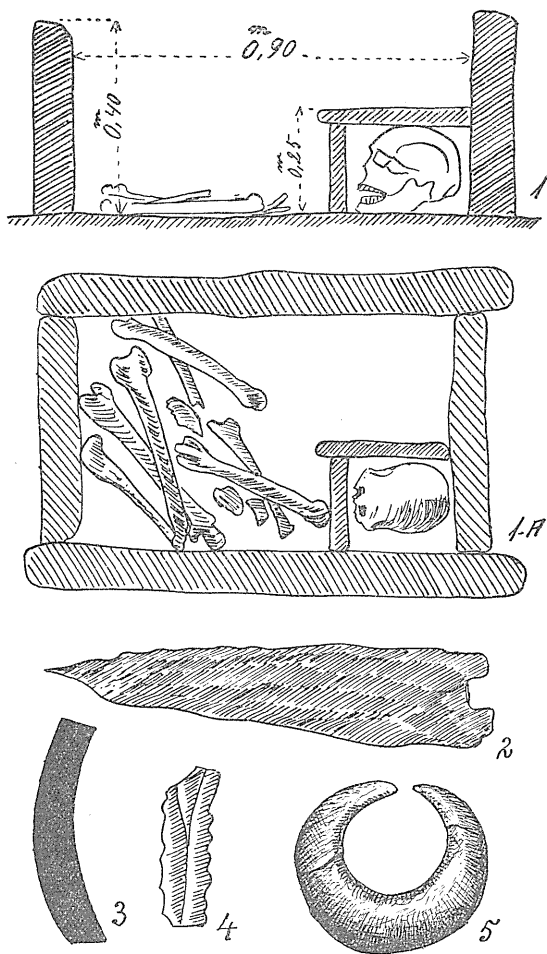


Fig. 49 — Necrópole de Alcaria: 1 e 1-A — Planta e corte longitudinal de uma cista. 2 — Punhal de bronze; 3 — Fragmento cerâmico (perfil); 4 — Fragmento de serra de sílex; 5 — Pingente de barro.

tradas em diversos pontos da Península — isto é, de largas aletas e sem pedúnculo. (Est. LXXIV, 117). No espólio das

necrópoles das Caldas o micrólito trapezoidal ocupa lugar

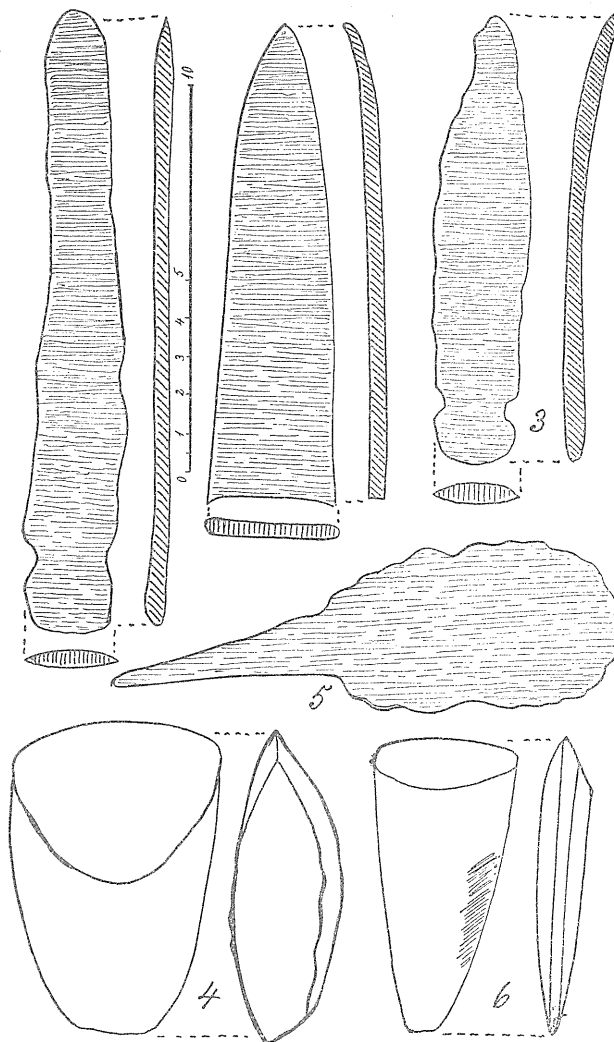


Fig. 50 — 1, 2 e 3 — Punhais de bronze, da necrópole da Alcaria. 5 — Navalha de barba, da Idade do Bronze (achado solto). Necrópole da Palmeira: 4 — Machado do túmulo n.º 6. 8 — Enxó do túmulo n.º 7.

proeminente, como as pontas de seta nos sepulcros de Alcalar.

Por excepção, o único objecto metálico deste conjunto de necrópoles é o fragmento de machado de Belle France, envolvido, como dissemos, na tirazinha de pano que, pelo aspecto, será de linho. É do tipo da Época do Cobre e do início da Época do Bronze.

Salvador Vilaseca, na gruta designada por *Cueva «M» de Arboli* (Tarragona), cujo espólio pertence ao Eneolítico final, ou à transição para o Bronze, obteve um machado semelhante ⁽⁶¹⁾. No variadíssimo espólio desta gruta há alguns vasos de cuja forma se aproximam vários do túmulo n.º 7 da Palmeira.

Estudo comparativo dos túmulos

Deixamos em outro capítulo a descrição de alguns pormenores dos túmulos. Tentaremos, agora, completar esta parte do nosso relato e de tirar conclusões.

Dois factos se podem notar logo ao primeiro exame: a composição dos túmulos, por meio de elevado número de esteios, com seu ar de galeria coberta, ou de grande cista megalítica, encerrada em mamoa; o desconhecimento, até agora, da existência de túmulos com igual arquitectura, tanto no Algarve como no resto do País, e cremos que mesmo na Península.

Levando em conta certos pormenores, será permitido reparir em três grupos as sepulturas dos arredores das Caldas.

O primeiro pode ser constituído pelos túmulos n.ºs 4, 5, 6, 7, 9 e 10 da Palmeira, de cantos mais ou menos arredondados, cujos esteios, em grande parte, se unem uns aos outros por sobreposição de seus extremos laterais.

Lembram de certo modo alguns dos dólmens galegos do

(61) Salvador Vilaseca — *Más hallazgos prehistoricos en Arboli*, in «*Ampurias*», vol. III, págs. 45-62.

Monte da Morá, da época inicial do Bronze, nos quais apareceram também micrólitos trapezoidais e pequeninas contas discóides.

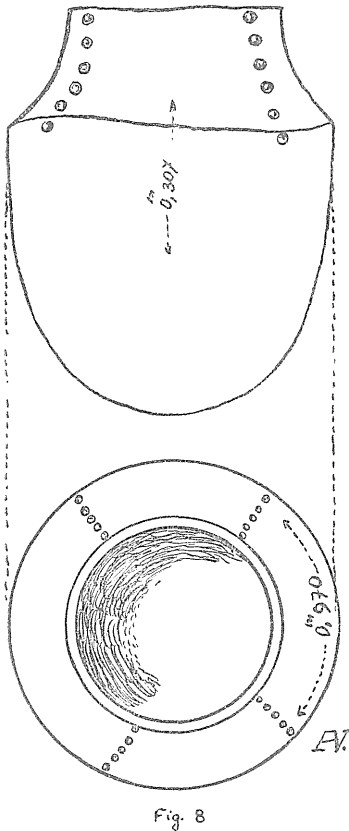


Fig. 51 — Grande urna de barro, da cista do Mirante da Mata.

No segundo grupo, muito mais numeroso, reunimos os túmulos do Buço Preto; os n.ºs 1, 2, 3, 8, 13, 15 e 16 da Palmeira; o n.º 3 de Belle France e o único do Navete. São rectangulares, mais bem cuidados no ajustamento dos esteios que os primeiros, notando-se também mais uniformidade na altura das lajes.

O n.º 16 tem a singularidade de apresentar um esboço de septo transversal, quase a meio, dando a impressão de ter sido uma sepultura dupla. A absoluta falta de espólio impede o reforço da dedução. (Figs. 15 e 16).

O terceiro grupo é formado pelos n.ºs 1 e 2 de Belle France e, talvez, os n.ºs 11 e 14 da Palmeira, todos de feição trapezoidal mais ou menos acentuada.

Não obstante esta diversidade, a presença da mamoa em todos eles envolve-os no mesmo carácter dolménico.

Uns alguma semelhança parecem ter com as sepulturas das mamoas galegas, outros lembram a arquitectura do dólmen do *Cerro do Castelo* e da galeria da *Nora* ⁽⁶²⁾ e, sobretudo, a planta

(62) *Antig. Monum. do Algarve*, vol. IV, Est. XVI; vol. I, Est. XII.

dos monumentos megalíticos do Alto e do Baixo Ampurdán: La Sureda, Montany d'en Cosellas, n.º 1 da Devesa (63), Dólmen de La

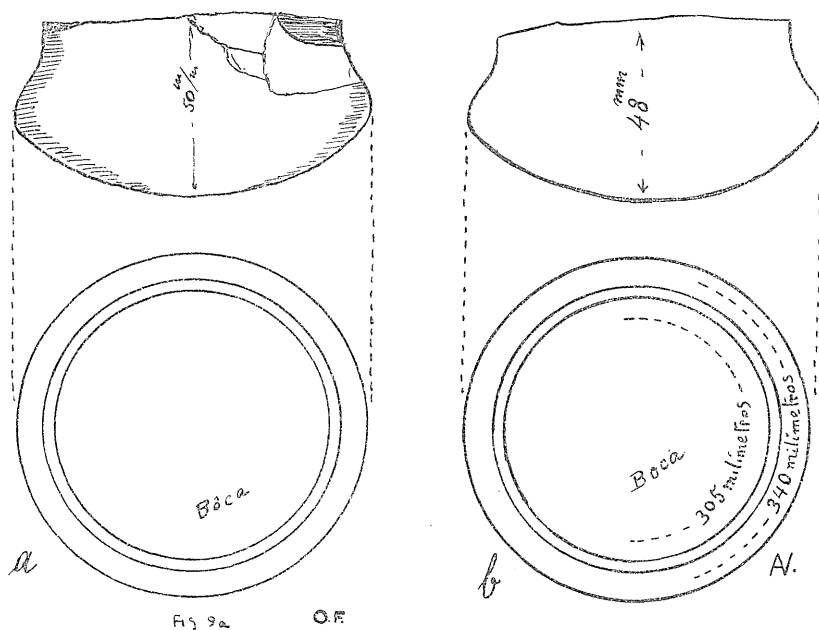


Fig. 52 — a) Urna de barro, da necrópole de Alcaria; b) Urna de barro, da cista do Mirante da Mata.

Mata (64), Dólmen del Coll del Bosc de la Margalla (65), galeria coberta de Puig Roig (Torrent, Baixo Ampurdán), à parte

(63) A. Panyella y M. Tarradell — *Excavaciones en dólmenes del Alto Ampurdán*, in «Ampurias», vol. v, págs. 167-184 (1943).

(64) A. Panyella y J. Garriga — *Excavación de tres megalitos en Port de Selva (Alto Ampurdán)*, in «Ampurias», vols. VII-VIII, págs. 341-349 (1945-1946).

(65) A. Panyella y J. Garriga — *Excavación del dólmen inédito del Col del Bosc de la Margalla, Pau (Alto Ampurdán)*, in «Ampurias», vol. VI, págs. 301-305.

o *cromlech* de pequenas lousas que cerca este último monumento (66).

Todos os supra-referidos exemplos são colocados nos últimos períodos do Eneolítico, no de transição para o Bronze e no

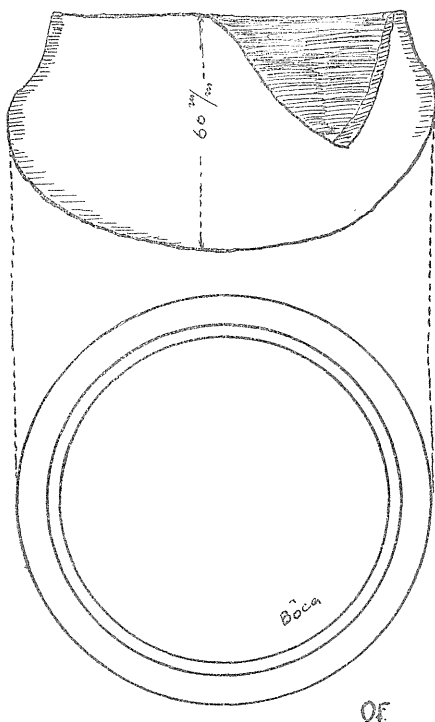


Fig. 53 — Urna de barro, da necrópole da Alcaria.

Bronze 1.º, isto é, tudo em torno da Época do Cobre. A relativa brevidade do Neolítico peninsular intensificou a complicação produzida pelas múltiplas influências a que esteve constantemente sujeito. Pré-historiadores galegos faziam notar, em 1930, que em toda a Galiza e no Minho só uma sepultura eneolítica com mobiliário lítico dera um objecto de cobre, ao passo que outras continham exclusivamente objectos de cobre (67).

Aqui nas necrópoles megalíticas das Caldas de Monchique, já pela sua proximidade entre si (igualdade nas condições do terreno e outras circunstâncias), já por uma certa uniformidade do mobiliário e pela convergente presença da mamoa, o período em que

(66) Luis Pericot—*Exploraciones dolménicas en el Ampurdán*, in «Ampurias», vol. v, págs. 133-165.

(67) Florentino Cuevillas, Antonio Fraguas e Maria Pura Lorenzana — *Op. cit.*

as tumulações se sucederam não deve ter sido muito longo. Perante a diversidade de tamanho e de apuro arquitectónico das sepulturas que reunimos nos grupos I e II, ocorre-nos a advertência de Pericot, a propósito da necrópole de Las Gabarras: — os dólmens pequenos, ou cistas megalíticas, que acompanham as galerias cobertas, devem ser prudentemente considerados de época mais ou menos a mesma, estando a diferença de tamanho, ou implicitamente da forma, explicada pelo poderio ou riqueza do construtor — «conforme los diferentes recursos puestos en juego en cada caso» (68).

CONCLUSÕES

Sem deixarmos de perfilhar os juízos de Pericot, quanto à diversidade na grandeza e forma dos túmulos, na mesma área, julgamos, no entanto, que serão um pouco mais antigas as sepulturas do I grupo (sendo preciso colocar já nesse momento o uso do «braçal» de xisto, objecto que ainda não vimos suficientemente estudado e que é peculiar à época do cobre dos arredores de Faro); virão a seguir as do II grupo, compreendendo as do Buço Preto, apesar da expressão arcaizante dada pela presença

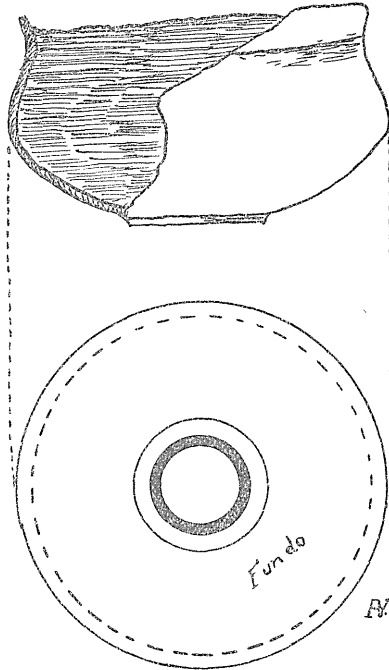


Fig. 54 — Urna de barro, da cista do Mirante da Mata.

(68) L. Pericot — *Exploraciones dolménicas, etc.*, pág. 164.

dos cristais de rocha (frequentes nas mamoadas galegas e minho-

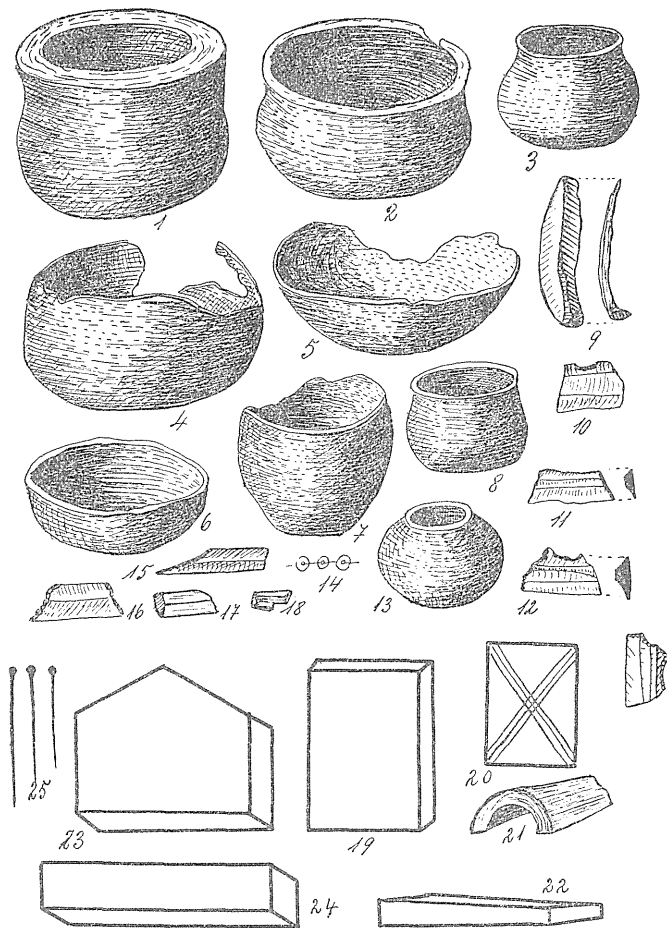


Fig. 55 — 1 e 2 — Vasos de barro da necrópole da Alcaria. 3 a 8 e 13 — Cerâmica de Alcarar, segundo Estácio da Veiga. Necrópole da Palmeira: 12 — Micrólito do túmulo n.º 11. Buço Preto: 9 — Lâminas de sílex do túmulo n.º 4. 10, 11, 14, 17 e 18 — Micrólitos, contas discoidais e cristais de quartzo do túmulo n.º 1. Termas romanas: 19, 20, 22, 23 e 24 — Vários tipos de tijolos; 21 — Fragmento de *imbrex*; 25 — Alfinetes de prata baixa (bilhão).

tas); estarão em último lugar as sepulturas tendentes para a

forma trapezoidal, com as quais formamos o III grupo, e em uma das quais achamos o machado plano de cobre, única peça metálica até agora descoberta nestas necrópoles.

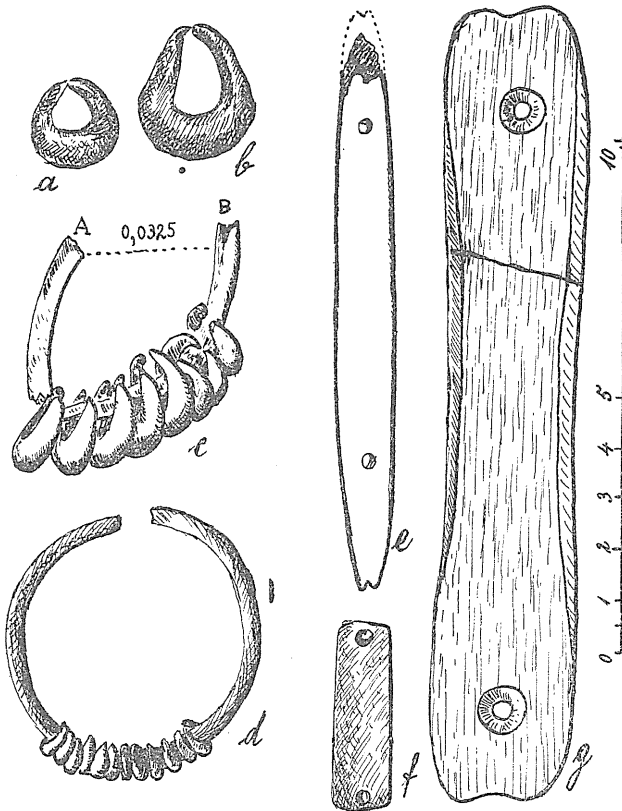


Fig. 56 — a) Pingente de bronze, de Mértola; b) Idem, de Condeixa-a-Velha; c) Xorca de bronze, de Monte Redondo; d) Idem, de Lagoa (Algarve); e) Braçal de xisto, do Museu de Faro; f) Idem, da necrópole da Campina (Faro); g) Idem, da necrópole da Ferradeira (Faro).

Na apreciação do espólio, cabe considerar uma estranha associação de objectos, cuja nota mais saliente é a presença dos micrólitos de sílex entre os machados de pedra polida e em contemporaneidade com o machado de cobre.

Não repetiremos o referido a propósito do braçal de xisto mas, ainda acerca dos micrólitos, e seguindo Alberto del Castillo, lembraremos alguns factos havidos por assentes, com respeito ao decurso do Neo-eneolítico e do Eneolítico.

Trapézios, facas, vasos de formato esférico, contas de colar, grandes e pequenas, formam um conjunto de carácter almeriense, e no caso das Caldas de Monchique, de flagrante semelhança, aparentemente, com o mobiliário do sepulcro de fossa, de *Avenc del*

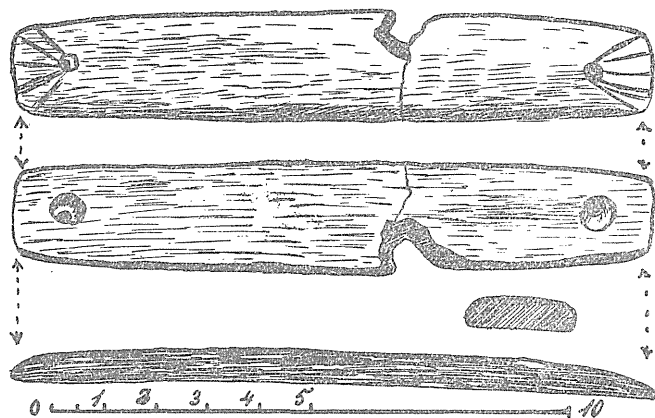


Fig. 57 — Braçal de xisto, de Almadeninha (Lagos).

Rabassó (Tarragona), por exemplo, mas desacompanhado de outros elementos mais primitivos, como sejam os machados biconvexos, de fabrico rude, as vasilhas de fundo cónico, os adornos de conchas de mariscos, etc., como em *El Garcel*.

A cerâmica de Almeria é, também, lisa e sem decoração, como a das Caldas de Monchique (veja-se, por exemplo, o vaso esférico da *Cueva Fonda*, de *Salamó*, Tarragona (reproduzidos por A. del Castillo, *Op. cit.*, pág. 577, Fig. 477); e dentro da cultura de Almeria aparece também a cista rectangular, mas já com pontas de flecha.

Estas acompanham o aperfeiçoamento dos machados polidos. Ao passo que os machados mais toscos, triangulares e biconvexos, andam associados aos micrólitos geométricos, os mais per-

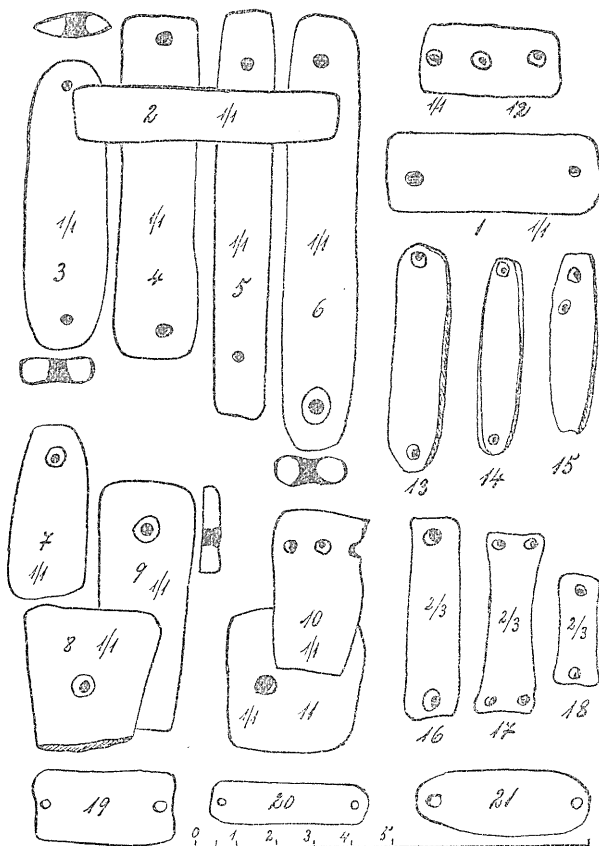


Fig. 58 — Braçais e peças análogas: 1 a 12 — Achados fora dos túmulos de El-Argar. 13, 14 e 15 — Carmona (Sevilha). 16, 17 e 18 — Norte de Itália. 19, 20 e 21 — Anghelu-Ruju (Sardenha).

feitos — os plano-convexos e achatados — andam com as pontas de flecha, de vários tipos, mas sempre de fabrico apurado.

Ora, nas Caldas de Monchique sucede precisamente o contrário, porquanto é o micrólito trapezoidal que nós ali vemos

abundantemente associado ao machado plano de pedra polida, o qual, como atrás vimos, ali ocupa lugar largamente predominante.

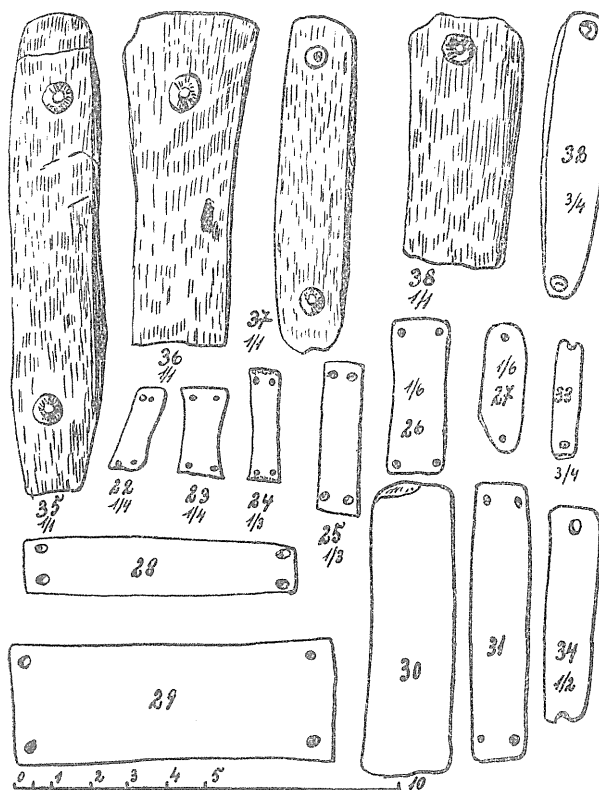


Fig. 59 — 22 — Woyschwitz (Silésia). 23 — Rottleben (Saxónia e Turingia). 24 — Goseck (Saxónia e Turingia). 25 — Weast Kennet Wilts (Grã-Bretanha). 26 e 27 — Nemeicice na Hané (Morávia). 28 a 31 — Bylany (Boémia). 32 e 33 — Gruta de Bounias de Castellet (Sul da França). 34 — Gruta de Cascais. 35 e 37 — Gruta dos Redondos. 36 — Gruta de Mosqueiros (Alcobaça). 38 — Cabeço da Ministra.

Ponderados os confrontos e as razões expostas, supomos que todo este conjunto de sepulturas megalíticas, individuais, pertencerá a uma época imediatamente anterior à da necrópole de

Alcalar, ou seja, cerca do ano 2000 a. C., segundo o quadro estabelecido pelos optantes por uma cronologia baixa.

Muito há, porém, a esperar das futuras investigações, quer na zona das Caldas quer em toda a faixa serrana do Algarve, até hoje apenas ligeiramente sondada. Novos e mais amplos dados esclarecerão e poderão porventura acertar as nossas despretensiosas interpretações, tanto mais que, em nosso modesto entender, estas necrópoles representam uma página inédita na arqueologia peninsular, de tanto estilo local como a de Alcalar.

NECRÓPOLE DA ALCARIA (Bronze Mediterrânico II)

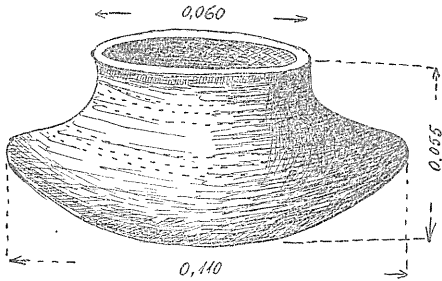
Situação; Exploração; As cistas

Local. Fica a uns 400 metros a Sul do Rencovo (Rencovo ou Rincovo) e mais ou menos distante 1.000 metros das Caldas, para quem subir pela estrada de Monchique. Demora, como ficou dito, na zona dos xistos moscovianos e, segundo Pereira de Sousa, existem neste local inclusões de rochas eruptivas. Efectivamente, o contacto dos sienitos com os xistos dá-se a alguns metros, apenas, a Norte desta necrópole, sendo possível que num ou noutro sítio do contacto se verifiquem inclusões do sienito nos xistos.

O terreno, pertencente, como o da Palmeira, aos Coronéis Jorge e Artur Moreira, está ocupado por olival, fazendo-se nele também cultura de cereais e leguminosas. O local da estação é de muito acentuado pendor para Sul.

Maio de 1946. Onze cistas. O achado das primeiras sepulturas ocorreu na ocasião em que andavam surribando o solo, para beneficiação das oliveiras. Um dos trabalhadores encontrou uma laje enterrada, mas quase à superfície e, tornando-se-lhe sus-

peita, empreendeu levantá-la. Viu, então, que a pedra cobria uma caixa formada por quatro lajes. Na mente do achador avolumou-se a esperança de se lhe deparar ali um tesouro. Conforme declaração do próprio, a cista continha somente uma pequena vasilha de barro.



O mesmo trabalhador e seus companheiros, à medida que avançavam na cava, iam encontrando mais. Deste modo acharam mais sete, que destruíram, assim como escavacaram o espólio, constante, pelo que contaram, de um vaso em cada cista. Veiga Ferreira, depois (16 de Maio), crivou a terra extraída das sepulturas, logrando apenas obter fragmentos de cerâmica em precárias condições de ligação. Entretanto, o Sr. Coronel Artur Moreira pudera recuperar três urnas, fragmentadas, uma quase



Fig. 60 — Urna da cista de Pocilgais. Ara das termas romanas das Caldas de Monchique.

inteira, porém, e as outras em estado razoável, que enviou para o Museu Regional de Lagos.

No mesmo dia, V. Ferreira descobriu mais três cistas, as quais reputou intactas.

Tanto estas como as desmanteladas pelos trabalhadores eram do tipo vulgar no Algarve ⁽⁶⁹⁾: uma caixa rectangular ou ligeiramente trapezoidal, composta por quatro lajes planas e de espessura mais ou menos uniforme, parelhas duas a duas, e uma quinta, a servir de tampa, quase sempre bastante maior que as das paredes. O fundo é constituído pelo solo virgem. (Figs. 45 e 46; Ests. XXIII e XXIV).

Destas três cistas, duas continham uma urna em cada, e a terceira uma urna e um punhal de bronze. Dando fé à narrativa dos trabalhadores, das outras oito cistas, cinco tinham espólio representado apenas por uma urna em cada, conforme acima dissemos.

Mais oito cistas. Em Dezembro de 1946, voltaram os trabalhadores a revolver o terreno, em prosseguimento das anteriores operações agrícolas e, embora V. Ferreira prestes a correrse ao local, não alcançou evitar o remeximento de três novas cistas. Ainda viu o espólio extraído de uma delas: uma urna fragmentada mas com possibilidades de reconstituição; uma sertã, um punhal, um anel e uma fivela, tudo isto de bronze; uma lança de ferro; fragmentos de ossos e alguns dentes — o que restava do esmigalhamento operado pelos achadores. As outras duas nada continham.

Orientados por V. Ferreira, abriram seguidamente mais cinco, duas das quais sem espólio, salvo alguns dentes e fragmentos de um maxilar, retirados de uma delas. Das três restantes resultaram: na primeira, uma urna; na segunda, um punhal de bronze (Fig. 48-1 e 1-A); na terceira, elementos de um esqueleto — fémures, tíbias, úmeros, alguns bocaditos que pareciam pertencer

(69) Vulgar principalmente em toda a zona da Serra, desde Monchique até o Guadiana. No Baixo Alentejo, sobretudo nos concelhos de Beja e Mértola, são verdadeiramente inumeráveis.

a falanges, e um crânio completo, o qual se desmanchou e

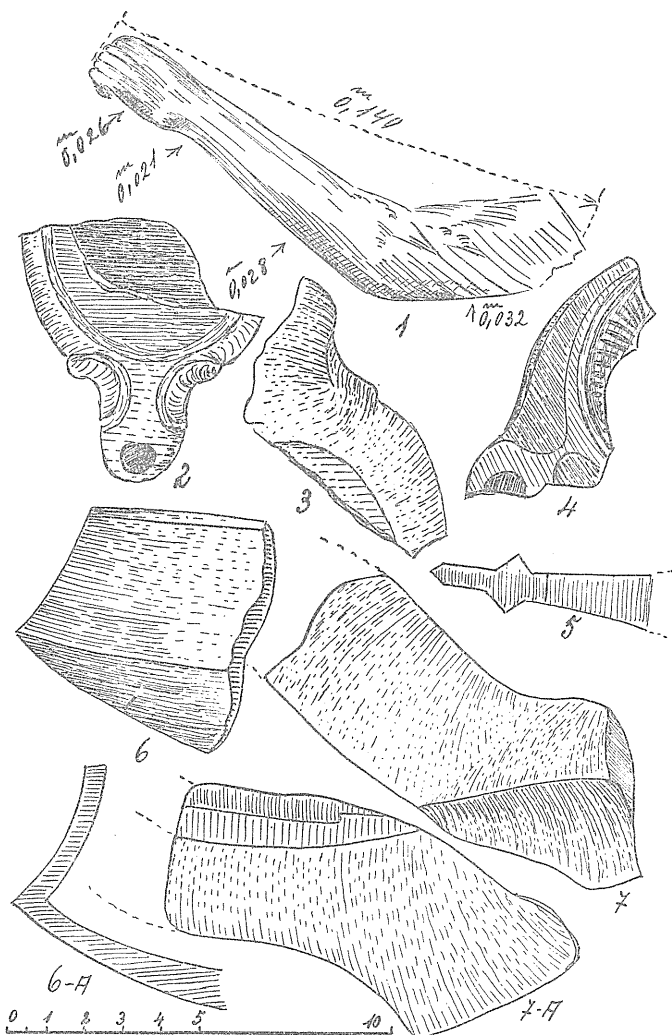


Fig. 61 — Termas romanas das Caldas de Monchique: 1 — Braço de estatueta de bronze; 2, 3 e 4 — Fragmentos de lucernas; 5 — Palmeta de ouro (fragmento); 7 e 7-A — Fragmentos de *patera* (?). Necrópole de Alcária: 6 e 6-A — Fragmento de urna.

fragmentou ao ser retirado, por não ser possível, de momento,

aplicar-lhe o indispensável banho de parafina fervente, mas ficando em condições de reconstituição. (Fig. 49-1 e 1-A).

Os ossos longos ocupavam o centro da cista. O crânio estava metido em um pequeno compartimento feito a um dos cantos do topo Norte da cista. Esta segunda caixa rectangular, inclusa na cista, era formada por duas pequenas lajes postas à maneira de anteparo. Verifica-se, portanto, estarmos em presença de um ossário. Esta sepultura era mais pequena que todas as outras desta necrópole e, embora já não conservasse a tampa, mantinha intacto o primitivo conteúdo.

Mais duas cistas, achadas em Setembro de 1947. Estas nada revelaram, exceptuando no respeitante à forma das mesmas, porquanto uma delas é pronunciadamente trapezoidal e outra oferece a anomalia de não ter as paredes laterais formadas por uma só laje em cada uma, mas sim por três, pelo menos. Esta é também um tudo-nada trapezoidal, mas apresenta outra particularidade estranha — o seu excepcional comprimento de 1^m,20. Faltavam-lhe, infelizmente, as cabeceiras e parte dos flancos, assim como não forneceu espólio, pelo que nada podemos adiantar para explicação destas singularidades. (Fig. 47).

Fora destas sepulturas, mas à sua beira, apareceram um punhal de bronze, um fragmento de serra, de sílex, muito bem retocada, vários fragmentos de cerâmica e um pingente de barro, em forma de sanguessuga. (Fig. 49-2, 3, 4 e 5).

*

Todas as lajes de que se compõem estas cistas são da mesma qualidade e proveniência dos esteios dos túmulos, lajes de cistas e calhaus de mamoadas das outras necrópoles atrás descritas — o sienito da região.

Algumas cistas, conquanto perfeitamente conservadas, nada continham, o que permite a hipótese de terem sido, em qualquer época mais ou menos remota, despojadas dos objectos que porventura guardaram.

O arranque e deslocação das lajes de cobertura são frequentemente motivadas pela passagem dos arados rústicos, lavrando a pequena profundidade. Outras causas accidentais, independentemente da acção voluntária do homem, tal como o escoamento de enxurros de excepcional violência, podem ter motivado o esvaziamento das cistas, e até a sua parcial destruição.

Não obstante estarem as vinte e uma cistas da Alcaria todas muito próximas umas das outras, parecem, todavia, formarem dois grupos, um deles com catorze, certamente mais antigas que as sete do outro grupo. (Fig. 44).

A orientação de todas elas é a de N.-S. (magnético), salvo duas, uma em cada grupo, que a têm de Noroeste-Sueste, e outra, no grupo de sete, a maior de todas, que conservava duas lajes em cada parede lateral, orientada de Leste-Oeste.

○ espólio

Pequena *urna*, fracturada no bordo. Diâm. no bojo 0^m,0107; idem, na boca 0^m,091; alt. 0^m,0385; espes. no bordo 0^m,005; idem, no fundo 0^m,011. (Fig. 53 e Est. XXII, 178).

Pequena *urna*. Falta-lhe grande parte do bordo, por fractura quando a desenterraram. Diâm. no bojo 0^m,103; idem, na boca 0^m,088; alt. 0^m,038; espes. na boca 0^m,005; idem, no fundo 0^m,010. (Fig. 52 e Est. XXII, 177).

Dois fragmentos de *urna*, ajustáveis, representando cerca de 3/4 da totalidade da vasilha. Diâm. no bojo 0^m,098; idem,

na boca 0^m,0875; alt. 0^m,042; espes. no bordo 0^m,0055; idem, no fundo 0^m,012. (Est. XXII, 172).

Dois fragmentos de *urna*, constituindo aproximadamente metade do vaso. Tem as paredes muito finas, mantendo no fundo a mesma espessura que nos flancos. Diâm. no bojo 0^m,101; idem, na boca 0^m,090; alt. 0^m,0455; espes. 0^m,0055. (Est. XXII, 171).

Sertã, ou caçarola, de bronze. Faltam-lhe alguns bocados no bordo e no fundo. Diâm. 0^m,147; alt. 0^m,061; espes. das paredes 0^m,001; idem, na revira do bordo 0^m,006; comp. do cabo 0^m,180; espes. do cabo 0^m,003.

Esta vasilha tem, pois, 0^m,327 de comprimento total e é de paredes muito frágeis, devido à sua exígua espessura. (Est. XXXIII, 5). Lembram alguns exemplares do *Castro de Yecla* ⁽⁷⁰⁾, embora estes se aproximem da forma de calote esférica, à maneira de grandes colheres de panela.

Fivela de bronze. (Est. XXXIII, 175). Destas fivelas algumas têm aparecido em Portugal, sempre, segundo cremos, separadas da placa de cinturão a que deviam ou podiam ter pertencido. Além das duas registadas em «O Archeologo Português» — uma do *Castro de Cendufe* ⁽⁷¹⁾ e outra de *Cascais* ⁽⁷²⁾, há a proveniente do *Ameixial* (Algarve), por A. Viana e Lyster Franco erroneamente atribuída à Idade do Bronze ⁽⁷³⁾.

(70) Saturio Gonzales Salas — *El castro de Yecla, en Santo Domingo de Silos (Burgos)*, in «Informes y Memorias», n.º 7 (da Comisaria General de Excavaciones Arqueologicas). Madrid, 1945.

(71) Félix Alves Pereira — *Novo material para o estudo da estatuidria e architectura dos castros do Alto-Minho*, in «O Arch. Port.», vol. XIII, pág. 203.

(72) Paula e Oliveira — *Antiquités pré-historiques et romaines de Cascais*, in «Comunicações à Comissão dos Trabalhos Geológicos», vol. II, pág. 85.

(73) Mário Lyster Franco e Abel Viana — *O espólio arqueológico de José Rosa Madeira*, in «Brotéria», vol. XLI, 1946. A atribuição fundou-se meramente na sua provável proveniência — o Ameixial, onde abundam as cistas da Idade

Em Espanha são elas muito mais frequentes, dando-se a circunstância de possuírem vários museus dali numerosas peças inteiras, ou seja, com a fivela unida à respectiva placa ornamental. Citamos, por exemplo, as de *Yecla* (74), a de *Loja* (Granada), cuja placa é de ferro damasquinado (75), e dois exemplares do Museu Nacional de Madrid (76). Sabemos que o Museu Arqueológico de Barcelona tem uma preciosa série destes objectos, ainda não publicada. Dos que se resumem apenas à fivela, apontaremos um, da necrópole visigótica de *Simancas* (Valholid (77).

Quanto à maneira por que esta fivela se ligava à placa, veja-se o artigo de Martin Almagro, *Algunas falsificaciones visigodas*, in «*Ampurias*», vol. III (1941).

Anel de bronze, de um tipo muito vulgar na época romano-visigótica: de secção aproximadamente semi-elíptica, sendo plana a face interna. À meio da face externa há uma porção rectangular, em relevo, na qual se vêem uns sulcos entrecruzados que parecem restos de letras. (Est. XXXIII, 176).

Punhal de cobre, com duas reentrâncias circulares próximo da base. Tem os bordos muito carcomidos. Comp. 0^m,162; larg. máx. 0^m,025; espes. 0^m,004. (Fig. 50-1 e Est. XXV, 4).

Punhal de cobre, idêntico ao anterior. Comp. 0^m,116; larg. máx. 0^m,025; espes. 0^m,004. (Fig. 50-3).

do Bronze. A verdade, porém, é que se não conhecem as condições de jazida desta fivela, assim como é para acentuar que nunca se realizaram no Ameixial quaisquer explorações arqueológicas cientificamente orientadas.

(74) Satrio Gonzalez Salas — *Op. cit.*, pág. 15.

(75) *Memorias de los Museos Arqueológicos Provincia.es*, vol. III, pág. 135, Lâm. XXXVII (1943).

(76) Museo Nacional de Madrid — *Guia de las instalaciones de 1940*, Lâm. XIV (1945).

(77) *Mem. de los Museos Arqueol. Prov.*, vol. III, Lâm. LXXVI-1.

Punhal de cobre, bem conservado na lâmina, mas faltando-lhe toda a porção correspondente à base. Comp. actual 0^m,125; larg. 0^m,034; espes. 0^m,005. (Fig. 50-2; Est. XXV, 2).

Punhal de bronze, com a ponta terminada em bico muito agudo e com os restos de um chanfro aproximadamente quadrado, na base. Comp. 0^m,115; larg. na base 0^m,025; espes. 0^m,0025. (Est. XXI, 6 e Fig. 49-2).

Lança de ferro, com alvado para encabamento e nervura central. O alvado, cónico, prolonga-se um pouco no interior da nervura central. Falta-lhe a ponta e tem corroída a base do alvado. Dim. actuais: Comp. total 0^m,230; larg. da *cuspis*, na base 0^m,0375; diâm. na base do alvado 0^m,0185; espes. nas asas da *cuspis* 0^m,005; idem, na nervura central, junto à base da *cuspis* 0^m,012. (Est. XXXIII, 174).

Serra de sílex branco e cinzento (metade de cada cor). Secção triangular em um dos extremos e trapezoidal no outro. Comp. 0^m,042; larg. 0^m,0125; espes. 0^m,0045. (Fig. 49-4 e Est. LXXVI, 13).

Pendente em forma de sanguessuga, feito de barro vermelho. Está completo, embora fragmentado em três bocados. Foi achado fora das cistas, debaixo de uma pequena laje, mas é de supor que lhes tenha pertencido. Dim. axiais 0^m,049 × 0^m,045; espes. máx. 0^m,0185. (Fig. 49-5 e Est. XXI, 7).

Este pendente é idêntico aos de bronze, de que se conhecem vários exemplares. Foi certamente Monsenhor Pereira Botto quem primeiro entre nós se referiu a objectos desta espécie, na inventariação sumária que nos deixou do Museu Arqueológico de Faro (78). A pág. 28 do seu «Glossario critico», escreveu: — «A mobilia funeraria de sepultura protohistorica (1.^a do ferro),

(78) Monsenhor Conego Botto — *Glossario critico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*. Faro, 1899.

o artefacto de bronze, n.º 13 (com 11 pingentes — *sanguessugas*), o bracelete n.º 14 (cabecinha de *serpente*), os fragmentos osseos, n.º 3, os destroços ceramicos, n.º 3, (estriamento regular), pedaços de instrumento de pedra *polida*, ponta de *ferro* (com vestígios de encabamento) e jarra do mesmo metal foram consócios de jazida, em um sepulchro, jacente nas imediações de Lagoa.»

«Na mesma consociação tumular, apparecêram as contas dos grupos annexos, reductiveis aos três grupos classicos — *transparentes* — *translucidas* (as mais luxuosas) e *opacas*. São chamadas *phenicias* (primitivamente egypciacas ou carthaginesas? . . .); mais ou menos espalmadas, globulosas ou ovoides, de canal medullar de variado calibre, patinadas com irisações mais ou menos scintillantes; são bem parecidas com outras encontradas, nas vastas ruinas pre-romanas do Milreu e Balsa.»

Alargamos a citação porque o conjunto indicado por Botto constitui bem expressivo espólio de uma sepultura da Época do Ferro, típica de Bensafrim, à parte, evidentemente, «os pedaços de instrumento de pedra polida» por certo estranhos ao conteúdo da sepultura de Lagoa.

Destes objectos trata J. Leite de Vasconcelos em «O Archeol. Port.», vol. XXII, págs. 100-101 ⁽⁷⁹⁾, rectificando o número dos pendentes, o qual é de 12, e não 11 como contara Botto.

Leite de Vasconcelos chama-lhes *chouriços*, citando outros da mesma espécie: um de *Mértola*, outro de *Condeixa-a-Velha*, outro de *Santa Olaia* (descrito por Santos Rocha, na «Portugalia», II, 328 e Est. XXX, 50), e ainda, do *Castro de Cendufe* (Arcos de Valdevez), descoberto por Félix Alves Pereira. Diz concordar tudo lógicamente: 2.º período do ferro. (Vide Fig. 56: a — o

⁽⁷⁹⁾ *Estudos sobre a epoca do ferro em Portugal*, págs. 99-107: — *Objectos do Museu Arqueologico de Faro* — a) *Espolio funerario dos arredores de Lagoa*.

exemplar de Mértola; *b* — o de Condeixa; *d* — o de Lagoa). Mais tarde, torna a tratar desta espécie de adornos ⁽⁸⁰⁾, a propósito de «um pedaço de xorca de bronze, oco, e de secção circular, com oito pendedes de forma de chouriço enfiados nele» achado na herdade de *Monte Redondo*, Alter. (Vid. Est. LVI-c). Acrescenta mais uma xorca do mesmo género, entrada no Museu Etnológico de Belém e proveniente de *Alcácer do Sal*.

De Espanha há um, também de bronze, embora de secção menos roliça, procedente da sepultura n.º 6 da necrópole de *Agullana* (Vid. «Ampurias», vol. V, pág. 264, fig. 3); assim como nos parece ser um pendente deste mesmo género o que A. Hernandez Morales nos apresenta como *fibula* de bronze, em «Juliobriga, ciudad romana en Cantabria», págs. 102 e 109 (Santander, 1946). Todos de bronze, como vimos. O das Caldas de Monchique é de barro muito bem cozido. A este respeito nada mais conhecemos.

Dois fragmentos de *vasilhas* achados fora das cistas (não pertencentes, portanto, às urnas ali partidas).

Fragmento cerâmico, de barro negro, vermelho na superfície, por efeito da cor do terreno. Pertenceu ao bojo de uma vasilha de tamanho médio. Espes. 0^m,009 a 0^m,011. (Fig. 49-3).

*

Conforme dissemos, a exploração desta importante necrópole esteve muito longe de ser regular e devidamente observada. Metade do número das cistas foi desmantelada pelos cavadores rurais; a parte restante nem sempre forneceu mobiliário, sendo

(80) «O Arch. Port.», vol. XXVIII (1927-1929) — *Antiguidades do Alentejo*, págs. 158-200, VII — *Xorca de bronze da idade do ferro*.

de notar que todas elas se encontravam muito à superfície, possivelmente no todo ou parcialmente revolvidas.

Não conseguimos, portanto, verificar se a arquitectura de todas as cistas destruídas antes da nossa intervenção era exactamente igual, e muito menos averiguar se qualquer delas conservava indícios de ter havido tumulação sobrejacente, a exemplo do observado por Estácio da Veiga na necrópole da *Fonte Velha* (Bensafrim).

O facto foi também verificado por José Formosinho, nas investigações que ali fez há tempos. No sítio da *Fonte Velha* ou *Cerca do Álamo*, deparou-se-lhe uma sepultura romana, de cremação, sobre uma cista que não continha espólio, mas se encontrava inteira; e achou outra, no sítio do *Monte do Cágado*, da Idade do Ferro, desmantelada em parte, mas conservando as bases dos esteios em seu lugar primitivo, sobre uma cista completa, ainda coberta com a respectiva tampa, e que continha sòmente o esqueleto, o qual se desfez.

Que no pequeno espaço ocupado por esta necrópole da Alcaria houve sucessão de tumulações, num período de extremos muito afastados, provam-no a diferença de forma das cistas e o exame dos objectos obtidos. A maioria daquelas, pelo que nos informaram e pelo que pudemos observar directamente, era de forma rectangular, ou ligeiramente trapezoidal. (Vid. Fig. 45), havendo uma francamente trapezoidal. (Fig. 46) e outra, mais extensa e diversamente orientada, rectangular e formada por maior número de lajes. (Fig. 47).

Relativamente aos objectos extraídos do interior das cistas, ou colhidos fora, vemos uns que são característicos da época próxima da plena Idade do Bronze, ou seja, pertencentes ao Bronze II mediterrânico (esquema de Santa-Olalla), assim como outros, da Idade do Ferro, e até da época visigótica, visto como, segundo parece, uma antiga cista teria sido aproveitada para

depósito dos despojos funerários de um visigodo talvez já cristianizado. Na referida cista se encontravam, com os escassos restos do esqueleto, a sertã, o anel, a fivela e os mais objectos que já descrevemos.

Repetiremos, todavia, que não assistimos à abertura desta cista. Não excluimos, por conseguinte, a possibilidade de haver sido outra a causa da intrusão, ou da suposta colocação ali, de tais objectos.

TERMAS ROMANAS

A presunção de que os Romanos tivessem conhecido e usado as nascentes termas das Caldas de Monchique fundamentavam-na alguns escritores nos achados de moedas e de ruínas em sítios dos arredores das Caldas — as primeiras claramente romanas, as segundas, conforme cremos, por errónea suposição de que sejam romanos os vestígios de pousadouros de cortiços, dos muros defensivos de colmeais, dos alicerces de cabanas dos guardadores de abelhas, assim como de outras fragueiras construções de carácter agrícola e pastoril, de época antiga, sim, mas sem dúvida muito posteriores aos tempos a que pretendem atribuí-las.

Assim, o Dr. Bentes Castel-Branco, escreveu:

— ... «também se teem descoberto em diferentes pontos vestígios de antigas construções naturalmente romanas, fornos de pão e pequenas casas de habitação; mas não se descobriram ainda restos do antigo estabelecimento balnear, talvez por se encontrar exactamente no mesmo lugar do actual... mas as descobertas já feitas em moedas e restos de construções deixam a certeza de que as Caldas de Monchique foram frequentadas

pelos habitantes do Sul do Paiz, pelo menos desde o tempo dos romanos» (81).

E o Prof. Dr. Augusto da Silva Carvalho, em uma boa monografia das Caldas:

— ... «nem neste autor (refere-se ao mouro Rhazes, ou Rasis), nem nos outros que escreveram sobre esta parte da Península Ibérica, se encontra qualquer referência às águas de Monchique, que não podiam ser desconhecidas nem dos romanos, nem dos árabes, que ocuparam o Algarve»... «Mas é certo que nas Caldas e outros arredores da vila se tem encontrado moedas de ouro, prata e cobre;»... «É pois incontestável que ali houve no século IV (isto infere o Autor, em face das numismas cuja época indica) a dominação dos romanos, que na posse de várias nascentes de águas termais, não podiam deixar de aproveitá-las nos usos terapêuticos, como fizeram em tantos sítios do nosso país» (82).

Alude, ainda, Silva Carvalho à origem etimológica atribuída a «Monchique», de «Mons siccus», e cita, objectivamente: — «Mas além disto há as sepulturas romanas encontradas no Sêrro da Vigia, no Alferse e noutros pontos e os vestígios de crastos da mesma época» (83).

Provas evidentes da existência de termas romanas, traduzidas em sinais de edificios, ou na descoberta de lápides elucidativas, não se lobrigavam, todavia, nas Caldas e, em todo o caso, a suspeita não era inadmissível. Muitas são as estações termais e mineromedicinais portuguesas em que tais provas se paten-

(81) João Bentes Castel-Branco — *Estação climatérica e sanitária das Caldas de Monchique*, pág. 5. Lisboa, 1906.

(82) Augusto da Silva Carvalho — *Memórias das Caldas de Monchique* págs. 13 e 14. Lisboa, 1906.

(83) Idem, idem, pág. 14.

tearam, demonstrando o seu aproveitamento pelos Romanos e romanizados (84).

Foram, porém, as obras ultimamente realizadas para remodelação do estabelecimento balnear e aperfeiçoamento das captações que, implicando a demolição total das extensas, heterogéneas e quase rústicas instalações, algumas velhas de séculos, com a escavação suficientemente profunda do terreno em que assentavam os alicerces, que vieram pôr a descoberto os incontestáveis testemunhos do uso terapêutico das Caldas de Monchique durante o domínio romano, confirmando-se, pois, a lúcida hipótese de Bentes Castel-Branco. (Ests. XXVI, XXVII e XXVIII).

Nos começos de 1942, quando se cavava no sítio onde brota a principal nascente termal, puseram-se a descoberto restos de tinhas (no Algarve dizem «tinhas») feitas de alvenaria (*opus incertum*) e de formigão, ou argamassa com tijolo triturado (*opus signinum*). Estes pequenos tanques eram de cantos arredondados, conforme a regra geral das tinhas, piscinas e análogos recipientes de construção romana. Ligado a um deles, via-se ainda um resto de canal, feito de tijolos (*lateres*) e telhões curvos (*imbrices*).

Dentro e em redor destes restos, apareceram variadíssimos objectos, tanto soltos como pertencentes às primitivas edificações, dos quais adiante daremos pormenorizada descrição.

Tudo isto seria bastante para demonstrar a existência do balneário romano, porquanto se trata dos próprios restos do mesmo; um outro achado, no entanto, exumado no sítio exacto da nascente, vem revelar que os Romanos, designando o manan-

(84) Para uma ideia geral acerca de ruínas das instalações romanas descobertas até 1942 em estâncias hidrológicas portuguesas, vejam-se os volumes da série *Águas de Portugal*, pelo Engenheiro-Chefe da Inspeção de Águas, Sr. Luis Acciaiuoli, publicados pelo Ministério da Economia — Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

cial pelo vocativo de «Águas Sagradas», lhe conheciam as virtudes terapênticas ⁽⁸⁵⁾.

Por cima dos escombros romanos, havia grossa camada de entulhos sem dúvida carreados por torrentes múltiplas vezes desencadeadas no Barranco das Caldas, ou do Banho. Pode muito bem ser que tais construções, antes de subvertidas, estivessem desmoronadas por abalos sísmicos. Sabe-se que as Caldas estão situadas em uma das linhas de grande sismicidade ⁽⁸⁶⁾.

A. da Silva Carvalho, na sua monografia, regista o seguinte exemplo, pelas palavras textuais do capelão José Gomes Simões:

— «A 12 de Outubro de 1803, das duas horas da manhã às quatro, houve (sobre as Caldas) uma trovoadas com tão espantosos chuveiros, que inundaram os banhos todos, corredores, quartos e enfermarias; a dos homens se entulhou de terra e um entrevado, que ali se achava, Manuel Rodrigues, solteiro, das Águas Frias, freguesia de Alte, foi encontrado a uma légua, entre os dois moinhos da Torrinha. A enfermaria das mulheres se abateu com o peso da água e terra, que andou na altura de cinco palmos; o banho da pancada se encheu de água doze palmos e a casa do abafo na altura de nove palmos, rompendo o parapeito da janela, levando a vidraça, etc.» ⁽⁸⁷⁾.

De Bentes Castel-Branco, transcrevemos este depoimento:

— «Temos observado já em diferentes pontos, nos arrabaldes das Caldas que, com as grandes chuvas persistentes, uma parte das encostas de forte rampa se esboroam e deslocam até à ravina, arrastando consigo árvores e penedias. Segundo nos

⁽⁸⁵⁾ Há dois pontos, na Serra de Monchique, com nascentes denominadas por esta mesma designação de Águas Santas, ambos na freguesia do Alferce. Vid. A. da Silva Carvalho — *Op. cit.*, págs. 88-89.

⁽⁸⁶⁾ A. de Medeiros Gouvêa — *Op. cit.*, pág. 66, Est. 4.

⁽⁸⁷⁾ A. da Silva Carvalho — *Op. cit.*, pág. 233.

consta por tradição, phenomeno análogo se deu há tempos na encosta superior ao estabelecimento deixando então a descoberto vestígios de antigas construcções. É possível que essas antigas construcções tenham sido soterradas e destruídas por phenomenos desta ordem » (88).

A própria fonte termal, sobre a qual assentava a instalação romana, tal como acontece com outras nascentes, jorra de uma das falhas que, na curta zona em que estavam construídos os edificios do velho balneário, formam verdadeiro feixe.

Referindo-se à convulsão de 1755, que na vila de Monchique produziu grandes estragos, Silva Lopes informa, a respeito da repercussão observada nas Caldas: — «O terramoto não se sentiu rijamente neste sítio; principiou a crescer a água nos banhos fervendo e trazendo uma cor turva, sendo ela (habitualmente) muito diafana; por mais de dois meses correu em maior abundancia » (89).

Em face dos restos de alicerces agora postos à vista — e pelo desaterro efectuado parece pouco mais se poder esperar que surja, quanto a vestígios de edificios —, o balneário romano das Caldas, assente no ponto exacto do principal boião de água quente, deveria ser de modestas proporções, comparado com o de Milreu (Estoi), ou com o de Meróbriga (São Tiago de Cacém). Mais modesto, mesmo, que um simples *balneum*, como o da Herdade do Montinho, ou da Torre de Cardeira, ambos no concelho de Beja.

(88) J. B. Castel-Branco — *Op. cit.*, pág. 6.

(89) Cit. de A. da Silva Carvalho — *Op. cit.*, pág. 70. Este passo é de João Baptista da Silva Lopes, in *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, e foi também reproduzido por Francisco Luís Pereira de Sousa, in *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal*, Serviços Geológicos, pág. 58. Lisboa, 1919.

Todos eles foram construídos em sítios desafogados, destinando-se a regalo de particulares opulentos ou às múltiplas funções dos banhos públicos romanos, nos quais, além dos banhos pròpriamente ditos, da prática de exercícios físicos e de outros cuidados corporais, se exercia o culto das divindades pagãs e se cultivavam as diversões e o luxo. O das Caldas de Monchique ergueu-se em lugar demasiadamente apertado, incompatível com a amplitude exigida por grandes e monumentais edifícios.



Fig. 62 — Termas romanas das Caldas de Monchique: Estatueta de bronze (tamanho natural).

Ainda que admitindo a probabilidade de em parte estas ruínas terem sido levadas por algumas cheias catastróficas do barranco, algum capitel, fuste de coluna, troço de arquitrave ou de qualquer outro elemento architectónico de vulto deveria ter permanecido no local dos alicerces, ou ali perto. Nada disto, todavia, apareceu, pelo que é lícito prefigurar a pequenez do estabelecimento romano, sujeito à situação da nascente e por isso mesmo arriscadamente estribado na íngreme vertente, quase no fundo da ravina.

Não se tratava de um lugar de prazer, mas sim para cura de enfermidades. Divinizada, por suas virtudes terapêuticas, a própria fonte termal, é de supor que junto à mesma se rendesse culto a Fortuna, segundo o permite suspeitar o achado das cornucópias. Salientamos, igualmente, a circunstância de serem os fragmentos de lucernas (muitas do mesmo tipo e com idêntica ornamentação no disco) o que mais abunda nos objectos ali recolhidos. A candeia estaria permanentemente acesa no pequeno *aedes sacrae*, ou mero *sacellum*.

Das muitas reconstruções e acréscimos efectuados no balneário, sobretudo desde o tempo em que as Caldas foram postas sob a completa jurisdição dos prelados do Algarve, narra o já citado e muito perfeito trabalho monográfico de Silva Carvalho. Durante as demolições actuais, o Dr. José de Sousa Costa, director clínico das Caldas de Monchique, fez recolher cuidadosamente lápides, azulejos, pedras brasonadas e outros objectos, inclusive os provenientes da época romana.

Como os primeiros caem fora dos limites deste nosso estudo, passamos a descrever os últimos, a que adicionamos a peça da Idade do Bronze com que abrimos a relação.

ACHADOS NAS TERMAS

Idade do Bronze

Navalha de barbear, do mesmo tipo das quatro encontradas em *Huerta de Arriba* (Serra de Burgos), descritas por Santa Olalla e pelo mesmo Professor consideradas de tipo peninsular⁽⁹⁰⁾. É, segundo cremos, o primeiro objecto desta espécie identificado em Portugal. Foi colhida nos entulhos, perto da *Fonte da Pan-*



Fig. 63 — Fragmento de lucerna (*discus*).

(90) Vid. o nosso trabalho — *Duas raridades arqueológicas*, in «Rev. do Sind. Nac. dos Eng.ºs Auxiliares, Agentes Téc. de Eng.ª e Condutores», Lisboa, 1948; n.º 27.

cada n.º 2. A folha pròpriamente dita acha-se bastante corroída na periferia. Dim. actuals: comp. 0^m,112; larg. máx. 0^m,042. (Fig. 50-5 e Est. XXII, 16).

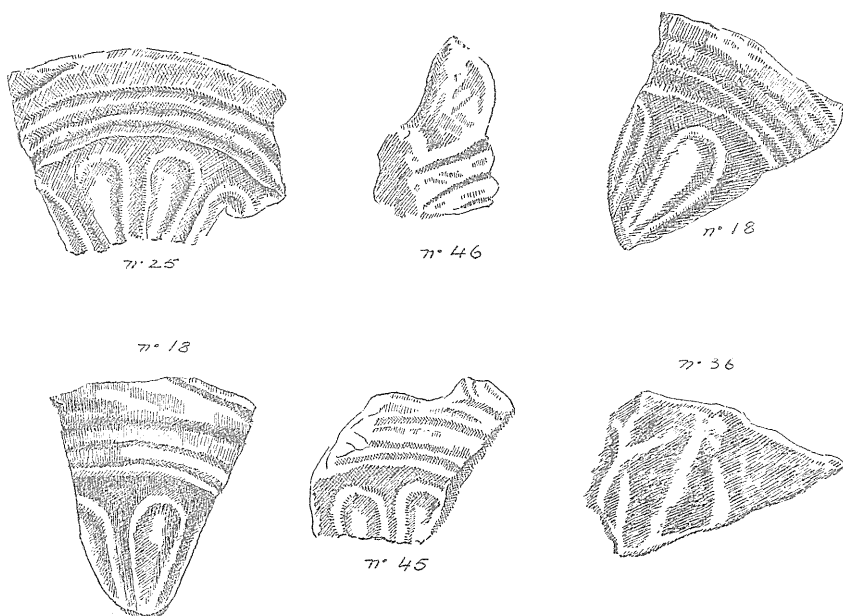


Fig. 64 — Termas romanas das Caldas de Monchique: Fragmentos de lucernas.

Época romana

Ara votiva. Monólito de lioz (a que no local dão o nome de «pedra oleosa»), com a altura actual de 0^m,65, tendo o plinto 0^m,37 × 0^m,30 × 0^m,17 e o fuste 0^m,34 × 0^m,34 × 0^m,28. (Fig. 60). A parte superior do monumento, ou cornija, está quebrada, mal deixando perceber o início de uma das volutas. Na face anterior do fuste, única epigrafada, vê-se uma inscrição em cinco linhas, cujas letras têm de altura 0^m,025 a 0^m,040.

A última letra da 1.^a linha desapareceu, devido a fractura da parte direita da cornija, que falta inteiramente. A última letra

da 2.^a, bem como as três finais da 3.^a, apresentam dificuldades de leitura, por estar a pedra muito desgastada pela água que correu em cima daquele lado da inscrição durante séculos.

Na 4.^a linha vêem-se apenas duas letras — «T» e «F» —, não havendo vestígios de ter mais nenhuma; e na última linha apenas se lê com nitidez o «V», mas o calco mostra bem, a seguir, um «S», e pelo espaço que fica para a direita, onde estão sulcos indefinidos, presumimos terem existido mais as letras «L» «M», que completam a conhecida fórmula — «V. S. L. M.» — das aras votivas, ou, pelo menos, uma delas — «L.» ou «M.», que tudo leva ao mesmo.

Assim, convimos na seguinte leitura:

A Q V I (S)
S A C R I (S)
P A T V L C I A
T (iti) F (ilia)
V (otum S (olvit) (Libens Merito).

Versão: *Às Águas Sagradas* (banhos sagrados), *Patúlcia, filha de Tito, cumpre o seu voto* (oferece, ou dedica) *por sua livre vontade, mercidamente* (ou como agradecimento pelo benefício recebido).

Julgamos ser esta a interpretação mais provável.

No exame directo que fizemos à lápide ficaram-nos dúvidas que só com o calco que tiramos conseguimos dilucidar. Na 3.^a linha, as três últimas letras estão, como dissemos, pouco visíveis; e até as duas últimas, examinando-as mesmo com luz artificial, dão-nos a perfeita ilusão de formarem um «M». No calco, depois de um atento exame, obtém-se a certeza de serem duas letras — «I» e um «A»; não só porque desaparece o traço que faria a ligação da perna esquerda do «M» ao vértice inferior central, mas também porque se verifica ser vertical a referida

haste, ao passo que a da direita é oblíqua. E, assim, a antepenúltima letra, que podia ser «O», «C» ou «G», só deverá ser «C» ou «G», para, ligada às duas últimas, se obter leitura aceitável — «GIA» ou «CIA», surgindo-nos, então, nitidamente, «PATULCIA», nome conhecido no onomástico romano peninsular.

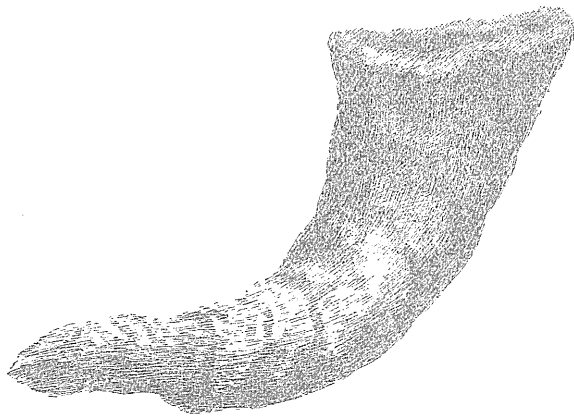


Fig. 65 — Termas romanas das Caldas de Monchique: Cornucópia de bronze.

Na 4.^a linha interpretamos «T. F.», por *Titi Filia*, visto ser a primeira interpretação que vemos nos dicionários de abreviaturas romanas, e a mais vulgar.

O espaço que segue poderia se ocupado pelo nome da tribo, como ensinam os tratados da especialidade; mas só excepcionalmente se dava isso, e no caso presente ficamos sem saber se não existiria ou se teria desaparecido com o desgaste da pedra. Isto era de grande importância, pois, se vissemos tal indicação, poder-se-ia afirmar, com muitas probabilidades de aproximação, a data de tão importante monumento. Assim, é difícil arriscar parecer. Até a imperícia do canteiro, verificada na irregularidade da execução das letras, mais o dificulta.

Palmeta de ouro, recortada em lâmina muitíssimo fina, com a forma de folha com o limbo profundamente fendido. Por infelicidade, a parte superior desta peça desapareceu, após a escavação, restando somente a porção correspondente ao pé. Este bocado mede 0^m,058 por 0^m,015, na parte mais larga. A palmeta

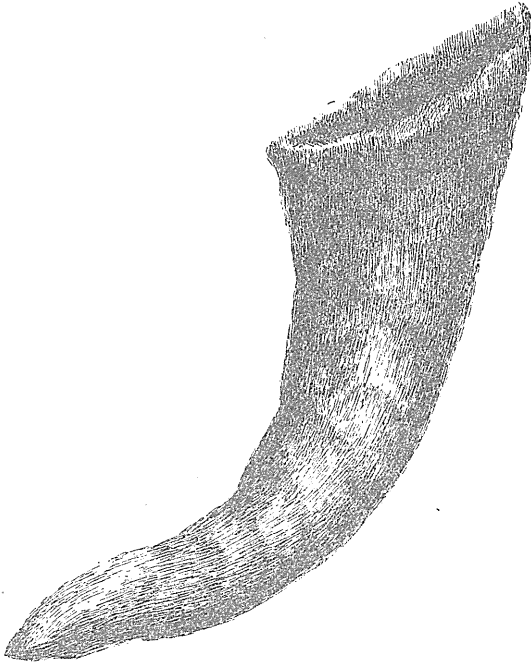


Fig. 66 — Termas romanas das Caldas de Monchique: Cornucópia de bronze.

completa media mais ou menos o dobro, em comprimento. O que nos resta está fragmentado em dois bocados. Era uma peça delicada e muitíssimo frágil. (Fig. 61-5).

Estatueta de bronze fortemente patinada de escuro, infelizmente muito deteriorada nos pormenores. É uma figura feminina envolvida em uma túnica. Esta parece cobrir também a nuca, deixando bem visível, à frente, o típico penteado das romanas.

Falta-lhe o braço direito, na parte que sairia da túnica. O esquerdo está caído ao longo do corpo, e a mão parece segurar um longo cesto de forma cónica e superfície encanestrada. De dentro do cesto, pela parte da frente, sai um objecto aparentemente cilíndrico, o qual poderá ser um feixe de varas ligadas por uma larga fita. A superfície do metal, profundamente corroída, dificulta a determinação exacta dos objectos de que a figura de mulher é portadora. (Fig. 62 e Est. XXXI).

Não podemos identificá-la com qualquer divindade feminina do panteão romano. Representará, talvez, uma ofertante ⁽⁹¹⁾. Tem de altura 0^m,070.

Braço de pequena estátua, de bronze, oco. Devem-lhe faltar cerca de três centímetros. Bem modelado e de boas proporções. Pela perfeição da mão, dedos e unhas, depreende-se que deve ter pertencido a estátua impecavelmente modelada. O bronze apresenta-se admiravelmente patinado de cor verde-escuro, com manchas quase pretas. A face exterior do braço tem excrescências formadas de terra que a humidade encorporou na oxidação e que tomaram a mesma cor da pátina, embora em tom um pouco mais claro. Estas concreções terrosas, que abundam de preferência na face externa do braço, estão fortemente pegadas e só com uma vigorosa pancada se desprendem, ficando marcado o lugar, tal como a marca de um acúleo no caule de uma roseira. A superfície então posta à vista tem pátina mais escura e igual à da face interna do braço, isto é, a que estaria encostada ao corpo da figura, e que, por esse motivo, se conservou mais lisa, ao passo que a outra se tornou muito áspera.

A mão está entrefechada, em posição de segurar qualquer objecto. Podia ter sido uma cornucópia, mas não qualquer das

⁽⁹¹⁾ Não excluímos a hipótese de se tratar de uma representação da deusa Fortuna, podendo admitir-se que na mão direita segurasse uma cornucópia.

duas que a seguir se descrevem, porquanto não se lhe adaptam. O comprimento axial do braço, flectido e incompleto, tal como está, é de 0^m,140. Apontamos, ainda, os seguintes diâmetros; na mão (fechada) 0^m,026; no pulso 0^m,021; a meio do braço 0^m,028; a meio do antebraço 0^m,032. Pesa 335 gramas. Dadas estas proporções, achamos que a estatueta devia ter cerca de meio metro de altura. (Fig. 61-1 e Est. XXXIII, 2).

Cornucópia de bronze, oca, fortemente patinada de verde. Falta-lhe uma pequenina porção na extremidade. Comprimento entre pontas 0^m,115; diâm. maior na abertura 0^m,046. (Fig. 66 e Est. XXXIII, 4).

Cornucópia, em tudo idêntica à anterior, mas faltando-lhe grande porção da ponta. Comp. actual 0^m,097; diâm. maior, na abertura 0^m,039. (Fig. 65 e Est. XXXIII, 3).

Cento e quinze *alfinetes* de prata baixa (bilhão). Tipo de pequenina cabeça formada pelo enrolamento, sobre si, de uma das extremidades. O comprimento varia de 0^m,047 a 0^m,024, havendo muitos com os tamanhos aqui apontados assim como outros de vários comprimentos intermédios. (Fig. 55-25).

Moedas: um grande bronze, cinco médios e onze pequenos, desde o Séc. I ao IV, achando-se representados Trajano, Octávio, Cláudio, Máximo, Filipe, Honório, Graciano, Arcádio e outros. (Est. XXXII).

Cerâmica

a) Muitas centenas de fragmentos de *lucernas*, de barro fino, amarelo-esbranquiçado. Descriminamos os seguintes, muitos dos quais reproduzimos em fotografia ou em desenho: Um *discus*, quase completo, mostrando uma galinha aninhada, com um pin-tainho sobre o dorso e três em baixo, ao redor. (Fig. 63 e Est. XXIX, 14).

São mais frequentes as lucernas cujos discos mostram um galo, quase sempre acompanhado por uma palma. O galo é um dos atributos de Esculápio ⁽⁹²⁾. Podemos aludir a uma com esta representação, achada na freguesia de Quintos, concelho de Beja, em 1947. (A. Viana — *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, in «Arquivo de Beja», vol. V. Beja, 1948. Págs. 32 a 35, Figs. 31 a 34).

Apresentando uma galinha com pintos, exactamente com a mesma disposição de figuras que na das Caldas de Monchique, é um dos exemplares do Museu Emeritense ⁽⁹³⁾.

Foram igualmente colhidos outros bocados, também com ornatos, mas representando pequenas porções de lucernas. Contam-se cinco bicos, três dos quais completos. Um dos incompletos conserva parte do *discus*, e outro uma parte do bordo do depósito. Um dos completos conserva também certa porção do *discus*. Há, ainda, um depósito, conservando a asa, mas faltando-lhe o *discus* e o *nasus*; e uma dúzia de asas, mostrando dois tipos de *ansa*: um de aresta ao longo do dorso, outro de dorso plano com dois ou três sulcos paralelos. (Figs. 61-2-3-4; 64; Ests. XXIX e XXX).

Salientaremos também os três fragmentos de discos com ornato provávelmente mitológico: Um deles (Est. XXIX, 1) com duas figuras sedentes; outro (n.º 30), com personagem nu, ao que parece, de pé; no terceiro (n.º 32), muito gasto, julgamos ver um quadrúpede e outras figuras que não logramos identificar.

Todas estas formas de lucernas, segundo cremos, datam do Séc. I e épocas anteriores.

(92) Vide, por exemplo, três lucernas do Museu Arqueológico de Tetuão (Marrocos), in *Mem. de los Museos Arqueol. Prov.*, vol. VI, págs. 208-214, Lãm. XCIII, n.ºs 31, 32 e 33 (1946).

(93) J. R. Mérida — *Arqueología Española*, pág. 373, Fig. 200 (a da extrema direita na fila superior).

Fragmento de uma *palera*, também do mesmo barro das lucernas. (Fig. 61-6, 7 e 7-A; Est. XXX, 35).

Fragmento da boca (cerca de um terço) de uma pequena *anfora*, do mesmo barro amarelado.

CERÂMICA GROSSA, DE CONSTRUÇÃO (Fig. 55-19 a 24):

Sete *tijolos* de barro vermelho, rectangulares, lisos nas duas faces, com as seguintes medidas $0^m,425 \times 0^m,295 \times 0^m,050$.

Três *tijolos*, do mesmo tipo, mais pequenos — $0^m,230 \times 0^m,225 \times 0^m,047$.

Dois *tijolos*, em forma de cunha — $0^m,300 \times 0^m,230$; espes. em um dos topos $0^m,072$; id. no outro $0^m,068$.

Outro *tijolo*, rectangular, mas com os cantos arredondados — $0^m,300 \times 0^m,230 \times 0^m,0515$ e $0^m,052$.

Outro *tijolo*, rectangular — $0^m,275 \times 0^m,210 \times 0^m,052$.

Três *tijolos*, rectangulares, muito compridos (por corte longitudinal do tipo maior) — $0^m,428 \times 0^m,160 \times 0^m,060$ e $0^m,055$.

Outro *tijolo* com três sulcos paralelos de canto a canto, na face da flor, cruzando-se ao centro desta, em diagonal. São traçados a dedo. Espes. $0^m,057$. Está fracturado, mas deve ser de dimensões aproximadas dos de $0^m,300 \times 0^m,230$. Mencionámo-lo por ser o único exemplar com sulcos digitais na face da flor.

Treze *ladrilhos* pentagonais, de barro vermelho. Dim.: base $0^m,225$; cada um dos lados restantes $0^m,130$; espes. $0^m,060$. Pertenciam ao pavimento de uma das tinas que apareceram nas escavações de 1946. (Fig. 55-23).

Sete fragmentos de *tegulae*, dois de barro branco e os restantes de barro vermelho.

Cinco fragmentos de *imbrices*, um deles muitíssimo robusto. Corda $0^m,220$; flecha $0^m,110$; espes. $0^m,034$.

Estes restos, que deviam pertencer à estrutura do pavimento de um *caldarium* ou de um *tepidarium*, apareceram junto à nascente de mais elevada temperatura — a de São João.

MOSAICOS (Est. XXXIII, 1).

Muitos pequenos fragmentos e numerosíssimas *tesselæ* soltas. Parece que em qualquer obra de reconstrução realizada em época ainda próxima da romana, foram estes restos de pavimentos lançados como simples material de enchimento em um dos tanques agora descobertos durante os desaterros. Notam-se dois tipos de *opus vermiculatum*: o de pedrinhas maiores, de que nestes restos só apareceram brancas; o de tesselas mais miúdas, do qual aqui apareceram bocados com desenho policromo (uma trança a três cores: amarelo, cinzento-escuro ou ardósia, e vermelho, ou cor de tijolo, em fundo branco).

Diversas notas acerca da arqueologia de Monchique

Referindo-se às moedas romanas provenientes das Caldas de Monchique e arredores, informa o Dr. Silva Carvalho ⁽⁹⁴⁾ terem aparecido duas de ouro, de Honório (395-423 depois de Cristo), actualmente pertencentes ao Sr. Manuel de Sousa Costa, e a outra ao Sr. José da Silva Júnior. As que apareceram nas termas respeitam, segundo o ilustre monografista, aos reinados de Constantino (306-337), Graciano (375-383), Teodósio (379-395) e Arcádio (395-408) — «ficando assim representada a época do império do Ocidente, em que predominou o cristianismo e que terminou com a invasão dos bárbaros».

(94) *Op. cit.*, pág. 14.

*

Mário Lyster Franco, no seu trabalho acerca das termas romanas das Caldas ⁽⁹⁵⁾, reporta-se às espécies numismáticas registadas pelo Professor Dr. Silva Carvalho; ocupa-se do estudo das ruínas e dos objectos nelas encontrados, em especial da ara votiva e de uma jóia que o Autor considera também da época romana.

Nos entulhos extraídos do local onde se encontraram os preciosos vestígios da civilização romana, achavam-se representadas várias épocas, muito posteriores. Pena foi não terem sido as escavações acompanhadas por alguém que, metódicamente, marcasse a posição e profundidade relativa dos objectos à medida que apareciam. Este que a seguir descrevemos não o supomos romano, já por ter surgido em camada mais superficial, segundo nos afirmou o Director clínico das Caldas ⁽⁹⁶⁾, já porque nem no carro, nem na indumentária ali representada em desenho vasado, reconhecemos qualquer indício de elemento romano; e ainda, também, pela desproporção das figuras — desproporção que nunca vimos em desenhos ou outras reproduções de baixos-relevos e mais composições da arte romana.

Trata-se de um duplo *botão de prata*. São dois botões perfeitamente iguais, semelhantemente às abotoaduras de punho, mas bastante maiores (0^m,033 de diâmetro), ligados por um elo alon-

⁽⁹⁵⁾ Mário Lyster Franco — *As termas romanas de Monchique*. Faro, 1945.

⁽⁹⁶⁾ Segundo nos informa o Sr. Dr. José de Sousa Costa, esta peça foi achada no canal de esgoto das toscas instalações sobre as quais o Bispo D. Francisco Barreto reconstruiu, em 1692, as arruinadas casas pré-existentes, dando-lhes melhor feição de banho e enfermaria. O referido canal sobrepunha-se às ruínas das termas romanas.

gado e articulado pela face posterior dos discos, enfiando em argolas que servem de pés aos botões. O fio metálico de que são feitos estes elos tem 0^m,002 de grossura. Os botões são do tipo plano-convexo, ou seja, em forma de calote esférica, eocos, isto é, formados pela sobreposição de um disco convexo, ornamentado, em outro, plano e liso. (Est. XXXIII, 6 — desenho do Dr. José de Sousa Costa).

A face superior dos botões (estes, como dissemos, absolutamente iguais) é ligeiramente abaulada e muito rendilhada, ostentando cenas de caça, bem definidas e bem marcadas, tanto nas atitudes como nas demais intenções do desenho, mas, qual ficou dito, grandemente desproporcionadas.

A cena central está envolvida por um duplo círculo, sendo o interno liso e com 0^m,012 de diâmetro interior, e o externo simula um cordão e está por completo aderente ao anterior. A figura humana que aí se vê parece ter a cabeça coberta por um capacete com penacho, ou paquife, voltado para trás — mas bem diferente do tipo do capacete romano. A figura vai sentada em um carro de quatro rodas — veículo nada semelhante às várias espécies de viaturas romanas que conhecemos figuradas em obras da época —; toca corneta ou tuba, tendo os pés encostados no resguardo dianteiro do leito do carro. Por detrás desta figura há qualquer coisa mal definida que se assemelha a uma árvore, ou folha grande, que talvez sirva de mera ligação do figurado.

Do círculo central, partem uns ramos encaracolados nas extremidades e com algumas folhas, tudo para servir, certamente, de pontes de ligação. No espaço entre o círculo central e o rebordo de cada botão, estão traduzidos vários assuntos de caça: um homem, voltado para a direita, como as restantes figuras humanas e de animais, caminha ao lado do cavalo, levando um objecto do feitio de argola enfiado no braço direito. Este cavaleiro apeado parece ter na cabeça um chapéu de copa cónica

e larga aba. O cavalo está perfeito e é das figuras mais proporcionadas.

À sua direita está uma árvore que, pela forma, será um cipreste. Segue-se-lhe um falcão, a pé, de calção, também com a cabeça coberta por um chapéu, dando a impressão de que por debaixo da aba se distingue farta cabeleira; na mão esquerda leva pousado o falcão, enquanto na direita julgamos ver uma espingarda, na posição em que os caçadores a mantêm, quando caçam, isto é, segura pelo delgado da coronha e com o cano voltado para trás e apoiado no braço.

A seguir, um gamo em fuga. Para ligação desta figura, há um cipreste no plano posterior, no qual tocam, de um lado, o bico do falcão, e do outro os galhos de um veado. À ligar uma das hastes dos cornos do gamo há uma figura mal definida, seguindo-se-lhe um cavaleiro que parece ter na cabeça um capacete, e não, como as outras figuras de homem, chapéu de abas; o cavalo está ajaezado, vendo-se uma longa sela. Parece que o cavaleiro nada mais leva nas mãos, além das rédeas.

Adiante se observa um animal correndo, que poderá ser um lebreu a perseguir um gamo que, logo à frente, se vê filado já pelo falcão de asas abertas, a ferrar-lhe as garras no lombo e o bico no pescoço. Finalmente, outro cipreste de ligação.

A desproporção das figuras entre si, a que nos referimos, é bem notável. Basta reparar em que o cão e os gamos são maiores que o mais pequeno dos cavalos; o falcão é quase do tamanho das figuras humanas. Estas são também desproporcionadas em si próprias. Repare-se no tamanho das cabeças ou das pernas, em relação ao tronco. Tais erros de desenho não os cometiam os Romanos.

Se a nossa interpretação é verdadeira, este artefacto deverá ser atribuído a uma época relativamente moderna, talvez ao final do séc. XVI ou princípios do XVII.

*

Entre os vários achados de moedas, conta-se o de uma grande porção de médios bronzes, feito no sítio do Cortez, próximo das Caldas, em 1931 e 1932, por Inácio Galego, morador no referido local. Eram todos dos séculos III e IV. Dessas moedas adquiriu J. Formosinho umas trinta e tantas, as quais se encontram no Museu Regional de Lagos.

*

A propósito do *Navete*, Leite de Vasconcelos deixou, a pág. 6, nota 1, do II volume da «Etnografia Portuguesa», esta explicação: — «Por cima da Nave, em frente da Picota, há um sítio de nome *Navete* ou *Naveto* (o *Naveto*), que é encosta, e não vale.» Podemos advertir — não é simplesmente encosta, mas sim uma elevação de certa magnitude, como tal marcada nas cartas do Instituto Geográfico e Cadastral (pontos culminantes: 506 e 538 metros).

*

De 20 de Agosto a 4 de Setembro de 1917, o Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos repousou, conforme a expressão por ele mesmo empregada, nas Caldas de Monchique. Nas suas voltas pelos arredores, obteve para o Museu Etnológico Português, actualmente do seu nome, vários objectos arqueológicos e etnográficos, dos quais relacionamos os primeiros, achados avulsamente nos *Campos do Covão do Samouco*:

Um *machado* de pedra polida, quebrado na parte oposta ao gume. Comp. 0^m,145.

Outro *machado*, com fracturas no gume. Comp. 0^m,090.

Um *brunidor* «feito de um seixo rolado e com duas depressões, ou *pégas* nas faces maiores, uma em cada uma, para, durante o trabalho, estar seguro pelo dedo polegar e médio, em quanto o indicador se encostava a uma das faces laterais».

Um *aro de fivela* lusitânica, de bronze.

Destes dois últimos objectos publica desenho.

Na vila de Monchique foram-lhe oferecidos: *machados* de pedra polida (não diz quantos nem como eram, porém, vide adiante); um *percutor* provido de duas pegas dispostas como no brunidor das Caldas; *moedas romanas*, de cobre (não diz quantas nem de que imperadores, porém, vide adiante). Em uma casa, no caminho pelo qual seguiu para o Barranco dos Pisões, obteve um disco de pedra que lhe pareceu ser instrumento pré-histórico.

Tudo isto vem relatado na sua obra «De terra em terra», vol. II, págs. 259 a 261. O grande Mestre salienta, em face das notícias deixadas por Estácio da Veiga: — «Não se tendo por ora recolhido muitos artefactos neolíticos da região monchiqueira, creio que algum valor possuem os que acima menciono, pois que assim se juntam mais uns elementos, ainda que modestos, para o conhecimento da época prehistórica da mesma região». (Em nota: «Vid. Estácio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, II, 326-328»).

O capítulo da obra de que estamos extraindo é refundição do artigo publicado no vol. XXIII de «O Arch. Port.». A pág. 125 deste volume, Leite de Vasconcelos, acerca dos objectos obtidos em Monchique, descreve: — um machado encontrado na Fóia, outro da Picota, outro do Cerro do Touro; o percutor fora encontrado em um campo de Monchique; as moedas romanas, do Séc. IV, foram quatro.

*

Na visita que fizemos a Monchique em Setembro de 1947, observamos um perfeitíssimo *aureus* bizantino, pertencente ao

Sr. José da Silva Júnior. É de Justiniano. Pelo Sr. Brás da Silva Baiona foi-nos mostrada a sua pequena colecção arqueológica, formada por objectos achados no concelho de Monchique. É constituída por, entre outras coisas, alguns instrumentos de pedra polida, um perfeitoíssimo áureo de Honório, procedente do Cerro do Castelo (Alferce), e um soldo de Vitiza, cujo local de encontro se ignora.

*

Próximo da pirâmide geodésica da Fóia, em um pequeno plaino do lado de Oeste, a mais de 800 metros de altitude, foi-nos mostrado pelo Sr. Baiona o local de um cemitério romano, denunciado por copiosa quantidade de tégulas fragmentadas pelas cavas a que o terreno tem sido sujeito. Pouco antes o Sr. Brás Baiona vira algumas inteiras. O sítio é perfeitamente agricultável, e foi na preparação de um pequeno bocado de terra, no estilo característico da região (em socalcos, a que dão o nome de «canteiros») que as sepulturas apareceram. Se bem que o facto seja recente, não se conhece notícia do que elas porventura continham.

Pode dizer-se, pois, que a ocupação romana — ou a do indígena romanizado — atingiu os pontos mais elevados da amena Serra de Monchique.

*

Outros achados, de interesse arqueológico, devem andar sumidos em mãos de particulares, perdida a informação das circunstâncias de jazida e, portanto, escapos à investigação presente e grandemente desvalorizados perante uma conscienciosa resenha que em qualquer tempo se faça a respeito da arqueologia monchiquense.

Já Estácio da Veiga o lamentava e o verberava com sua característica vivacidade. Em todo o País, mais ou menos, se

pratica esta desastrosa ocultação. Devemos registar, pois, a inteligente e meritória atitude dos Srs. Brás da Silva Baiona, de Monchique, António Ventura, das Caldas, Abílio José Gouveia, de Olhão, e outras pessoas a quem devemos franco exame e seguras informações, quanto aos objectos de que são possuidores, aos que ofereceram ao Museu Regional de Lagos, ou àqueles de que apenas tiveram conhecimento.

*

Estácio da Veiga, no vol. IV das «Antiguidades Monumentaes do Algarve», págs. 179-180, refere-se ao aparecimento de um depósito de bronzes, cujas peças foram destruídas em uma oficina de fundição, de Lagos. Tal depósito apparecera na rampa da Fóia, em que assenta a vila de Monchique. Neste mesmo ponto da obra cita a sepultura que um indivíduo abriu na Picota, relatando este buscador de tesouros ter achado nele «calhaus arredondados, machados de pedra, pedaços de tijelas de barro, pedrinhas furadas, maiores que as contas usuais, cinzas e carvões miúdos», e um objecto de bronze, formado por seis argolas de bronze fundido (uma está incompleta), ligadas lateralmente, à maneira de grelha, em três filas de duas.

Estácio da Veiga publica na Est. XXII do referido volume um desenho deste objecto, assim como o de um machado plano que conseguiu salvar do depósito de bronzes da Fóia. Supomos que as argolas fossem uma das fases do fabrico de anéis. Relativamente ao conteúdo da tal sepultura da Picota, se o relato do seu destruidor é verídico, lembra-nos o espólio dos túmulos com mamoas, dos arredores das Caldas.

*

O «Glossario critico» de Monsenhor Botto indica uma enxó e um pequeno vaso de cerâmica provenientes do sítio do Castelo,

na freguesia do Alferce, oferta do respectivo Prior, Cabrita Neves. E elucida: — «Estes e outros criterios levam á evidencia de que, no sitio do Castello, da citada freguezia, pairou, á actual profundidade de 5 metros, uma estação da *idade da pedra polida*, a que se sobrepõe uma jazida luzo-romana, já sufficientemente individualizada, e que, a seu turno, serviu de pavimento a construcções arabes, cujas ruinas ainda se erguem impavidas com a sua alta significação historica» (97).

Ignoramos até que ponto se confirma a existência de todos estes testemunhos arqueológicos.

*

Torna o Glossário de Pereira Botto a ocupar-se da região de Monchique: — «Segundo comunicação feita pelo rev.^{mo} parcho da freguezia de Alferce, no sitio do «Castello», cerca de três kilometros distante d'esta povoação, em propriedade de João dos Santos, foram encontrados largos destroços de ceramica, alguns dos quaes recolheram já a este Museu para seu rigoroso estudo e classificação. Os fragmentos examinados são frageis e de barro pouco cozido, de fractura nunca liza, mas sempre cellulosa, deixando ver as superficies, interna e externa, de côr tirante á da ferrugem e, por vezes mesmo à do negro do fumo».

«São evidentemente reliquias de vasos primitivos com vestigios de azas ainda rudimentares, d'aspecto mais ou menos comprimido ou globularmente mamillar, sem o minimo traço de moldura, completamente desprovidos de signaes da roda do oleiro, mas revelando já a adaptação de utensilio, que irregularmente os poliu. O vazinho inteiro, recolhido no *mostrador B, da sala 2.^a sob o n.º 95*, naturalmente dezazado, tem elegante diminuição de calibre no diametro mediano; é polido á mão e delicadamente cons-

(97) Botto — *Glossario*, págs. 12-13.

tituido por barro, já com pequenissima quantidade de granulos de quartzo».

«Foi encontrado tambem um pêzo de tecelagem fragmentado, tendo por consocios de jazida dois calhaus de vizivel estriamento, certamente proveniente de repetidos movimentos de percussão e polidura. É vasta a disseminação destas interessantes ruinas pelo local supra referido. O estudo confrontativo de tão assignaladas impressões da primitiva indústrria humana, defrontando com identicos criterios já positivamente determinados, assegura-nos uma phase da indústrria incontroversamente «prehistorica» — verdadeiros prodromos de civilização — com provavel referencia á epocha *robenhausense*.»

«Fica, d'esta sorte, apurado mais um ponto geographico, em ordem á ampliação da carta archeologica do Algarve. O Alferce, atéqui, mal estava apontado no estudo das archaicas civilizações, que pairarão por aquella primitiva estação, apenas typificada, no mesmo parallelo para os lados de Monchique, com a descoberta de instrumentos e sepulturas do periodo *neolitico* e da idade de *bronze* ⁽⁹⁸⁾.»

Creemos que após estas deficientes prospecções de curiosos, feitas em 1899, completadas com as conjecturas de gabinete, imprecisas e confusas, próprias da época em que tais juízos se emitiam, nenhum estudo se realizou nem no Alferce nem em qualquer outro ponto da vasta Serra de Monchique. Estamos persuadidos de que toda a região serrana do Algarve é copioso filão a explorar cientificamente.

*

A págs. 188-189 de «O Archeologo Português», vol. XI (1906), inseriu Leite de Vasconcelos um pequeno artigo intitulado «Lousa

(98) Botto, *Glossario*, pág. 35.

de Marmelete», com o qual conclui os seus conhecidos «Estudos sobre a época do bronze em Portugal».

Respeita a um fragmento de laje de xisto ($0^m,45 \times 0^m,20$) que se encontra no Museu Arqueológico da Figueira da Foz. Este fragmento foi obtido por Santos Rocha, no Monte Amarelo, concelho de Lagos, cujo dono o apanhara no Marmelete e o pusera a cobrir um cortiço de abelhas. Nele se vê gravada uma parte de armas idênticas às representadas em tampas de sepulturas de guerreiros da Idade do Bronze, semelhantes às do Museu Regional de Beja, às do de São Tiago de Cácem e do Museu Etnológico. Na Est. IV, Fig. 21 do mesmo volume de «O Archeologo» se apresenta desenho da lousa do Marmelete.

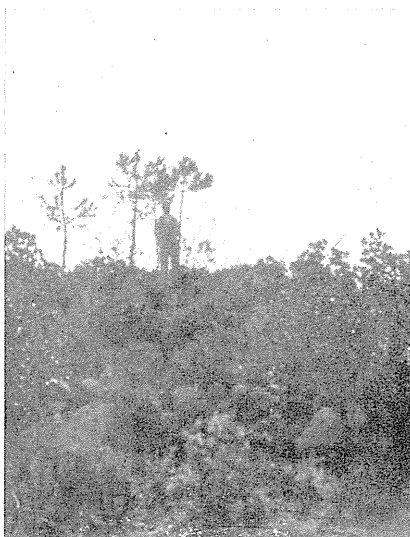
*

O vocábulo «Navete» é, claramente, diminutivo de «Nave», nome do vale que do maciço da Fóia separa o Cerro do Navete, e designação, também, de um dos pequenos aglomerados rurais situados no mesmo vale. Mas, enquanto se diz «a Nave» e «Vale da Nave», no feminino, a população local masculinizou o topónimo do cerro, dizendo «o Naveto». E como na pronúncia popular dali o «ê» soa como «ei», dizem «o Naveito», assim como «Marmeleite», em vez de «Marmelête» (aldeia da Serra de Monchique) e «Mondeigo», por «Mondêgo» (nome dado a um cão pertencente a um dos trabalhadores que nos serviram nas explorações).

Este facto, curioso, por se opor à regra geral da pronúncia algarvia, segundo a qual «leite», «feito», «deito», «direito», etc., se dizem «lêto», «fêto», «dêto», «dirêto», constitui mais uma característica que diferencia a população de Monchique da do resto do Algarve. Com razão dizem os de Monchique não serem nem algarvios nem alentejanos, definindo da seguinte maneira a sua situação geográfica: «lá para baixo, para o Algarve; lá para cima, para o Alentejo».



1 — Mamoa do túmulo n.º 2 da necrópole da Palmeira; 2 — Mamoa do túmulo n.º 7 da necrópole do Buço Preto; 3 — Idem vista de Noroeste; 4 — Idem vista do Oeste.



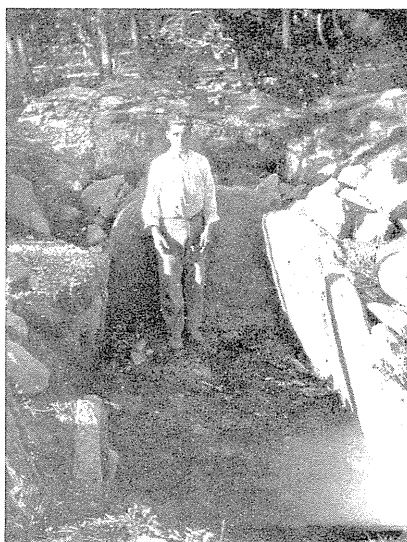
1



2

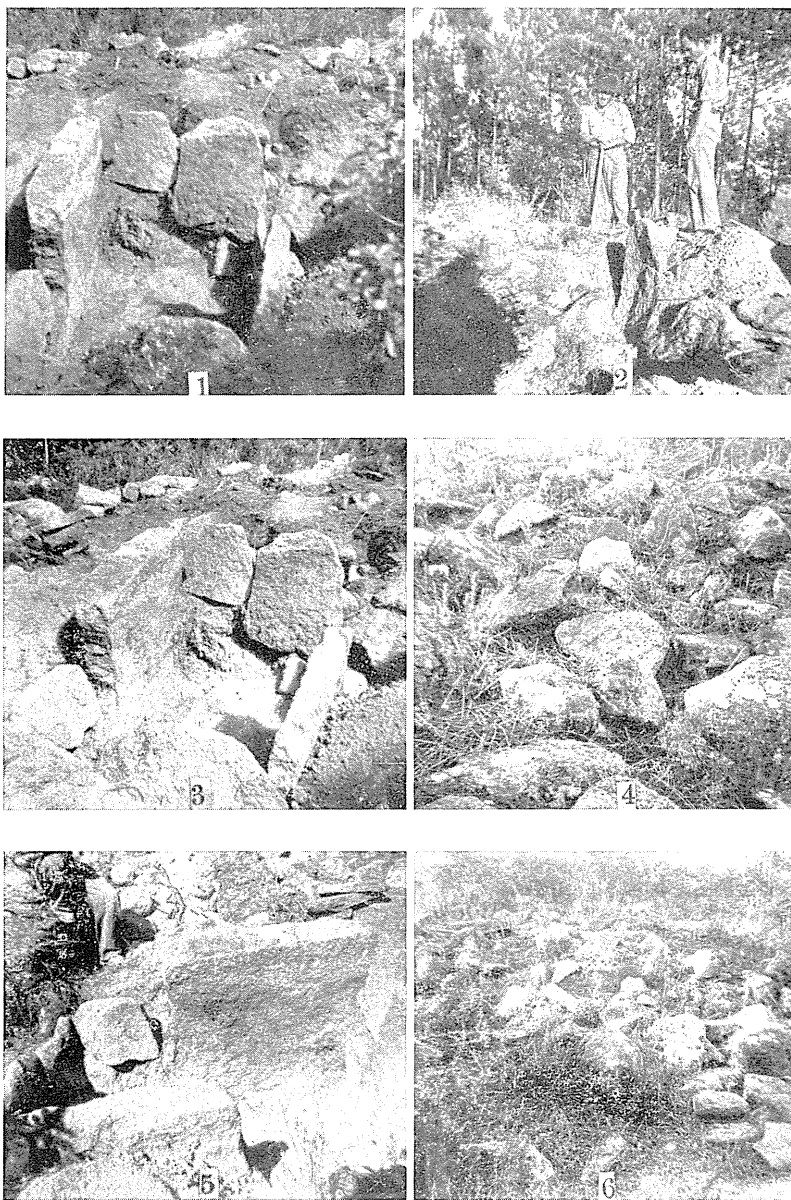


3

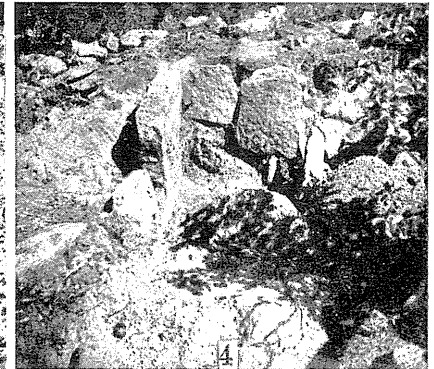
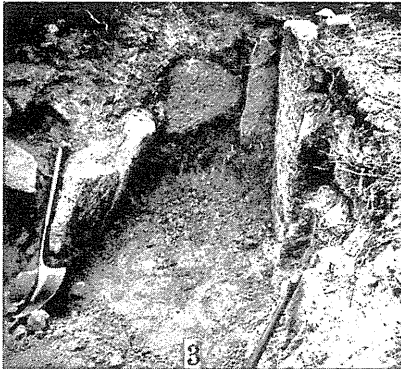


4

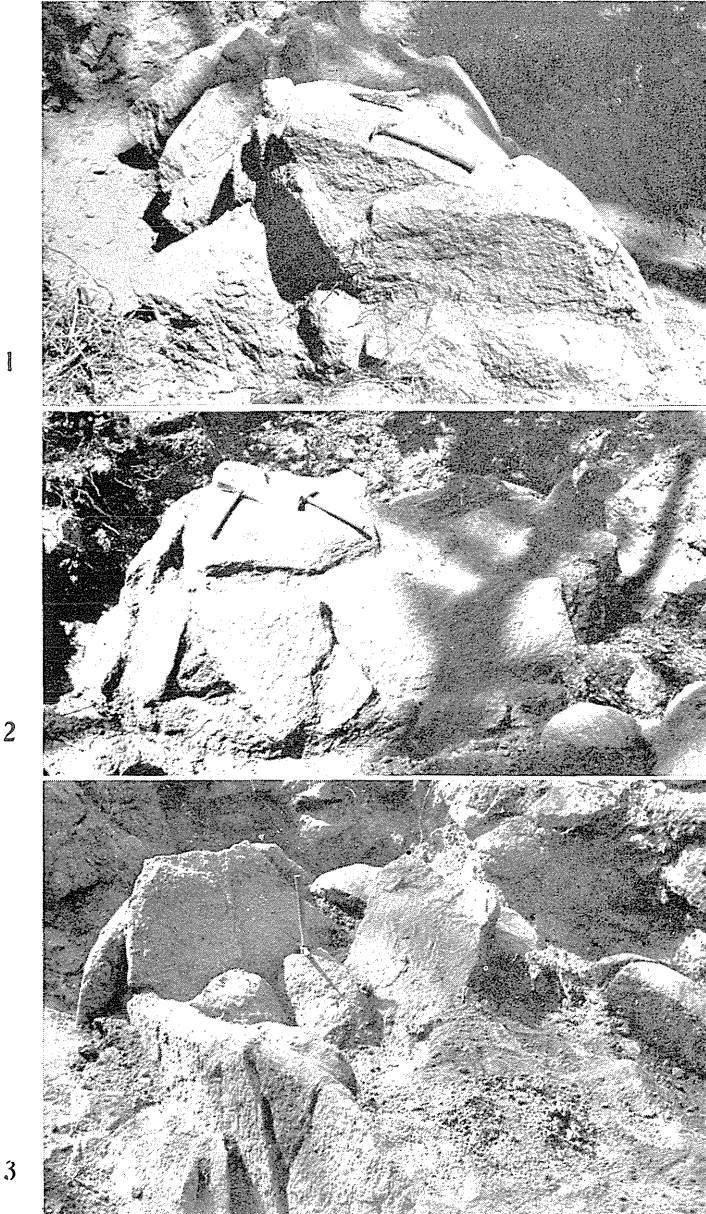
1 — Mamoia do túmulo n.º 7 da necrópole do Buço Preto; 2 — Túmulo n.º 16 da necrópole da Palmeira; 3 — Idem; 4 — Túmulo n.º 2 da necrópole da Palmeira.



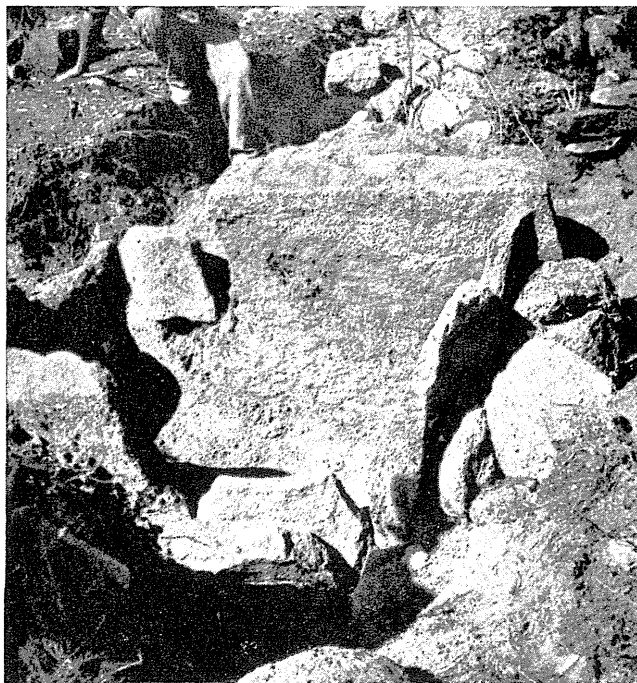
1, 3 e 5 — Aspectos do túmulo do Navete, após a exploração; 2 — Calhaus volumosos, no âmago da mamoa; 4 — Cimo da mamoa no ponto sobreposto à caixa tumular; 6 — Superfície da mamoa, vista do Norte.



1 — Túmulo n.º 4 da necrópole da Palmeira; 2 — Túmulo n.º 2 da necrópole da Palmeira; 3 — Túmulo n.º 1 da necrópole da Belle France; 4 — Túmulo do Navete; 5 — Mamoa do túmulo do Navete; 6 — Túmulo n.º 2 da necrópole da Palmeira.



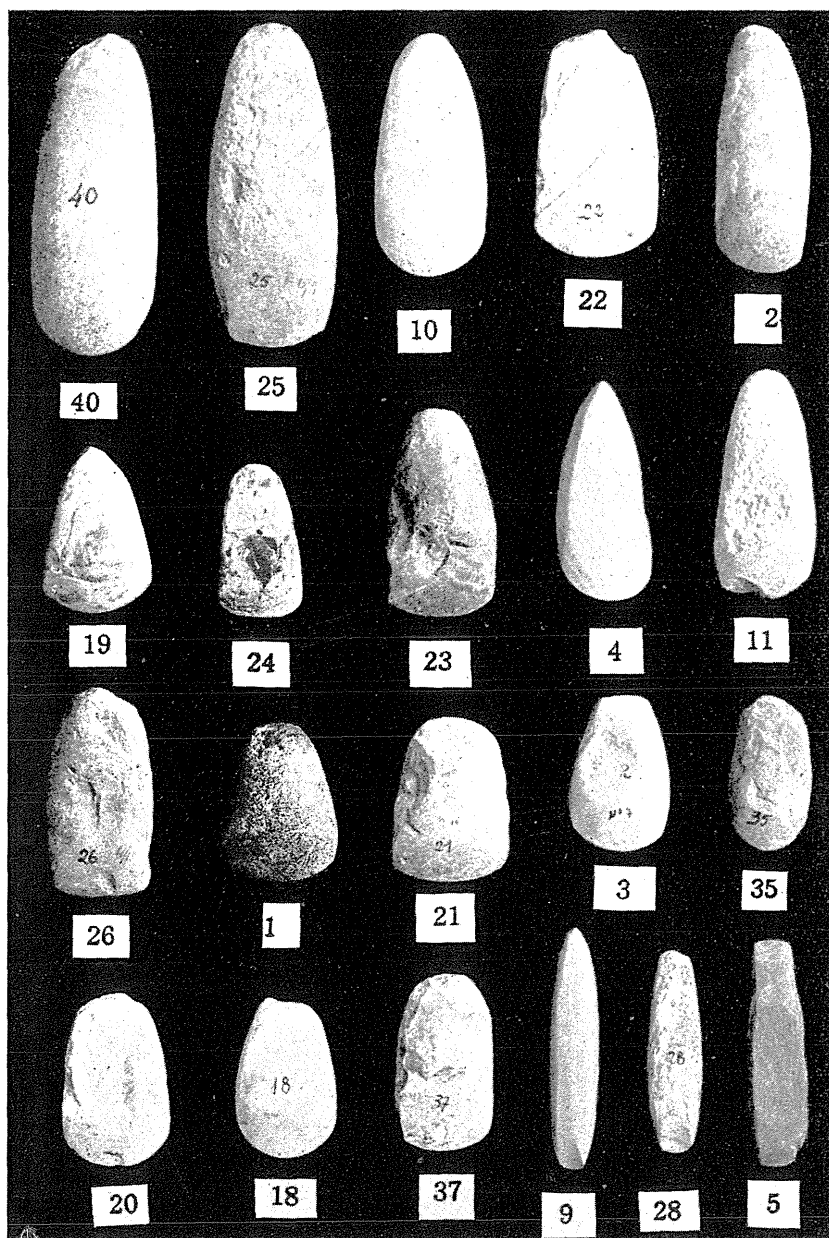
1, 2 e 3 — Túmulo n.º 2 da Palmeira, antes e durante a exploração.



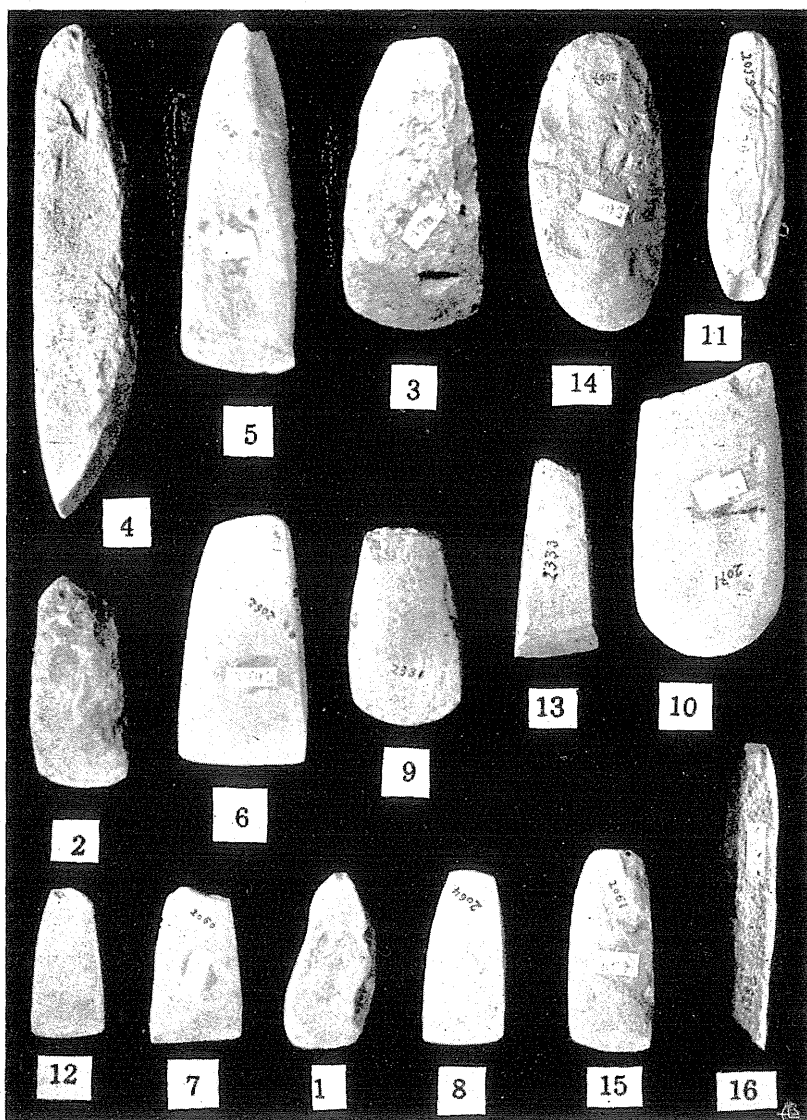
2

3

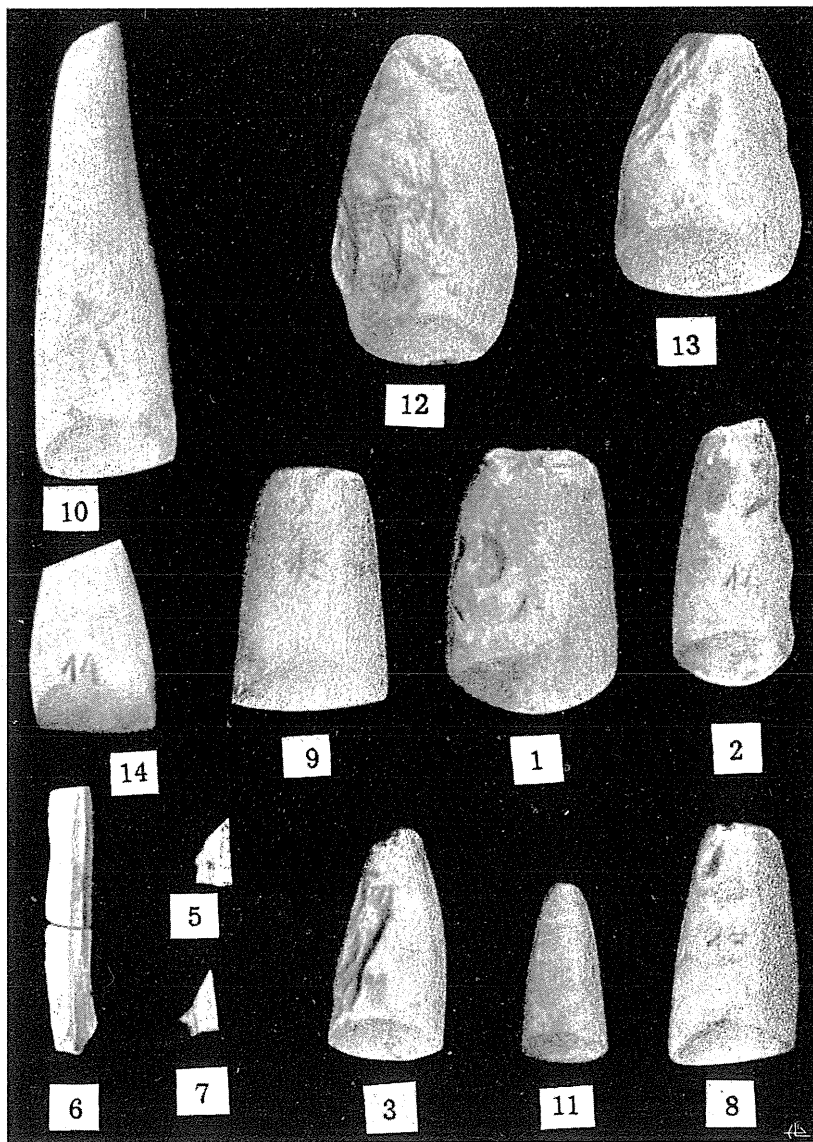
1 — Túmulo do Navete; 2 — Túmulo n.º 2 da Palmeira; 3 — Túmulo n.º 7 da Palmeira.



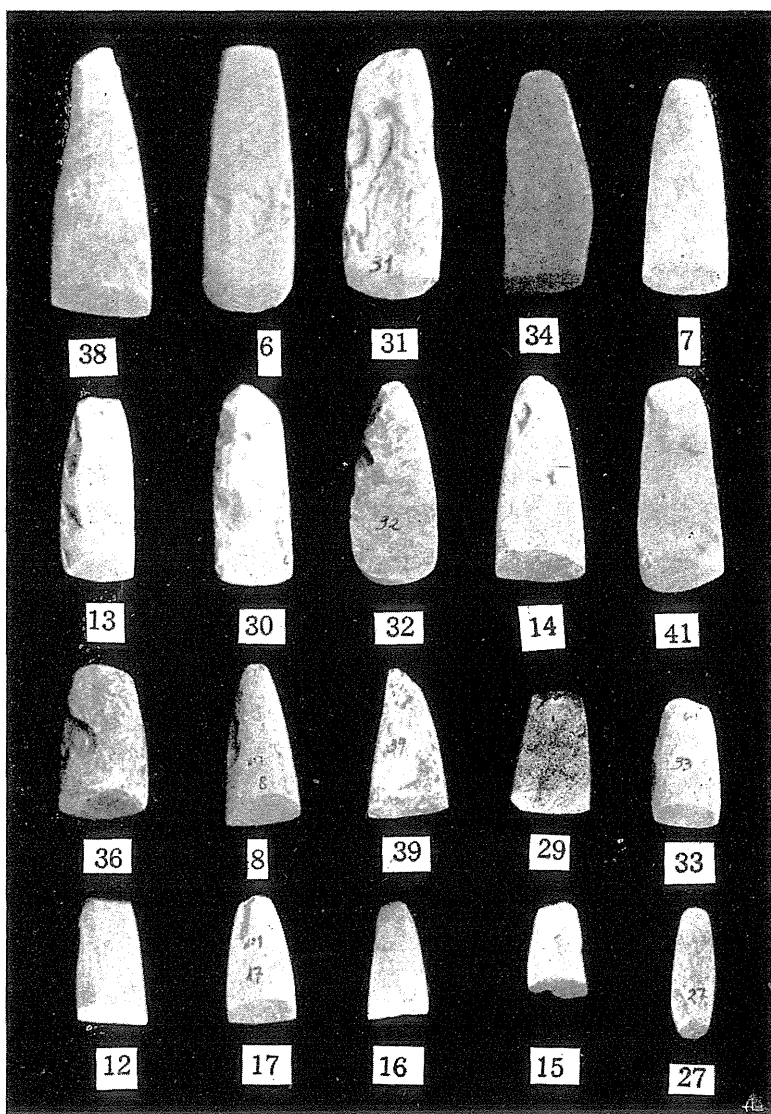
Machados, goivas e escopros da necrópole da Palmeira: 40 — Túmulo n.º 2; 35 e 37 — Túmulo n.º 4; 10 e 11 — Túmulo n.º 5; 18 a 26 e 28 — Túmulo n.º 6; 1 a 5 e 9 — Túmulo n.º 7.



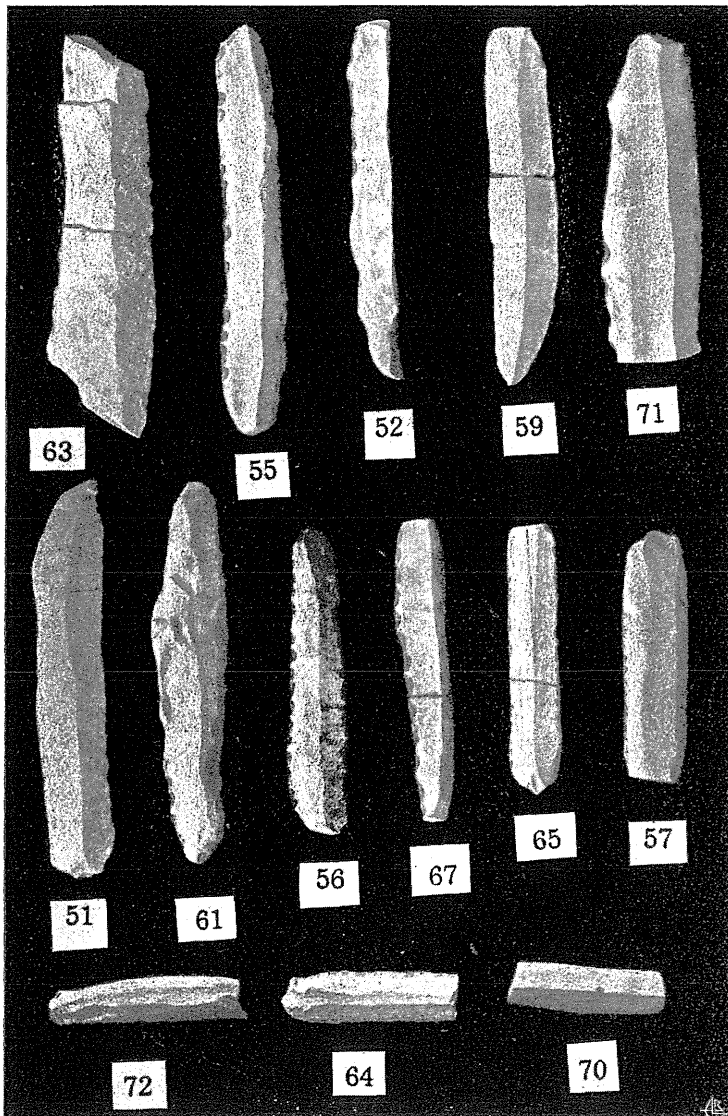
1 a 13 — Machados, enxós e goivas do Buço Preto. 14 a 16 — Machados e goiva, achados soltos.



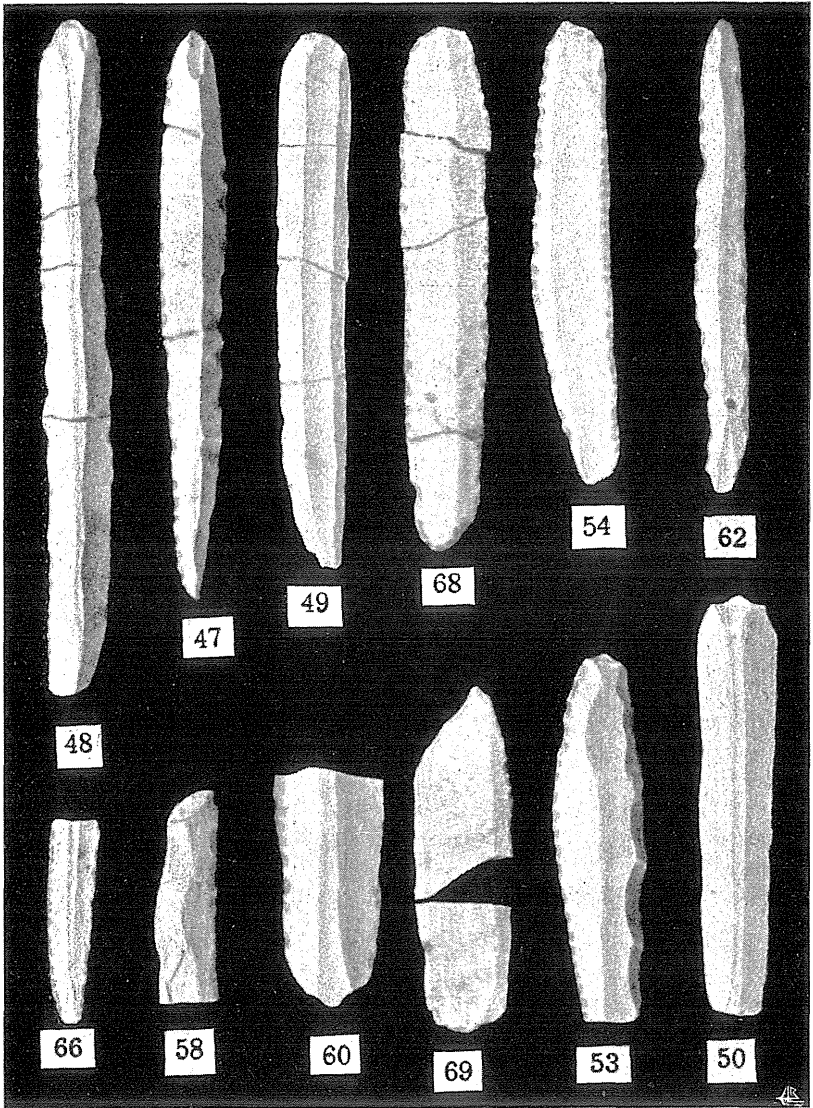
Machados, enxós, faca e micrólitos do Buço Preto. (Explorações de 1937).



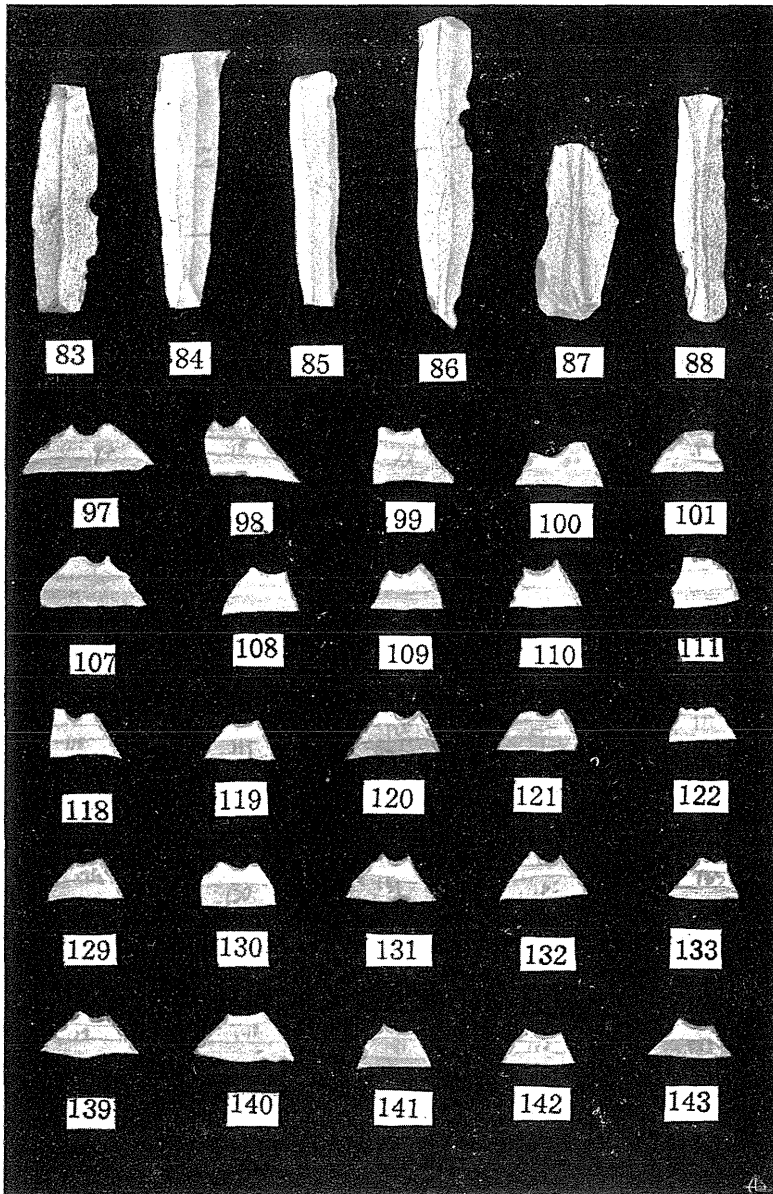
Enxós da necrópole da Palmeira: 17 — Túmulo n.º 1; 41 — Túmulo n.º 2; 36, 38 e 39 — Túmulo n.º 4; 12 a 16 — Túmulo n.º 5; 27 e 29 a 34 — Túmulo n.º 6; 6 a 8 — Túmulo n.º 7.



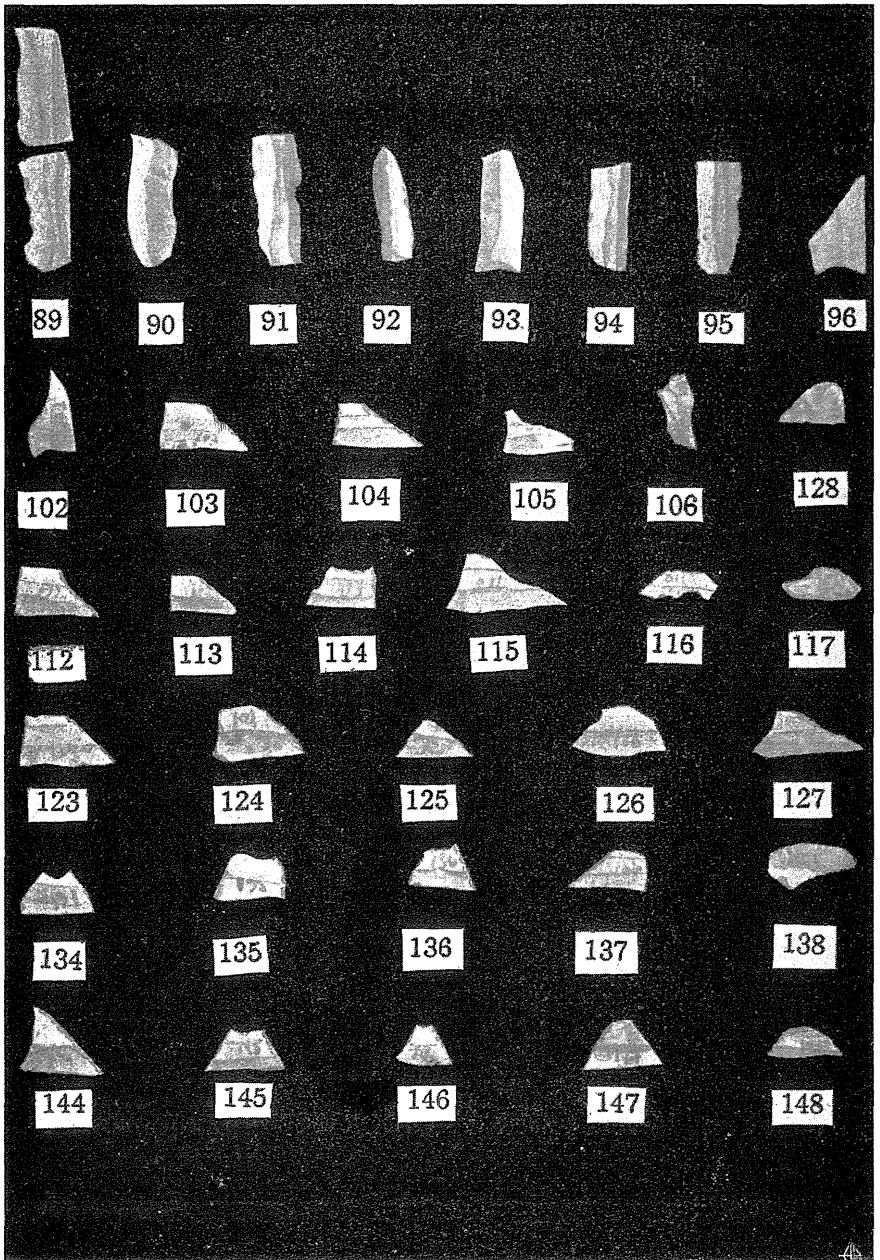
Lâminas da necrópole da Palmeira: 71 — Túmulo n.º 2; 67, 70 e 72 — Túmulo n.º 5; 63 — Túmulo n.º 6; 51, 52, 55 a 57, 59, 61, 64 e 65 — Túmulo n.º 7.



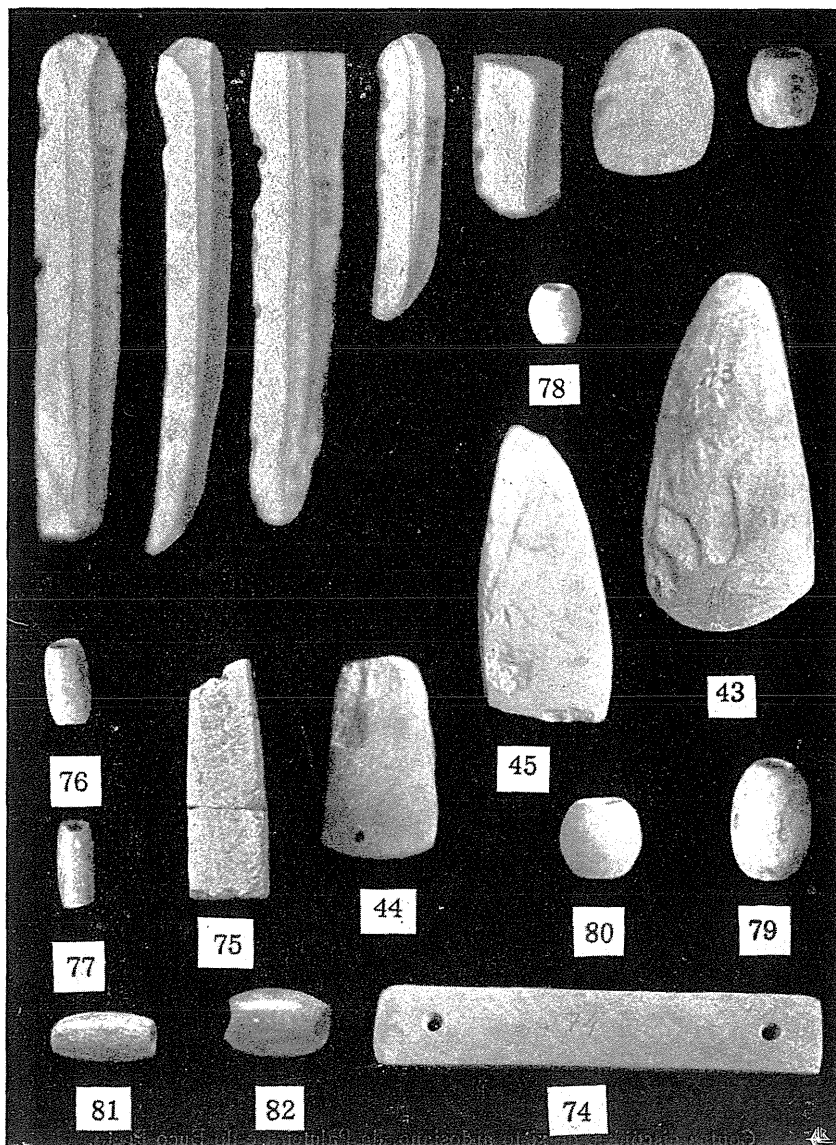
Lâminas da necrópole da Palmeira: 69 — Túmulo n.º 3; 58 e 60 — Túmulo n.º 6; 47 a 50, 53, 54, 62, 66 e 68 — Túmulo n.º 7.



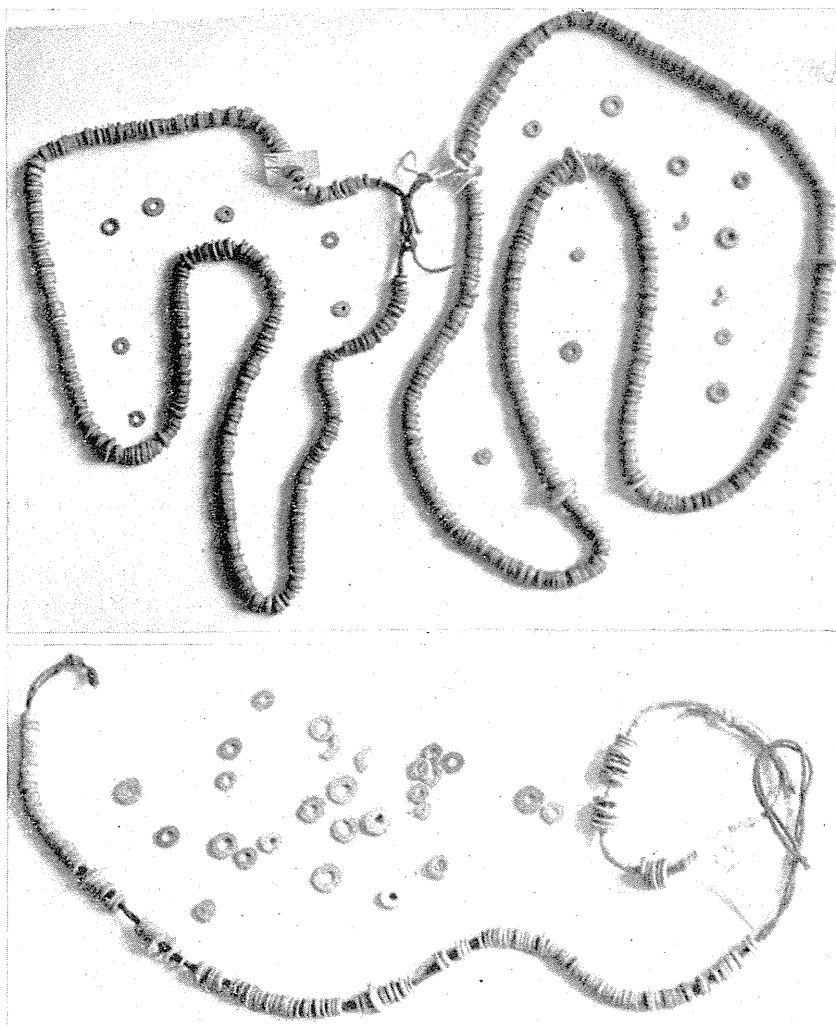
Facas, fragmentos de facas e micrólitos da necrópole da Palmeira: Túmulo n.º 1 — 133; Túmulo n.º 2 — 83 a 86, 97 a 101, 107 a 111 e 118 a 122; Túmulo n.º 3 — 129 a 132; Túmulo n.º 6 — 86 e 87; Túmulo n.º 7 — 139 a 143.



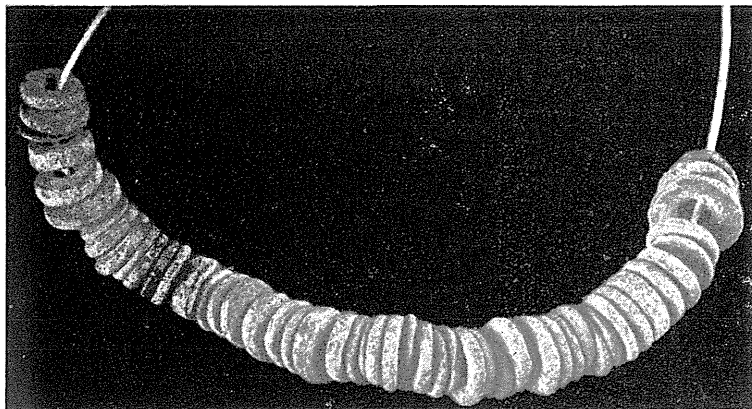
Facas, fragmentos de facas e micrólitos da necrópole da Palmeira: Túmulo n.º 1 — 134; Túmulo n.º 2 — 90 a 96, 102 a 106, 112 a 116, e 123 a 126; Túmulo n.º 3 — 128; Túmulo n.º 4 — 89 e 148; Túmulo n.º 6 — 144 e 146; Túmulo n.º 7 — 135 a 138; Túmulo n.º 14 — 127 e 147, o n.º 117 é metade de uma ponta de seta do túmulo n.º 2.



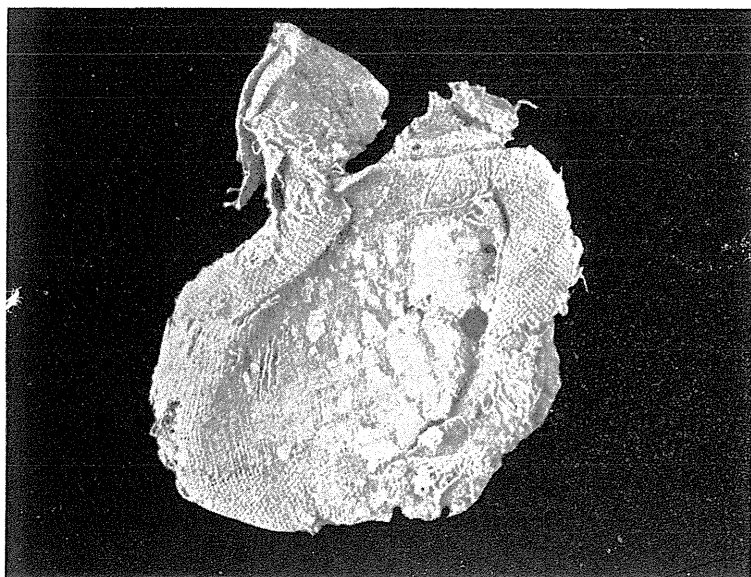
Necrópole da Palmeira: 43, 44 e 45 — Machados isolados; 74 e 75 — Braçal de xisto e placa de barro, com furo de suspensão, do túmulo n.º 7; 76 e 82 — Contas de colar do túmulo n.º 5; 77 e 78 — Contas do túmulo n.º 3; 79 — Conta do túmulo n.º 4; 80 e 81 — Contas do túmulo n.º 2; (Em cima) — Facas e conta de colar do túmulo n.º 2 do Buço Preto; e pequenino machado.



Contas discóides, de xisto ardosiânico, da Palmeira e do Buço Preto.

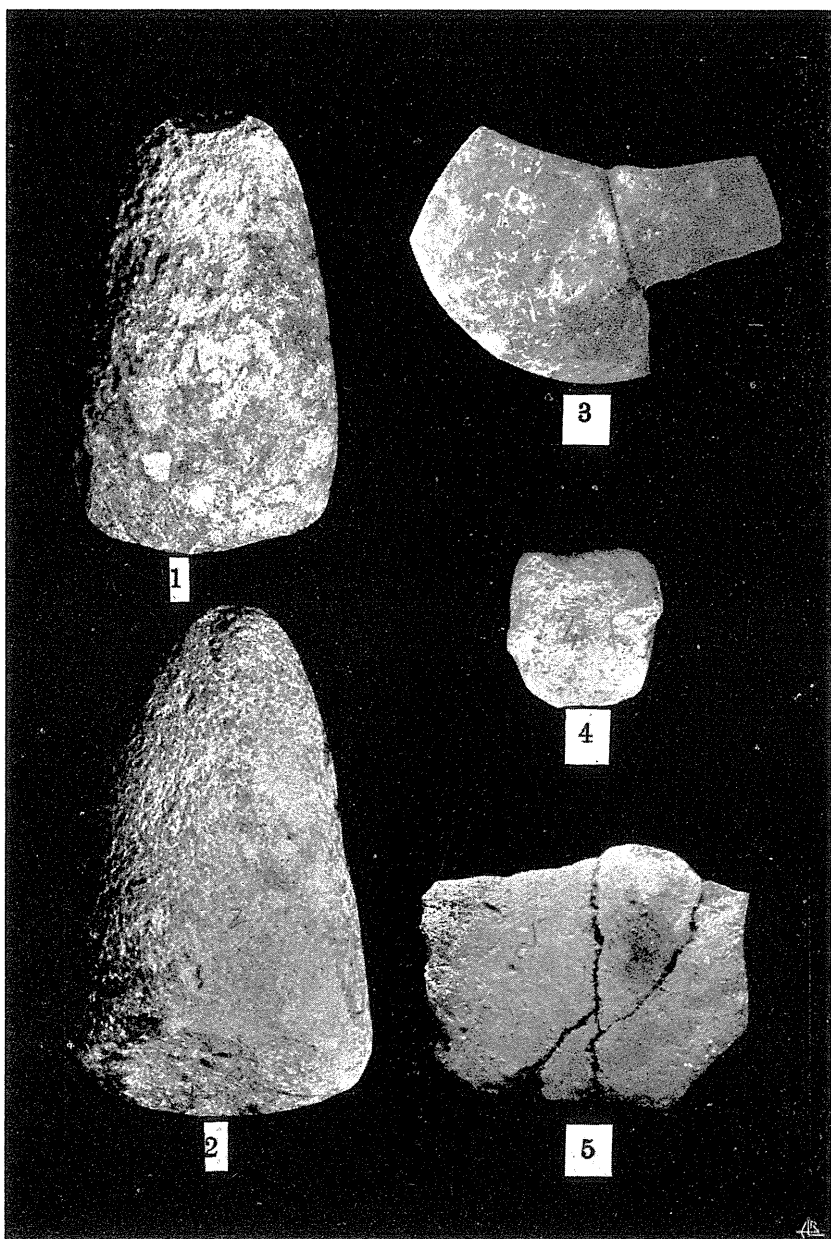


1

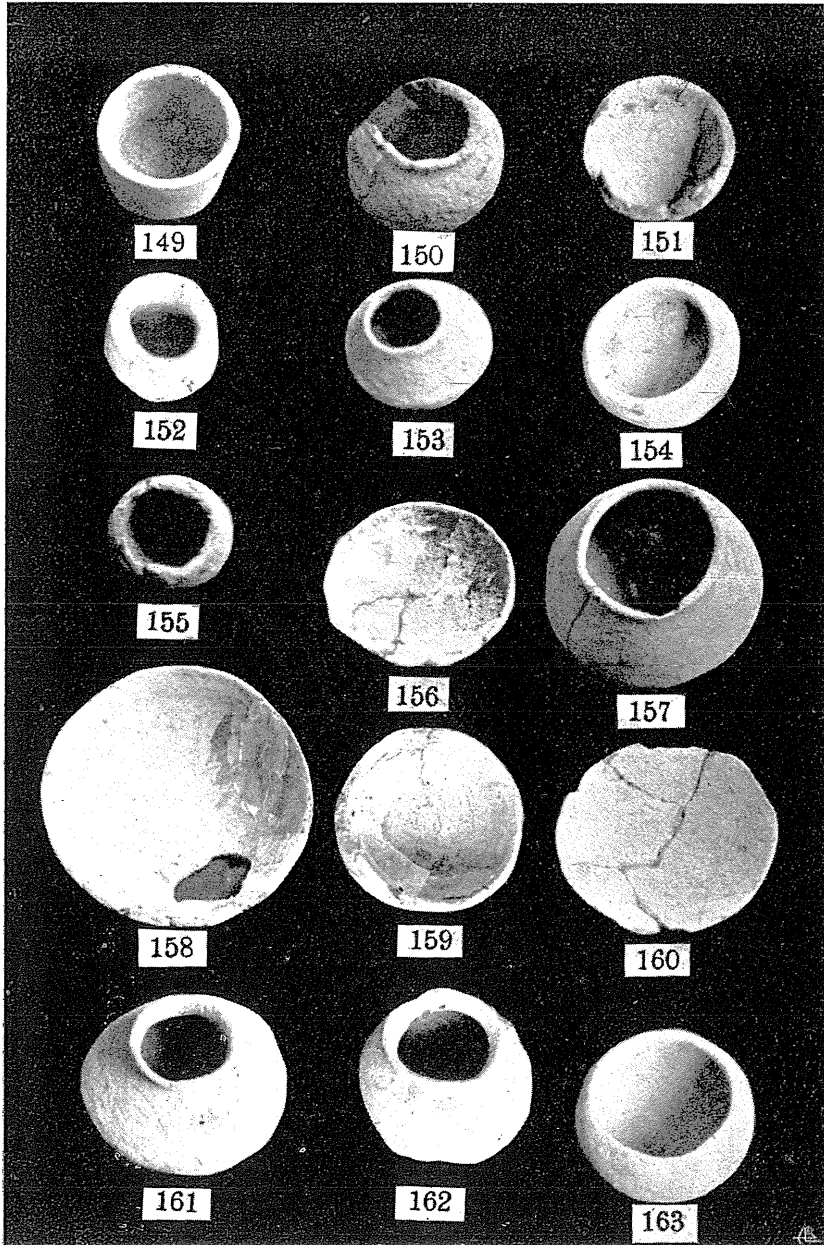


2

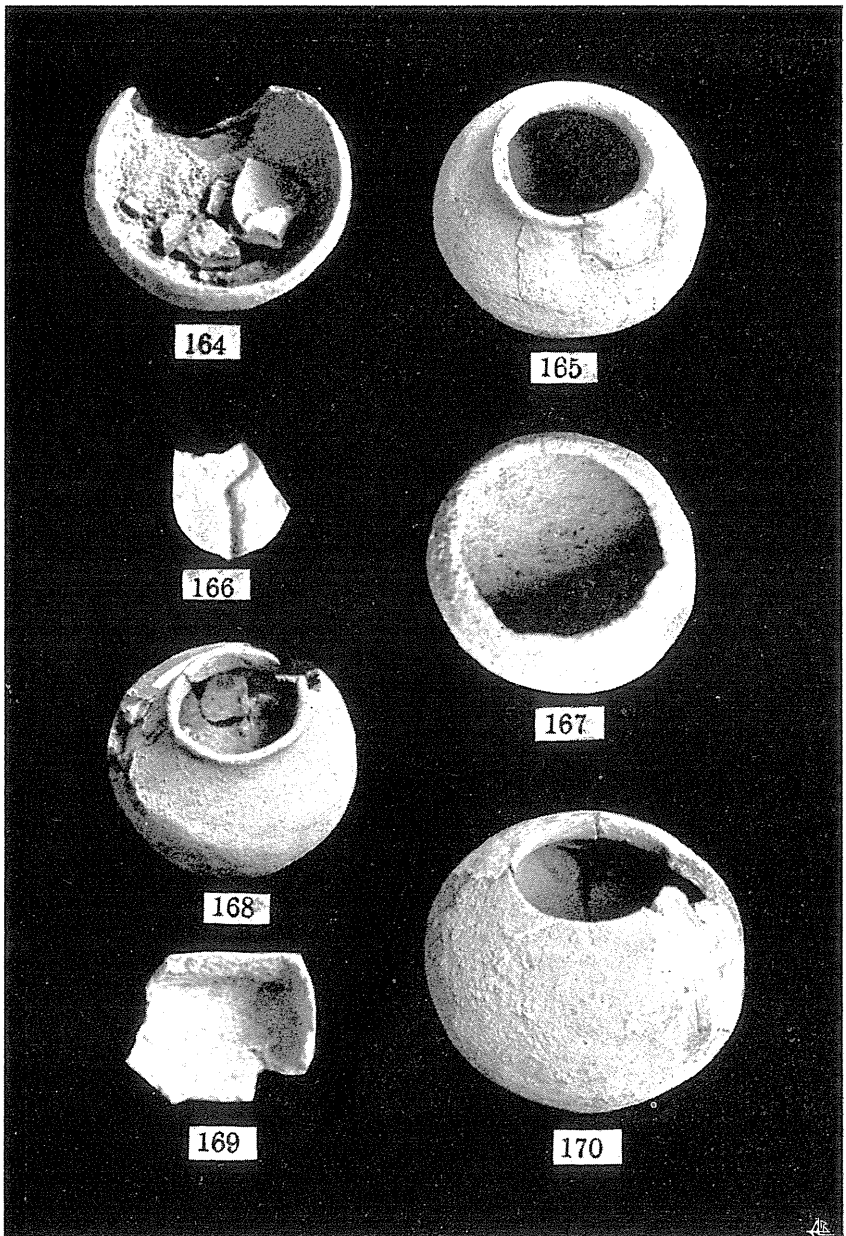
1 — Contas discóides de xisto ardosiânico, da necrópole da Palmeira; 2 — Fragmento de tecido de linho, que envolvia o machado de cobre do túmulo n.º 1 de «Belle France» (Vide Est. XXI, n.º 9).



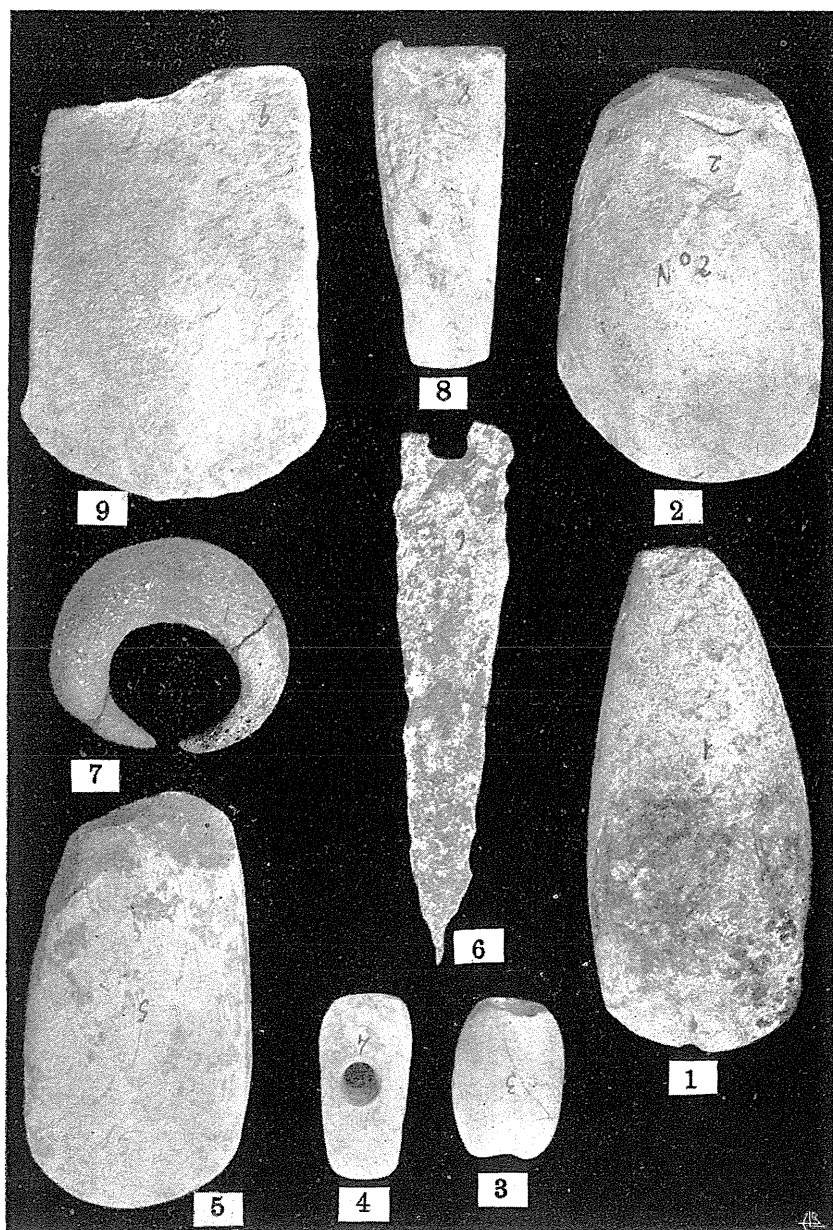
1 e 2 — Machados isolados, do Navete; 3, 4 e 5 — Fragmentos de cerâmica da necrópole de Belle France.



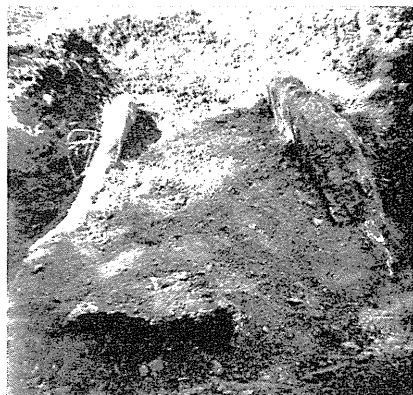
Cerâmica do Túmulo n.º 7 da necrópole da Palmeira.



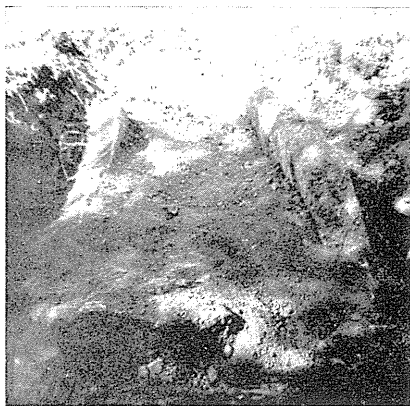
Cerâmica da necrópole da Palmeira: o n.º 164, do túmulo n.º 2, os restantes, do túmulo n.º 7.



3, 4 e 5 — Contas de colar e machado do túmulo n.º 15 da necrópole da Palmeira; 1 — Machado isolado; 2 — Machado do túmulo n.º 2 da « Belle France »; 9 — Machado de cobre, envolvido em tira de pano; 6, 7 — Punhal de bronze e pingente de barro do túmulo n.º 1 da necrópole de Alcaria; 8 — Escopiro isolado, do Navete.



1 — Cista de Alcária no decurso da exploração; 2 — Uma das cistas de Alcária, acabada de explorar.

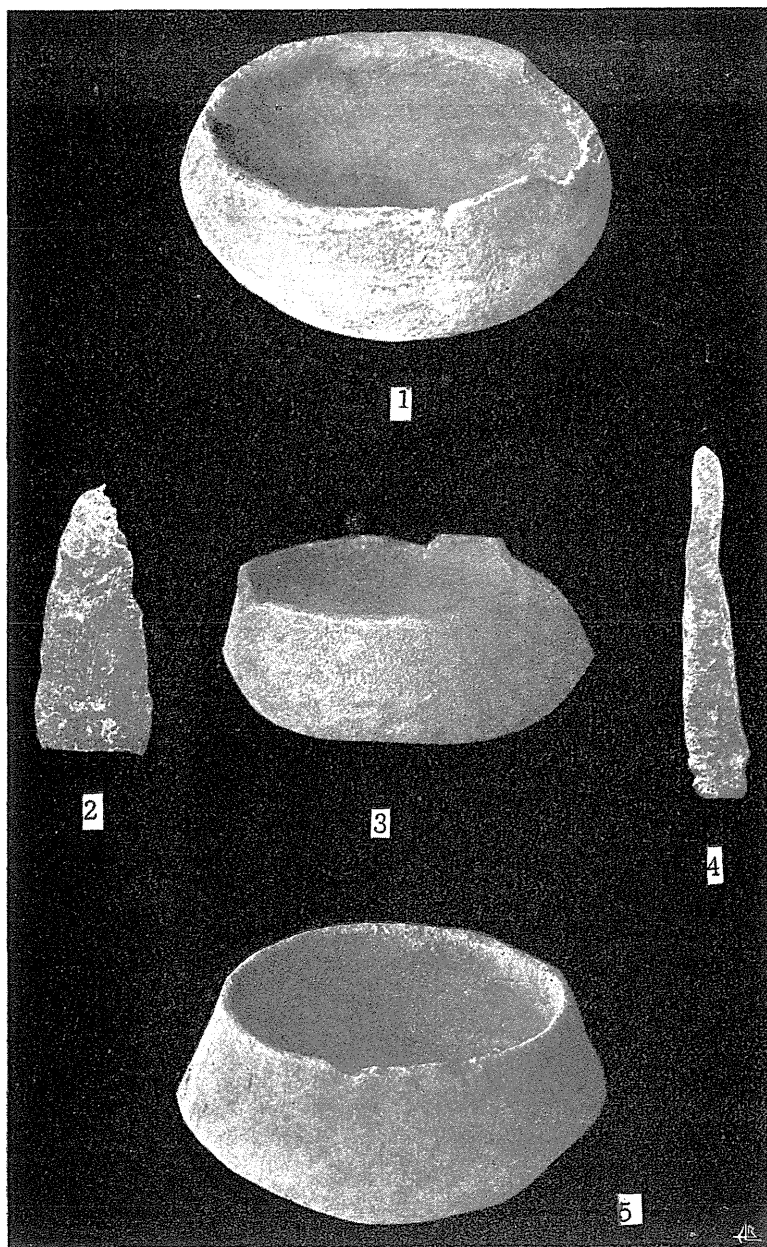


1

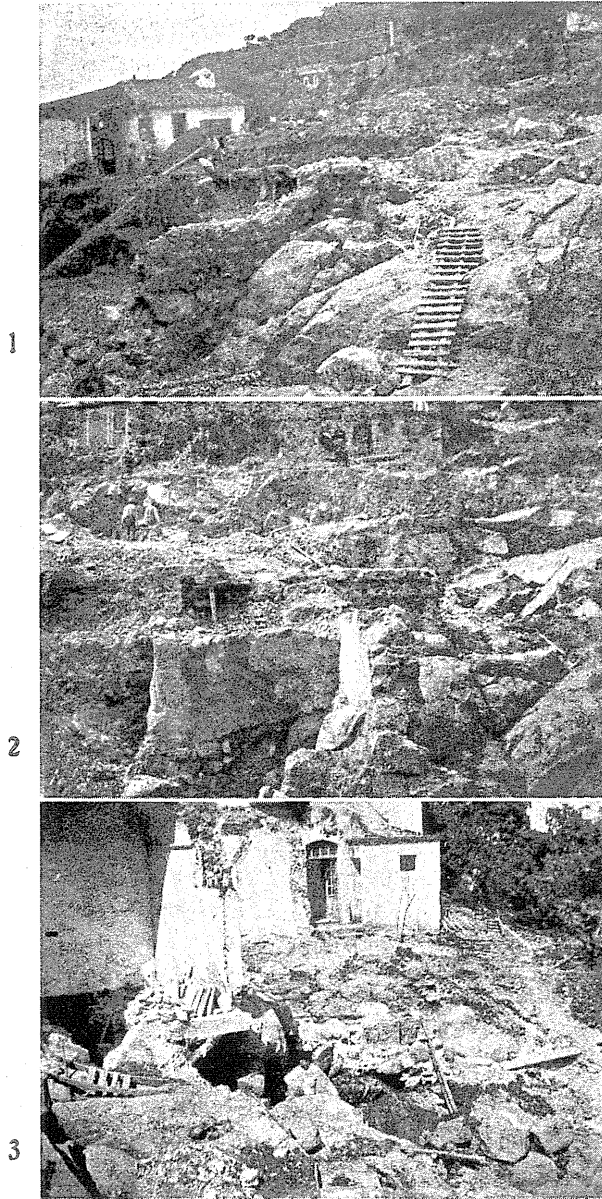


2

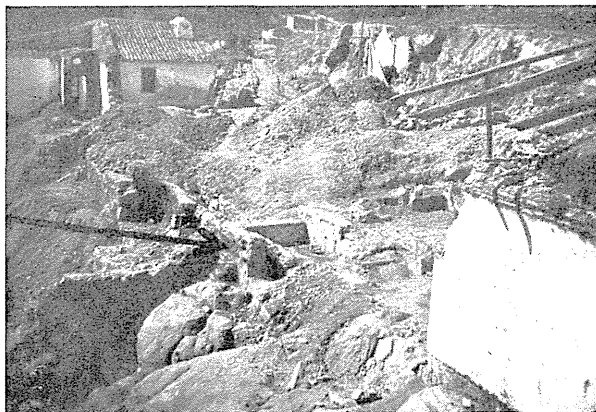
1 — Cista de Alcaria, em exploração ; 2 — Cista dos Pocilgais, finda a exploração.



1 a 5 — Cerâmica e punhais de bronze, da necrópole de Alcaria.



1 e 2 — Aspectos dos trabalhos de desaterro e desentulho no Barranco do Banho, vendo-se alicerces de várias épocas; 3 — Local dos vestígios das termas romanas.



1



2

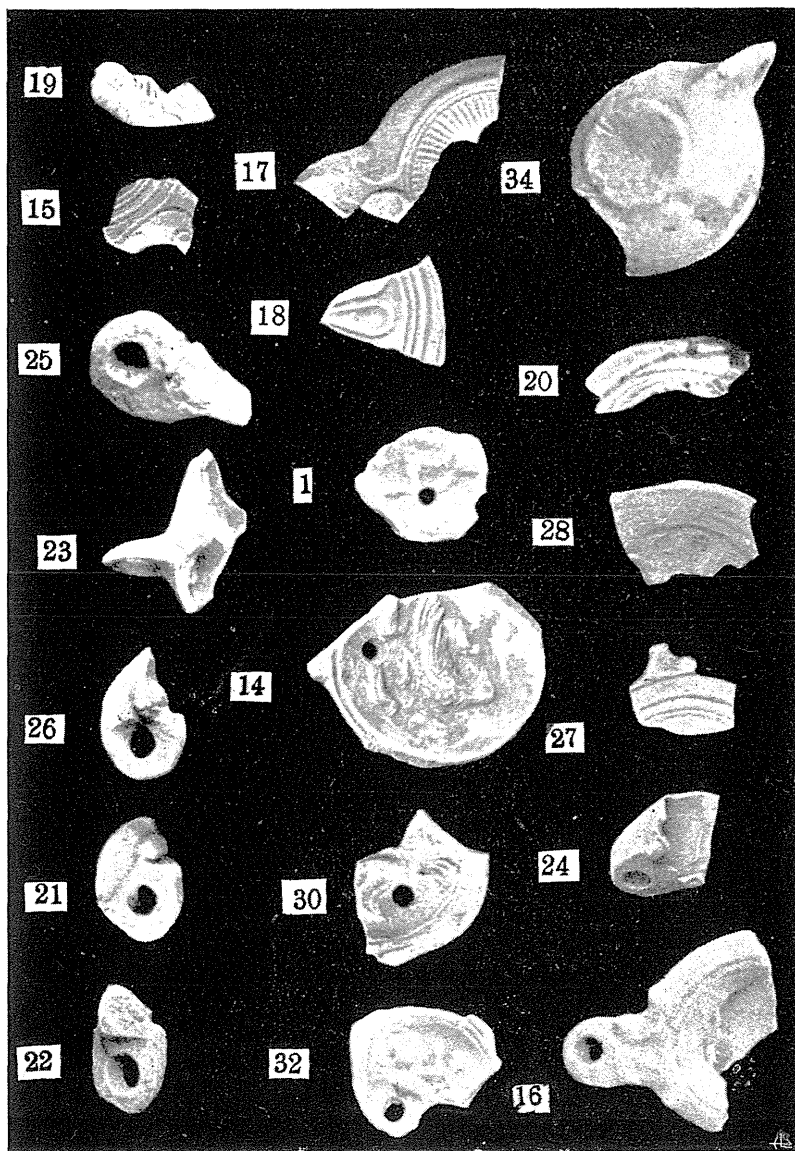


3

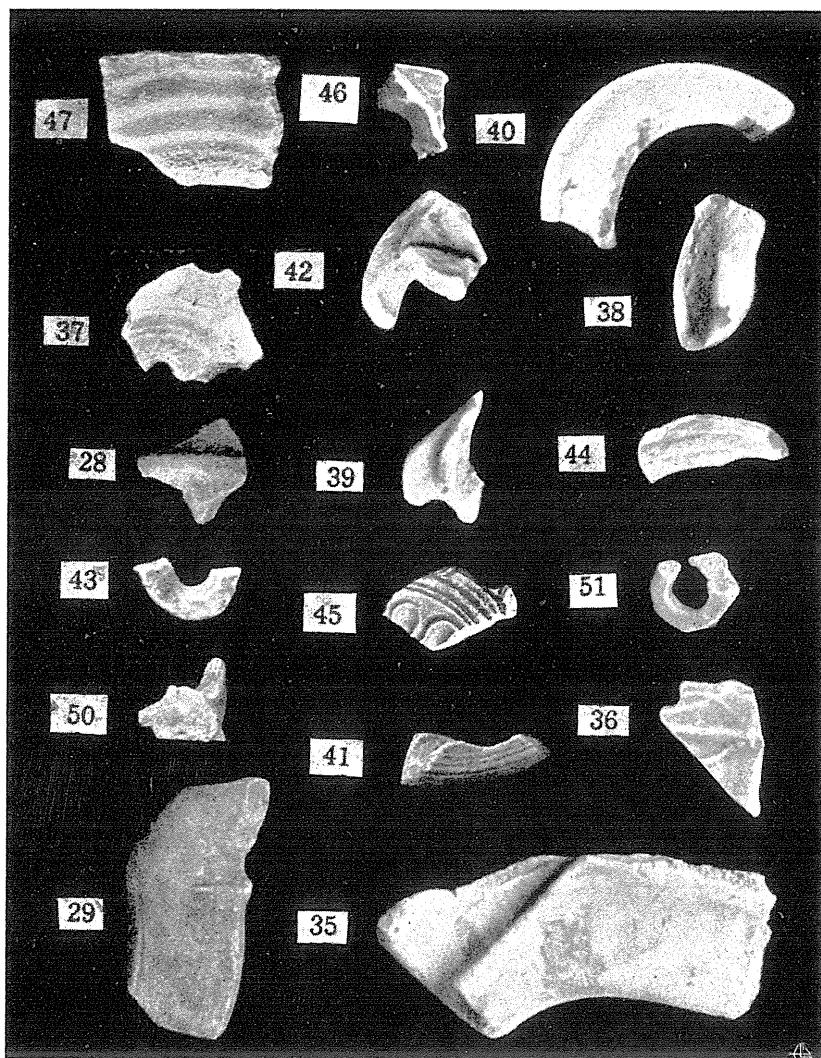
Termas romanas das Caldas de Monchique: 1 e 2 — As setas indicam o local onde se encontraram a maior parte dos objectos romanos; 3 — Aspecto das escavações, no local, onde se encontraram os objectos romanos.



Caldas de Monchique: 1 — Local das termas romanas; 2 e 3 — Restos de fundações das termas romanas.



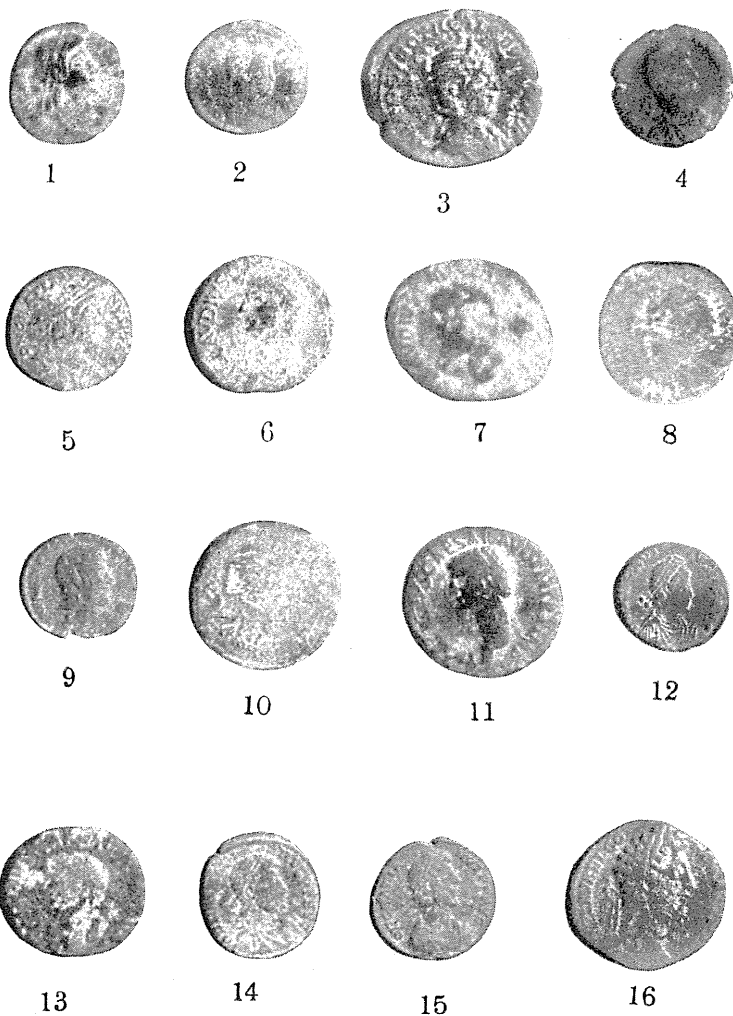
Fragmentos de lucernas dos entulhos sobrejacentes às ruínas do balneário romano das Caldas de Monchique.



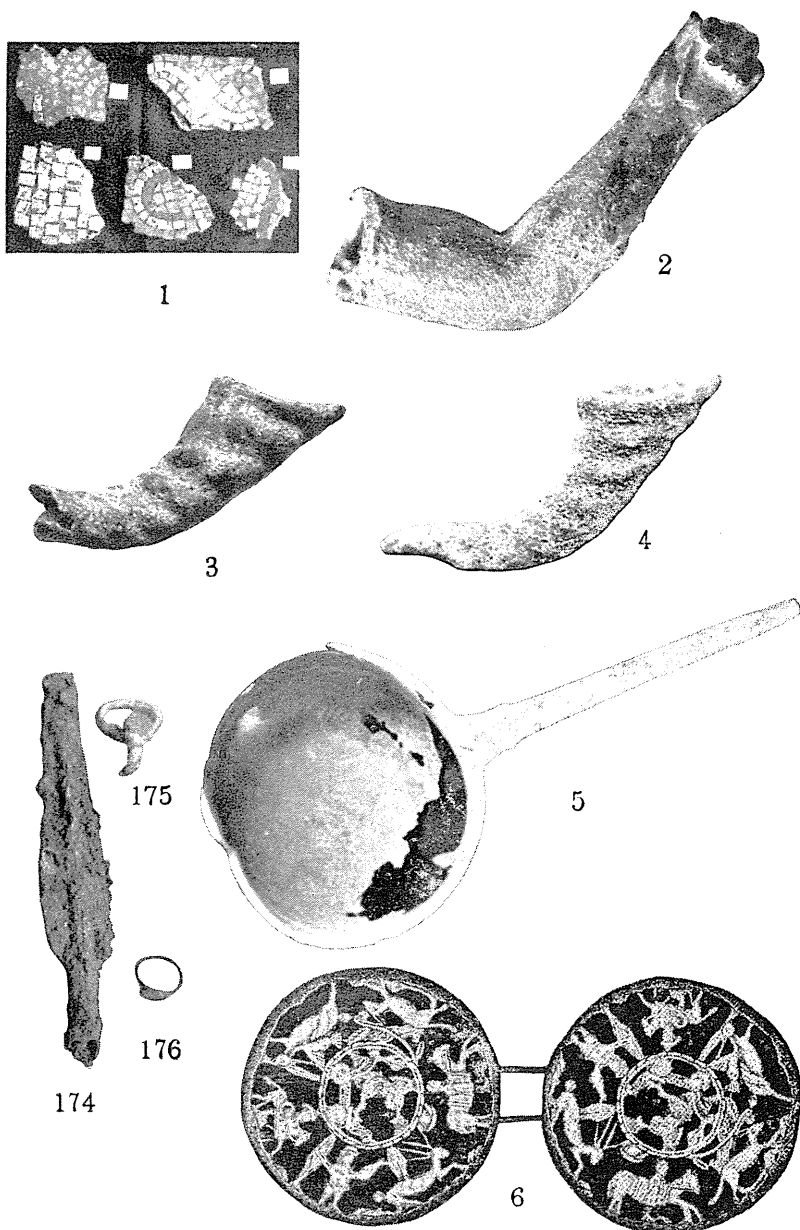
Fragmentos de cerâmica das ruínas do balneário romano das Caldas de Monchique.



Balneário romano das Caldas de Monchique: frente e perfil de uma estatueta de bronze (ampliada ao dobro).



Moedas encontradas nas ruínas do balneário romano.



1 — Fragmentos de mosaicos do balneário das Caldas de Monchique; 2, 3 e 4 — Braço de estatueta e cornucópias de bronze achados nas termas romanas; 6 — Abotoadura de prata, achada nos entulhos das antigas termas; 5, 174, 175 e 176 — Sertã de bronze «cuspis» de ferro, fivela e anel de bronze da necrópole da Alcaria.

*

* *

Ao concluirmos este modesto estudo que nas Caldas de Monchique fizemos até Dezembro de 1947, desejamos deixar aqui a expressão do nosso profundo reconhecimento ao Ex.^{mo} Senhor Director Geral de Minas e Serviços Geológicos, Engenheiro Luís de Castro e Solla, a quem devemos a possibilidade de realizar a parte mais extensa e mais importante das nossas investigações na Serra de Monchique.

Muito gratos nos confessamos, também, ao Sr. Dr. Georges Zbyszewski, de quem recebemos os melhores incitamentos no decurso dos nossos trabalhos e que nunca nos faltou com o seu autorizadíssimo conselho.

Ao Sr. Dr. José de Sousa Costa ficamos devedores não só das muitas facilidades que nos prestou nas Caldas de Monchique mas também da sua valiosa colaboração artística.

Os nossos agradecimentos, ainda, aos Ex.^{mos} Srs. Coronéis de Engenharia, Jorge e Artur Moreira, Maurice Favre e outros proprietários dos terrenos explorados, assim como aos Srs. Cláudio da Encarnação, António Ventura e mais pessoas que nos prestaram informações ou por vários modos nos auxiliaram no decurso dos trabalhos.

DESENHOS: artísticos, de José de Sousa Costa; os restantes, dos autores.

FOTOGRAFIAS: de Georges Zbyszewski, José de Sousa, Rui Freire de Andrade, José Borlinha (profissional de Lagos) e dos autores.